

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Eliziane Lima Rosa

**COMUNICAÇÃO PÚBLICA SECUNDÁRIA DA CIÊNCIA EM
IMPERATRIZ-MA: contribuições de uma instituição de ensino
superior pública federal para o desenvolvimento regional**

Taubaté

ELIZIANE LIMA ROSA

**COMUNICAÇÃO PÚBLICA SECUNDÁRIA DA CIÊNCIA EM
IMPERATRIZ-MA: contribuições de uma instituição de ensino
superior pública federal para o desenvolvimento regional**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Planejamento e Desenvolvimento Regional do Programa de Pós-Graduação em Administração do Departamento de Gestão e Negócios da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Planejamento e Desenvolvimento Regional

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Franchi Carniello.

Coorientador: Prof. Dr. Lourival da Cruz Galvão Júnior.

Taubaté

**Sistema Integrado de Bibliotecas -SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

R788c

Rosa, Eliziane Lima

Comunicação pública secundária da ciência em Imperatriz-MA: contribuições de uma instituição de ensino superior pública federal para o desenvolvimento regional / Eliziane Lima Rosa -- Taubaté : 2023.
163 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Departamento de Gestão e Negócios / Eng. Civil e Ambiental, 2023.

Orientação: Profa. Dr. Mônica Franchi Carniello, Coorientação: Lourival da Cruz Galvão Júnior - Departamento de Gestão e Negócios.

1. Desenvolvimento regional. 2. Comunicação científica e tecnológica. 3. Divulgação científica. 4. Imperatriz - MA. I. Título.

CDD – 338.9

ELIZIANE LIMA ROSA

COMUNICAÇÃO PÚBLICA SECUNDÁRIA DA CIÊNCIA EM IMPERATRIZ-MA:

contribuições de uma instituição de ensino superior pública federal para o desenvolvimento regional

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Planejamento e Desenvolvimento Regional pelo Programa de Pós-Graduação em Administração do Departamento de Gestão e Negócios da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Planejamento e Desenvolvimento Regional

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Franchi Carniello.

Coorientador: Prof. Dr. Lourival da Cruz Galvão Júnior.

Data: 24/10/2023.

Resultado: **APROVADA**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Monica Franchi Carniello

(Orientadora)

Assinatura:

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Documento assinado digitalmente

gov.br

MONICA FRANCHI CARNIELLO

Data: 06/11/2023 21:27:37-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Lourival Da C. Galvão Júnior

(Coorientador)

Assinatura:

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Documento assinado digitalmente

gov.br

LOURIVAL DA CRUZ GALVAO JUNIOR

Data: 06/11/2023 17:44:14-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Viviane Fushimi Velloso

(Membro Titular Interno)

Assinatura:

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Documento assinado digitalmente

gov.br

VIVIANE FUSHIMI VELLOSO

Data: 06/11/2023 20:44:59-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Grazielle Betina Brandt

(Membro Titular Externo)

Assinatura:

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

Documento assinado digitalmente

gov.br

GRAZIELLE BETINA BRANDT

Data: 06/11/2023 21:16:46-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



CamScanner

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus por me conceder a graça de viver este momento tão especial. Sou grata ao meu filho, por entender as minhas ausências. Sou grata aos meus pais, João Batista e Elizete, que sempre me incentivaram a lutar pelos meus sonhos e objetivos, mesmo sem compreender totalmente o significado de conquistar um título de mestre. Sou grata ao Thiannetan, meu esposo, pelo apoio, compreensão, disposição e por suprir minha falta com o João quando precisei. Sou grata à minha sogra, Josirene, que nunca mediu esforços para contribuir quando precisei viajar a Taubaté, cuidando do João com muito carinho e me tranquilizando com suas mensagens. Sou grata aos meus irmãos, Marcos e Márcio, que me socorreram quando precisei. Sou grata aos meus orientadores, a Profa. Dra. Mônica Carniello, pelo acolhimento, direcionamento e apontamentos coerentes e objetivos, e ao Prof. Dr. Galvão Júnior, pelo suporte, contribuições, motivação e esclarecimentos em todas as devolutivas. Agradeço a Profa. Dra. Viviane por todas as contribuições ao longo do trabalho, durante os seminários de pesquisa. Sou grata por ter conhecido e aprendido com o Prof. Dr. Edson Trajano e Prof. Dr. Edson Querido. Obrigada pelo acolhimento e a oportunidade de participar de um programa de pós-graduação de excelência como o da UNITAU. Aos amigos da Turma 12, a turma do Brasil Profundo, minha gratidão pelas trocas de experiências e pelas mensagens de incentivo e coragem, um carinho especial pela Aryane, minha conterrânea e amiga de viagens e emoções ao longo desses dois anos. Sou imensamente grata às pessoas que participaram dessa pesquisa, dedicando um tempo para colaborar. Agradeço a instituição pesquisada, pelo suporte e disponibilidade para contribuir com a pesquisa. Aos demais amigos que contribuíram com incentivo, palavras de apoio e força, minha gratidão. Essa trajetória só pode ser concluída com as pessoas que estiveram comigo. Muito obrigada.

DEDICATÓRIA

Ao meu filho João Francisco Casimiro de Sousa Lima, pelas horas roubadas de convívio.

“Sem ele [o diálogo], não há
comunicação e sem esta não há
verdadeira educação”

Paulo Freire.

RESUMO

Esta pesquisa é um estudo de caso qualitativo, exploratório e descritivo sobre a comunicação pública secundária da ciência de uma Instituição de Ensino Superior Pública Federal em Imperatriz-MA, tendo em vista o papel da Universidade para o Desenvolvimento Regional. O objetivo é compreender como os meios institucionais disponibilizados pela instituição têm sido utilizados para a promoção da comunicação pública secundária na região de Imperatriz. Os dados foram coletados a partir de pesquisa bibliográfica, documental, observação e entrevistas com roteiro semi-estruturado com três grupos de amostra da instituição (líderes dos grupos de pesquisa cadastrados no CNPq, representantes do setor de comunicação institucional e representantes do setor de extensão) e a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), utilizada para análise dos dados. A pesquisa bibliográfica mostra a importância da universidade para o desenvolvimento regional, por meio da produção e da disseminação do conhecimento científico. Ela destaca a necessidade de promover a comunicação pública secundária da ciência, que é uma forma de envolver a sociedade no processo científico e nas questões que afetam a sua realidade. A pesquisa bibliográfica também ressalta a extensão como uma maneira de aplicar o conhecimento produzido pela universidade e de aproximar e inserir a sociedade no processo de troca de saberes. A pesquisa documental analisou o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) anterior e o vigente da Instituição de Ensino Superior (IES), os eixos de comunicação institucional e o eixo de extensão e cultura. Observou-se que o eixo comunicação apresenta mudanças e continuidades em relação ao plano anterior, com foco na visibilidade da Instituição e no engajamento nas redes sociais. O eixo extensão e cultura apresenta mudanças em relação ao plano anterior, com preocupação com o público externo, dada maior ênfase no PDI 2022-26. A observação identificou que o principal canal que atende ao *corpus* da pesquisa que é o campus de Imperatriz é o portal e as redes sociais, mas com divulgação factual. Identificou que a instituição possui TV e rádio Universidade com programas específicos para a divulgação científica, mas em Imperatriz eles não são transmitidos na cidade e o acesso à programação depende do acesso pela internet. As entrevistas identificaram que existem algumas iniciativas dos pesquisadores de promover a divulgação científica, como envio de releases para imprensa local, palestras, projetos de extensão, entrevistas nos veículos locais e da instituição, mas a divulgação tem ocorrido principalmente entre os pares. Os meios institucionais disponibilizados são: TV, Rádio, Portal, Redes sociais da Instituição e o *Podcast* (iniciativa recente do campus de Imperatriz). Contudo, as pesquisas de Imperatriz nos meios como TV e rádio têm sido pouco divulgadas e o acesso a esse conteúdo depende do acesso à internet. No portal e nas redes sociais são divulgadas as pesquisas de Imperatriz, porém esses meios têm divulgado de forma factual. O *podcast* é o meio institucional de promoção da comunicação pública secundária do campus de Imperatriz.

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional. Comunicação Pública Secundária da Ciência. Imperatriz - MA. Divulgação Científica.

ABSTRACT

This research is a qualitative, exploratory and descriptive case study on the secondary public communication of science at a Federal Public Higher Education Institution in Imperatriz-MA, taking into account the role of the University for Regional Development. The objective is to understand how the institutional means made available by the institution have been used to promote secondary public communication in the Imperatriz region. Data were collected from bibliographical and documentary research, observation and interviews with a semi-structured script with three sample groups from the institution (leaders of research groups registered with CNPq, representatives from the institutional communication sector and representatives from the extension sector) and Content Analysis (BARDIN, 1977), used to analyze the data. Bibliographical research shows the importance of the university for regional development, through the production and dissemination of scientific knowledge. It highlights the need to promote secondary public communication of science, which is a way of involving society in the scientific process and in the issues that affect its reality. The bibliographical research also highlights extension as a way of applying the knowledge produced by the university and of bringing society closer and including it in the process of exchanging knowledge. The documentary research analyzed the previous and current Institutional Development Plan (PDI) of the Higher Education Institution (HEI), the institutional communication axes and the extension and culture axis. It was observed that the communication axis presents changes and continuities in relation to the previous plan, with a focus on the Institution's visibility and engagement on social networks. The extension and culture axis presents changes in relation to the previous plan, with concern for the external public, given greater emphasis in the PDI 2022-26. The observation identified that the main channel that serves the research corpus, which is the Imperatriz campus, is the portal and social networks, but with factual dissemination. He identified that the institution has University TV and radio with specific programs for scientific dissemination, but in Imperatriz they are not broadcast in the city and access to programming depends on internet access. The interviews identified that there are some initiatives by researchers to promote scientific dissemination, such as sending releases to the local press, lectures, extension projects, interviews in local and institutional vehicles, but dissemination has occurred mainly among peers. The institutional media available are: TV, Radio, Portal, Institution's social networks and Podcast (recent initiative by the Imperatriz campus). However, Imperatriz's research on media such as TV and radio has been little publicized and access to this content depends on access to the internet. Imperatriz's research is published on the portal and on social media, but these media have published it in a factual manner. The podcast is the institutional means of promoting secondary public communication on the Imperatriz campus.

Keywords: Regional Development. Secondary Public Communication of Science. Imperatriz - MA. Scientific divulgation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Hipóteses proposta por Sabine Sedlack (2013)	36
Quadro 2 - Atores do fluxo de comunicação primária e comunicação secundária	42
Quadro 3 - Comunicação Primária X Comunicação Secundária	43
Quadro 4 - Grupos de Pesquisa do Campus de Imperatriz Cadastrados no DGP	56
Quadro 5 - Amostra dos Representantes da Comunicação Institucional	59
Quadro 6 - Amostra Representantes da Extensão - PROEC	61
Quadro 7 - Programação da TV da Instituição pesquisada	75

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização Geográfica da Cidade de Imperatriz-MA	20
Figura 2 - Região de Influência de Imperatriz-MA	21
Figura 3 - Campo da comunicação pública	39
Figura 4 - Organograma da Superintendência de Comunicação e Eventos – SCE	58
Figura 5 - Organograma do Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEC.....	60
Figura 6 - Página Oficial da IES pesquisada – Página Inicial	69
Figura 7 - Página Oficial da IES – Notícias	70
Figura 8 - Página campus de Imperatriz – Página Inicial.....	71
Figura 9 - Página Oficial - Instagram.....	72
Figura 10 -Página Instagram - Campus Imperatriz.....	73
Figura 11 - Página Oficial Twitter	74
Figura 12 - Página Oficial da IES – TV.....	75
Figura 13 - Página Oficial Rádio Universidade.....	76
Figura 14 - Página da Rádio Ciência	77
Figura 15 - Página Oficial da IES – Divulgação.....	79
Figura 16 - Ações de Extensão	80
Figura 17 - Ações de Extensão	80
Figura 18 - Conceito de Divulgação Científica	100
Figura 19 - Papel da Universidade no Desenvolvimento Regional	101
Figura 20 – Meios Institucionais de Divulgação Científica.....	102

LISTA DE SIGLAS

AGEUFMA	Agência de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa, Pós Graduação e Internacionalização.
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
CP	Comunicação Primária.
CS	Comunicação Secundária.
DCOM	Diretoria de Comunicação.
DGP	Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil.
IES	Instituição de Ensino Superior.
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional.
PPI	Plano Pedagógico Institucional.
PROEC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.
SCE	Superintendência de Comunicação e Eventos.
SEI	Sistema Eletrônico de Informações.
UFMA	Universidade Federal do Maranhão.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
1.1	PROBLEMA	16
1.2	OBJETIVO GERAL.....	16
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
1.4	DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	16
1.5	RELEVÂNCIA DO ESTUDO	18
1.6	ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	22
2	UNIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO	23
2.1	Universidade na Modernidade.....	23
2.2	A Universidade no Brasil	25
2.3	Desenvolvimento	28
2.4	Universidade e Desenvolvimento	31
3	COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL	38
3.1	Comunicação pública e tipos de comunicação científica.....	38
3.1	Desenvolvimento Regional	44
3.2	Comunicação para o Desenvolvimento	49
4	MÉTODO	54
4.1	Tipo de pesquisa	54
4.2	Área de realização.....	55
4.3	População e amostra.....	55
4.4	Instrumentos.....	62
4.5	Coleta de dados	63
4.6	Análise de dados	64
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	66
5.1	Pesquisa bibliográfica.....	66
5.2	Pesquisa Documental.....	66
5.3	Observação	69
5.2	Entrevistas.....	80
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS	106
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	112

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	114
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	116
APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	118
APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	120
APÊNDICE F - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	122
APÊNDICE G - ROTEIRO DE ENTREVISTA	124
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	126
ANEXO B - RELATÓRIO DE ENTREVISTAS (GRUPO I)	127
ANEXO C - RELATÓRIO DE ENTREVISTAS (GRUPO II)	143
ANEXO D - RELATÓRIO DE ENTREVISTAS (GRUPO III)	149
ANEXO E - OBJETIVOS, METAS E RESULTADOS - PDI 2017-2021	152
ANEXO F - OBJETIVOS, METAS E RESULTADOS - PDI 2017-2021.....	153
ANEXO H - OBJETIVOS METAS E AÇÕES – PDI 2022-26	154
ANEXO I - OBJETIVOS, METAS E AÇÕES – PDI 2022-26.....	156
ANEXO J - PROGRAMAÇÃO RÁDIO UNIVERSIDADE	159
ANEXO K- MEIOS UTILIZADOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA GRUPO II	161
ANEXO L - MEIOS INSTITUCIONAIS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	162
ANEXO M - PÁGINA PODCAST - CAMPUS IMPERATRIZ.....	163

1. INTRODUÇÃO

O papel das universidades como agentes de mudança social e ambiental nas regiões onde atuam é uma temática presente nas agendas que pautam o desenvolvimento, principalmente a partir da década de 1990, que foi marcada pelo debate sobre os novos papéis sociais das universidades diante da sua relevância social (DE-OLIVEIRA, 2013).

No entanto, por muito tempo prevaleceu a tendência de que o Desenvolvimento era o resultado somente de força produtiva. Furtado (1983) defende que o verdadeiro desenvolvimento é, antes de tudo, um processo de ativação e de canalização das forças sociais fomentadas pela capacidade de associação e de promoção da iniciativa e da inventividade humana. Assim, ele considera que o desenvolvimento é um processo social e cultural e, não apenas um processo econômico.

Percebe-se que o desenvolvimento não se referencia somente às questões econômicas, pois ele envolve aspectos sociais, históricos e institucionais, entre outros fatores que contribuem para o crescimento e desenvolvimento da população. Além disso, o papel das universidades na contemporaneidade não se limita apenas a preparar profissionais para carreiras de base mercadológica e intelectual, mas que tenham também uma função social.

Nessa perspectiva, de acordo com Serra et al. (2018), as universidades contribuem para o desenvolvimento regional por meio de suas atividades de ensino, pesquisa e transferência de conhecimento, que formam capital humano qualificado, geram inovações e competências e transformam a realidade socioeconômica das regiões.

Sedlacek (2013), por outro lado, diz que a universidade influencia a sociedade formando e educando as pessoas para participar da governança, tanto em nível nacional quanto regional. Assim, nota-se que as universidades contribuem com o desenvolvimento regional devido a sua proximidade com os atores da sociedade civil e por suas ações afetarem diretamente a sociedade.

É possível observar, ainda, impactos diversos nas regiões que abrigam uma universidade, que pode atuar como um meio de promoção ao desenvolvimento diante da sua aproximação da sociedade e do seu potencial decorrente de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Porém, para que a sociedade se

beneficie do conhecimento produzido pela universidade é necessário que essas Instituições de Ensino Superior (IES), compartilhem o conhecimento gerado. Assim sendo, é necessário que haja a transferência de conhecimento que pode ocorrer por meio da comunicação pública da ciência.

A comunicação pública, segundo Brandão (2009), é a forma de expressão da voz do cidadão na vida política de um país. Ela se caracteriza pelo processo de comunicação que ocorre na esfera pública entre o Estado, o governo e a sociedade, buscando ser um espaço privilegiado de negociação entre os interesses das diferentes instâncias de poder que compõem a vida pública no país.

A instituição pública/governamental deve ser vista como uma instituição aberta, que se comunica com a sociedade, os meios de comunicação e o sistema produtivo. Ela deve transcender a burocracia e se aproximar do cidadão comum, por meio de uma parceria com os meios de comunicação. Ela deve escutar a sociedade, atender às suas necessidades e buscar soluções para os problemas mais urgentes da população, como saúde, educação, transportes, moradia e exclusão social (KUNSCH, 2012).

Epstein (2012) propõe uma maneira de analisar e entender a comunicação da ciência, que é a forma como a ciência é divulgada para o público em geral. O autor distingue dois tipos de discurso na comunicação da ciência: o discurso interpares, que é a comunicação entre os cientistas, que ele chama de primária; e o discurso público, que é a divulgação para o público leigo ou não especializado, que ele chama de secundária ou divulgação científica.

Existem diferenças entre esses dois discursos em termos de linguagem, conteúdo, objetivos e meios de veiculação. Assim como há uma assimetria entre os dois discursos, o discurso interpares é autônomo e não depende do discurso público, mas o discurso público depende do discurso interpares como fonte de informação (EPSTEIN, 2012). Esta pesquisa se restringe à comunicação secundária, que tem diferenças em relação ao discurso interpares.

Assim, levando em conta a contextualização de comunicação pública e comunicação da ciência, a comunicação pública secundária da ciência é uma atividade essencial para que a universidade possa cumprir seu papel social e contribuir para o desenvolvimento regional, considerando que as universidades são reconhecidas como importantes agentes de desenvolvimento nas regiões onde estão localizadas

1.1 PROBLEMA

Como uma Instituição de Ensino Superior público federal de Imperatriz - MA promove a comunicação pública secundária da ciência e contribui para o Desenvolvimento Regional?

1.2 OBJETIVO GERAL

Compreender como os meios institucionais disponibilizados por uma Instituição de Ensino Superior pública federal na cidade de Imperatriz - MA têm sido utilizados para a promoção da comunicação pública secundária da ciência na região, considerando o impacto dessa divulgação para o desenvolvimento regional.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discorrer sobre desenvolvimento a partir do diálogo entre universidade e sociedade;
- Identificar as relações entre universidade e desenvolvimento regional;
- Analisar como tem sido realizada a divulgação científica por uma instituição de ensino superior pública federal da cidade de Imperatriz – MA;
- Apresentar como essa instituição contribui para o desenvolvimento por meio da comunicação pública secundária da ciência.

1.4 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo pesquisa a comunicação pública secundária da ciência com o intuito de responder como uma Instituição de Ensino Superior pública federal promove a comunicação pública da ciência para os diversos setores da sociedade e, para isso, será necessário investigar quais são os meios institucionais que essa instituição disponibiliza para dar conhecimento à sociedade da sua produção científica e como eles têm sido utilizados pelos pesquisadores.

O delineamento espacial desse estudo será da cidade de Imperatriz-MA e o critério para composição do *corpus* de pesquisa serão os líderes de grupo de pesquisas vinculados ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

Tecnológico (CNPQ), independentemente da área de conhecimento. Além dos líderes dos grupos de pesquisa farão parte do *corpus* da pesquisa os responsáveis pelo setor de comunicação institucional e o setor de extensão dessa Instituição de Ensino Superior - IES.

É importante situar essa IES e sua localidade no país. Considerando-se apenas as universidades como critério de organização acadêmica, segundo o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Ensino Superior (Cadastro e-MEC), esta instituição é a única IES pública federal do estado do Maranhão.

O estado do Maranhão tem uma população de 7.153.262 habitantes distribuídos em 329.651 quilômetros quadrados e conta atualmente com 217 municípios. O Índice de Desenvolvimento Humano – IDH – do Estado é de 0,639 (IBGE, 2010; 2021).

Além da capital, São Luís, a IES pesquisada está presente em oito cidades do estado, sendo elas: Bacabal, Balsas, Chapadinha, Codó, Grajaú, Imperatriz, Pinheiro e São Bernardo, porém esse estudo delimita-se a pesquisar somente à atuação na cidade de Imperatriz. É importante mencionar que Imperatriz é a segunda maior cidade do estado do Maranhão e foi a primeira cidade do Estado a possuir um campus dessa IES no interior do Estado.

Ressalte-se ainda que Imperatriz - MA possui o maior campus dessa IES fora da capital do Estado, com o maior número de cursos de graduação e pós-graduação e, ainda, o maior número de alunos e servidores. Assim, devido à necessidade de delimitar o campo de estudo e diante da relevância do município para a instituição e para o estado, esta pesquisa será realizada apenas no município de Imperatriz - MA.

Portanto, com o intuito de delinear o tema, esta pesquisa aborda a comunicação pública secundária da ciência. A área de comunicação é composta pelos elementos do processo de comunicação que caracterizam os territórios da comunicação. Partindo disso, esta pesquisa se limita a explorar os territórios do emissor e da mensagem. Considerando assim, que no território do emissor cabem todas as pesquisas relacionadas às linguagens, discursos, sistemas e processos sógnicos. E que na área das mensagens, trata sobre a situação em que ocorre a comunicação (SANTAELLA, 2001). Nessa pesquisa, os campos abordados serão o da emissão e mensagem. Não será abordada a população em geral.

É importante mencionar que o *corpus* da pesquisa são os líderes dos grupos de pesquisa vinculados ao CNPQ, que estão disponíveis para consulta pública na

página do diretório dos grupos de pesquisa no Brasil. E, ainda, os responsáveis pela comunicação institucional e pela extensão da IES pesquisada, tendo como referência o organograma da referida instituição.

Desse modo, pretende-se compreender os meios institucionais disponibilizados por uma Instituição Ensino Superior e como eles têm sido utilizados para a promoção da comunicação pública secundária da pesquisa, conforme o objetivo geral desse estudo, tendo como campo de estudo uma Instituição de Ensino Superior pública federal localizada na cidade Imperatriz-MA.

1.5 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Esta pesquisa surgiu da necessidade de identificar os meios pelos quais um IES pública federal divulga à sociedade as pesquisas científicas que são realizadas pelo seu corpo acadêmico. Busca-se, na investigação, analisar como a IES promove a comunicação pública da ciência a fim de entender a contribuição da universidade no desenvolvimento regional.

Justifica-se a relevância desse estudo partindo-se da compreensão de que há necessidade de a sociedade ter acesso aos resultados das pesquisas científicas, sendo esse pensamento baseado em Le Coadic (1996), para o qual:

As atividades científicas e técnicas são o manancial de onde surgem os conhecimentos científicos e técnicos que se transformarão, depois de registrados, em informações científicas e técnicas. Mas, de modo inverso, essas atividades só existem só se concretizam, mediante essas informações. A informação é o sangue da ciência. Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver. Sem informação a pesquisa seria inútil e não existiria o conhecimento. Fluido precioso, continuamente produzido e renovado, a informação só interessa se circula, e, sobretudo, se circula livremente. (LE COADIC, 1996, p. 10).

O estado do Maranhão possui 72 Instituições de Ensino Superior, sendo que, no que se refere à organização acadêmica, quatro são centros universitários; 62 são faculdades; um é instituto federal e cinco são universidades. No que se refere à natureza jurídica, entre as cinco universidades maranhenses, estão: uma instituição privada sem fins lucrativos; outras três são públicas estaduais e somente uma é pública federal (e-MEC, 2023).

Nessa perspectiva, de acordo com o Decreto nº 5.773 de 2006, as Instituições de Ensino Superior são credenciadas de acordo com sua organização e

prerrogativas acadêmicas como: faculdades, centros universitários e universidades. As universidades são caracterizadas pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e por uma produção intelectual institucionalizada por meio de estudos sistemático dos temas e problemas mais relevantes do ponto de vista científico e cultural, sejam eles regional ou nacional.

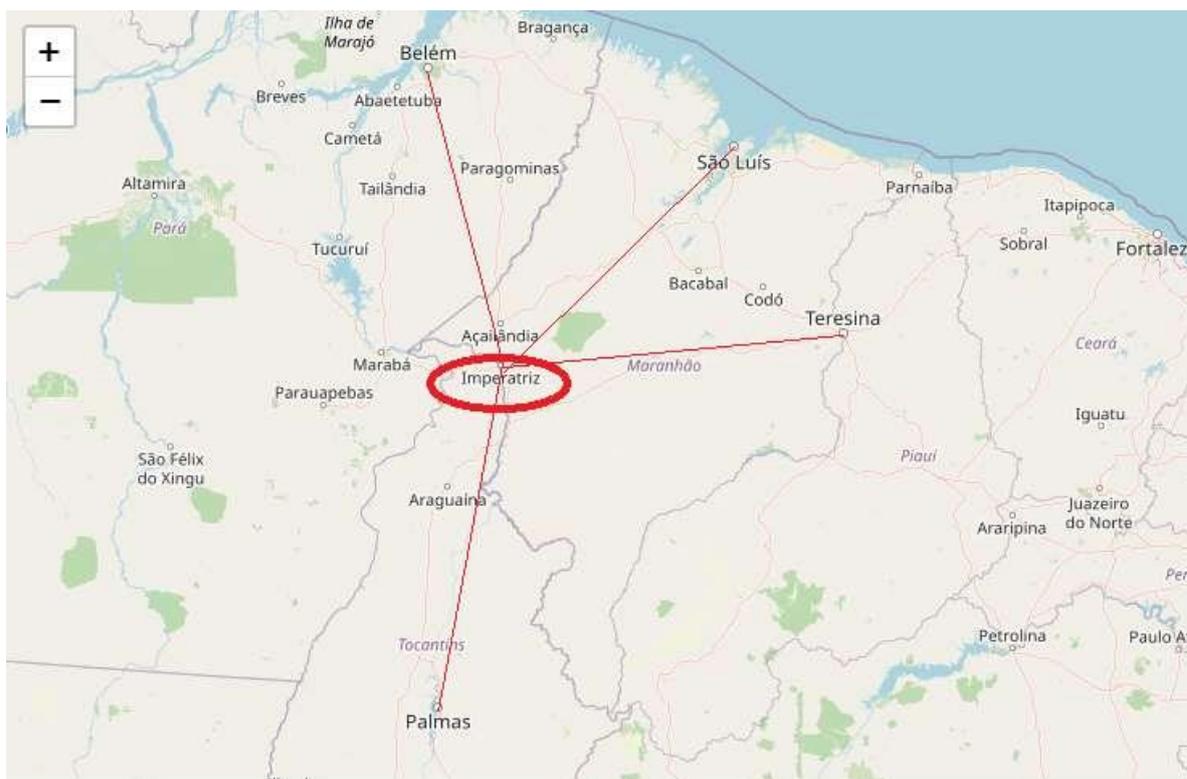
Além disso, a instituição pesquisada foi a primeira voltada ao Ensino Superior no estado, instituída pelo Governo Federal, pela Lei n.º 5.152, de 21/10/1966, em São Luís, capital do estado do Maranhão. Na cidade de Imperatriz, essa IES está presente desde a década de 1980 e, atualmente, seu campus conta com um corpo docente formado por cerca de 210 professores, 60 servidores técnico-administrativos e aproximadamente 2 mil alunos matriculados (SITE OFICIAL UFMA, 2023).

Por outro lado, dentre as Instituições de Ensino Superior presentes em Imperatriz, a IES objeto desse estudo possui o maior número de programas de pós-graduação - quatro programas de mestrado e um programa de doutorado.

Partindo disso, percebe-se o impacto dessa instituição no Estado no que se refere à produção de conhecimento e a relevância do tema diante da importância em compreender o papel dessa IES pública federal, para a promoção do desenvolvimento da região por meio da transferência do conhecimento que é produzido.

É também importante mencionar a localização estratégica de Imperatriz, como descreve a Figura 01. A cidade é cortada pela BR-010 e está a uma distância média de 600 km de quatro capitais: São Luís/MA, Palmas/TO, Belém/PA e Teresina/PI.

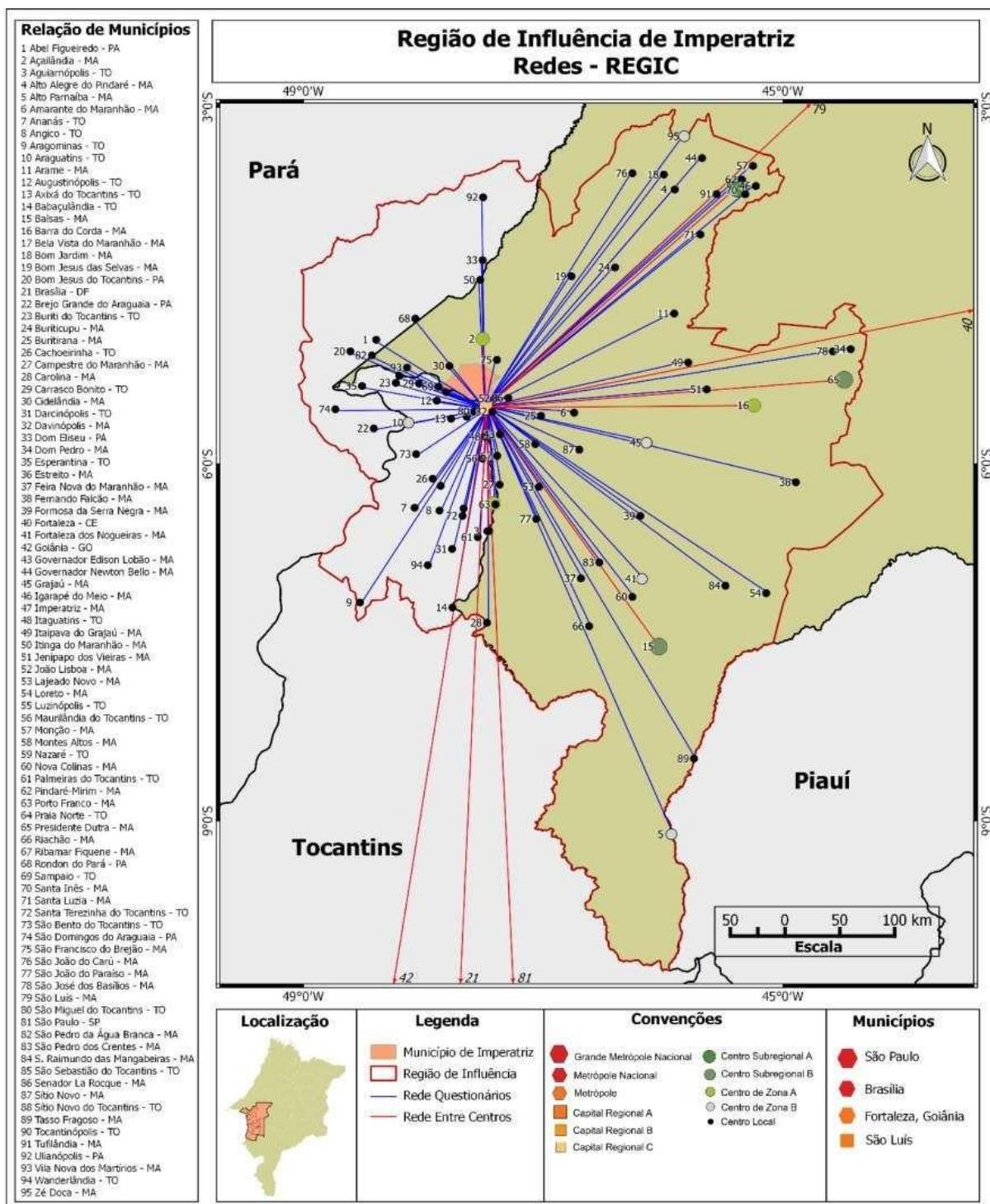
Figura 1 - Localização Geográfica da Cidade de Imperatriz-MA



Fonte: <https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-imperatriz.html>, com consulta em 02/01/2023 e adaptação pela autora.

Como resultado disso, Imperatriz-MA possui uma região de influência que vai além de seus limites do estado. Araújo (2016) elaborou um mapa que apresenta as regiões que são influenciadas por Imperatriz – MA. Ele menciona que a cidade inclui um total de 95 cidades em sua rede de influência, conforme a Figura 02.

Figura 2 - Região de Influência de Imperatriz-MA



Fonte: Araújo (p. 90, 2016).

Desse modo, diante do impacto dessa IES na cidade de Imperatriz – MA e na região, tendo em vista o seu potencial em termos de organização administrativa e categoria acadêmica e pela cidade de Imperatriz - MA possuir uma ampla influência na região que se estende além das fronteiras do estado do Maranhão, e ainda diante

da importância da comunicação pública secundária da pesquisa para o desenvolvimento regional, justifica-se a relevância dessa pesquisa.

Portanto, este estudo faz uma abordagem dos pressupostos teóricos em torno de universidade, desenvolvimento, territórios, desenvolvimento regional e comunicação. Discute o papel da universidade no desenvolvimento regional e investiga como funciona o processo de transferência da comunicação pública secundária da ciência pensando a partir dos grupos de pesquisas dessa Instituição de Ensino Superior federal na cidade de Imperatriz - MA.

1.6 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A dissertação está organizada em seis seções: introdução, referencial teórico, metodologia, resultados, discussão e considerações finais. Na introdução, é apresentado o tema da comunicação pública secundária da ciência e o papel da universidade no desenvolvimento, o problema de pesquisa, o objetivo gerais e específicos, a delimitação e a relevância do estudo.

O referencial teórico é dividido em duas seções: na primeira, são discutidos os conceitos de universidade e desenvolvimento, abordando a história, as funções e as relações entre essas instituições e a sociedade; na segunda, são discutidos os conceitos de comunicação e desenvolvimento regional, abordando as formas, as funções e as implicações da comunicação pública da ciência para o desenvolvimento regional.

A metodologia descreve o tipo de pesquisa, a área de realização, a população e a amostra, os instrumentos de coleta de dados e a análise de dados. Os resultados apresentam os dados coletados por meio de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observação e entrevistas. A discussão analisa e interpreta os dados coletados, confrontando-os com o referencial teórico. As considerações finais sintetizam as principais conclusões, limitações e recomendações para pesquisas futuras.

2 UNIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO

Este capítulo trata sobre a universidade na modernidade, a universidade no Brasil, o desenvolvimento e a universidade e o desenvolvimento. O objetivo é discutir o papel da universidade como uma instituição social que produz e transmite o conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento econômico, social e cultural das regiões em que está inserida. O capítulo se divide em quatro seções e busca contribuir para uma reflexão crítica sobre o papel da universidade na promoção do desenvolvimento.

2.1 Universidade na Modernidade

A universidade moderna está intimamente ligada aos marcos traçados por Humboldt. “A universidade moderna tem sua origem na organização da Universidade de Berlim em 1808 e tem suas origens no famoso texto de Humboldt de 1810 intitulado: Sobre a organização interna e externa das instituições científicas superiores em Berlim.” (PEREIRA, 2009, p. 28). Este texto é considerado a reflexão mais significativa e sucinta sobre a universidade. Embora formulado há mais de dois séculos, o pensamento de Humboldt ainda é relevante quando se discute o rumo da universidade contemporânea. (ARAÚJO, 2009; PEREIRA, 2009).

A discussão sobre a universidade moderna surge em uma época histórica em que os ditames epistemológicos rigidamente controlados pela igreja deixaram de ter o poder dos séculos passados e dava lugar à ciência, que surgia como o aspecto estruturante do mundo moderno. A Revolução Industrial, ocorrida principalmente na Inglaterra, deixou claro os novos rumos do mundo. (PEREIRA, 2009)

Partindo da posição de Humboldt, Araújo (2009) nomeia duas tarefas para a universidade: o desenvolvimento científico e a formação moral e intelectual. Ele observa que essas duas tarefas não são vistas como autônomas e complementares. Na concepção de Araújo (2009), Humboldt explica que as instituições mencionadas se organizam internamente combinando “ciência objetiva” com “formação subjetiva” e deixa claro que seu carro-chefe, assim como seu objetivo, é a ciência.

A partir disso fica claro que as discussões sobre a universidade moderna e sua função na sociedade foram moldadas por uma série de movimentos de cunho intelectual, que se intensificaram com o iluminismo; a revolução industrial e

consequentemente a secularização da cultura, esse movimento foi moldado entre o século XVIII e primeiras décadas do século XIX. A partir de então, o cenário para as universidades era favorável para crises posteriores.

Nessa perspectiva, Santos (2008) aborda que no final do século XX a universidade se deparou com crises de hegemonia, legitimidade e institucional. No que se refere à crise de hegemonia, ele menciona que:

A crise de hegemonia pode ser entendida com o resultado das contradições entre as funções tradicionais da universidade e as que ao longo do século XX lhe tinham vindo a ser atribuídas, de um lado, a produção de alta cultura, pensamento crítico e conhecimentos exemplares, científicos e humanísticos, necessários à formação das elites de que a universidade se tinha vindo a ocupar desde a Idade Média europeia. Do outro, a produção de padrões culturais médios e de conhecimentos instrumentais, úteis na formação de mão de obra qualificada exigida pelo desenvolvimento capitalista (SANTOS, 2004, p.137).

Com base nisso, é possível dizer que a universidade entrou em crise de hegemonia por não ser mais a única instituição no campo da educação superior e da produção de pesquisas. Isso se deve à incapacidade da universidade em cumprir plenamente as funções tradicionais da universidade e as funções que lhe foram atribuídas ao longo do século XX, levando o Estado a buscar outras formas para que fossem atendidas essas necessidades fora da universidade.

Santos (1989) atribui a hegemonia da universidade à dicotomia educação-trabalho. Ele pontua que a educação era entendida como o desenvolvimento da alta cultura, a formação do carácter. Como uma espécie de aculturação e socialização adequada a direccionar a sociedade, passou a ser também educação para o trabalho, com desenvolvimento de habilidades técnicas especializadas, que atendia às demandas do desenvolvimento tecnológico que foi impulsionado pela revolução industrial que eclodia na Inglaterra.

Nesse contexto, Santos (1989) menciona que havia certa relação entre hegemonia e legitimidade. Tendo em vista que os fatores da crise hegemônica estão presentes na crise de legitimidade. Sobre a crise de legitimidade ele menciona o seguinte:

A crise de legitimidade foi provocada pelo fato da universidade ter deixado de ser uma instituição consensual em face da contradição entre a hierarquização dos saberes especializados através das restrições do acesso e da credenciação das competências, por um lado, e as exigências sociais e políticas da democratização da universidade e da reivindicação da igualdade de oportunidades para os filhos das classes populares, por outro. (SANTOS, 2004, p.138).

De outro modo, fica claro que a crise de legitimidade pode ser caracterizada pelo fato de a universidade deixar de produzir conhecimento apenas para uma elite minoritária, que se separa da sociedade por causa de sua classe social. E ainda pode ser caracterizada pela luta das demais classes sociais por direitos iguais ao ingresso na universidade.

A crise institucional, por sua vez, resultou da contradição entre a reivindicação da autonomia na definição dos valores e objetivos da universidade e a pressão crescente para submeter à universidade aos critérios de eficácia e de produtividade imposta pelo mercado. Desse modo, a crise institucional é considerada por Santos (1989; 2004), de maior proporção e é o elo mais fraco da universidade pública, pois a autonomia científica e pedagógica da universidade depende financeiramente do Estado.

Goergen (2005), por outro lado, menciona que a universidade enfrenta uma crise de identidade. As dimensões disso, segundo ele, são as crises: conceitual, contextual e textual. Nesse sentido, ele trata que a crise conceitual ocorre porque o conceito de universidade tem sido utilizado de forma genérica. A crise contextual diz respeito à relação entre a universidade e a sociedade e o contexto em que estão inseridas. Cita como exemplos a ciência e a tecnologia, a agilidade de disseminar informações e conhecimentos por meio da mídia.

E por fim, a crise textual, Goergen (2015) fala sobre o desafio que a universidade enfrenta seja no campo do ensino ou pesquisa, ao fazer ou deixar de fazer, de forma que atenda as questões éticas. No entanto, as dimensões da crise da universidade que foram mencionadas aqui “não têm sentido no contexto brasileiro, pois não havia clareza no Brasil sobre a instituição universidade e os projetos de criação de uma universidade brasileira tinham pouco tempo de existência” conforme planejado. (PEREIRA, 2009, P. 39).

2.2 A Universidade no Brasil

Segundo Teixeira (1968), o Brasil não teve universidade durante o período colonial. Somente após a transmigração da Família Real, foram criadas as primeiras escolas de Medicina, seguidas pelas faculdades de Direito, Minas e Mineralogia e Engenharia. Apesar de vários projetos de universidade terem sido propostos desde

José Bonifácio até Rui Barbosa, todos foram rejeitados pelo governo e pelo parlamento.

Inicialmente, a República também não criou a universidade. Apenas em 1920, quatro escolas superiores no Rio de Janeiro receberam o nome de universidade, mas só foram efetivadas em 1937. Em 1934, surgiu a primeira universidade em São Paulo e, em 1935, uma no antigo Distrito Federal, Rio de Janeiro, que logo foi extinta. O Brasil mantinha uma posição de defender uma educação superior de caráter utilitária e limitada às profissões (TEIXEIRA, 1968).

Conforme, menciona Anísio de Teixeira - **"esta universidade, pois, criada no Brasil em 1920, é o primeiro arremêdo de universidade que o País tem** (TEIXEIRA, 1968, p. 25 – grifo nosso). E chama atenção para que o ensino superior brasileiro era marcado pela tradição de formar profissionais utilitários, sem uma visão mais ampla da educação.

Nesse contexto, Durham (1998) analisa o ensino superior no Brasil, segundo o qual o sistema de ensino superior era formado por escolas autônomas para a formação de profissões liberais até a década de 1920, e cita como exemplos: advogados, médicos, engenheiros e agrônomos. E a pesquisa dependia fortemente de institutos nacionais ou estaduais, a maioria dos quais se concentrava em pesquisas de interesse desses institutos.

No entanto, como essa década foi marcada pelo movimento modernista, a ideia de universidades modernas aliando ensino e pesquisa foi fortalecida pelo trabalho de estudiosos e educadores representantes da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Brasileira de Letras. A década 1930, foi marcada pela fundação da Universidade do Distrito Federal e da Universidade de São Paulo, nos moldes da universidade moderna. Como resultado, grupos de pesquisa foram formados e organizados em várias das novas universidades, consolidando o modelo proposto (DURHAM, 1998).

Segundo Saviani (2010), a educação brasileira passou por uma mudança significativa após a Revolução de 1930, quando o Estado nacional assumiu o protagonismo na Educação. Nesse contexto, ele menciona que foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, que promoveu a Reforma Francisco Campos em 1931, reformulando a estrutura das universidades no país, que estabeleceu o Estatuto das Universidades Brasileiras.

Além disso, menciona que foram fundadas importantes instituições de ensino superior, como a Universidade de São Paulo, em 1934; a Universidade do Distrito Federal, em 1935, que ficava na cidade do Rio de Janeiro na época e diversas universidades federais nas capitais dos estados, entre as décadas de 1940 e 1970. Dalabrida menciona que – **“a Reforma Francisco Campos, (...) marca uma inflexão significativa na história do ensino secundário brasileiro, pois ela rompe com estruturas seculares nesse nível de escolarização”** – (DALLABRIDA, 2009, p.185 – grifo nosso).

Durham (1998) aborda que a reforma universitária de 1968, impulsionada por um movimento estudantil, modernizou a universidade e observa que nesta década "duas importantes instituições federais de apoio à pesquisa e à pós-graduação: o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior". E menciona ainda que:

A pesquisa estruturou-se assim em função da nova organização departamental das universidades, da institucionalização da pós-graduação, incentivada pela CAPES e pelo apoio financeiro fornecido pelo CNPq. Na década seguinte, a generalização do tempo integral ou do regime de dedicação exclusiva criou condições ainda mais favoráveis ao desenvolvimento da pesquisa nas universidades públicas. (DURHAM, 1998, p. 01)

A partir disso, observam-se os primeiros passos para a estruturação da pesquisa científica no Brasil por parte das universidades. E a relevância da reforma universitária de 1968 para o ensino superior brasileiro. Assim como a relevância do movimento estudantil para a implantação dessa reforma universitária.

A lei da reforma universitária no Brasil, em 1968, estabeleceu a integração entre ensino e pesquisa como um princípio das universidades, que foram definidas como a forma preferencial de organização desse nível de ensino. Além disso, a lei consagrou a autonomia universitária, que foi posteriormente modificada pelo regime militar (SAVIANI, 2010).

Nessa perspectiva, a Constituição Federal de 1988, no seu Artigo 207, estabeleceu que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

O Decreto n° 5773/06, de 2006, definiu, entre outros critérios, que as universidades se diferenciam dos centros universitários pelo princípio da

indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, enquanto os centros universitários se destacam pela excelência do ensino.

Por fim, a lei nº 13.005 de 25 de Junho de 2014 implantou a curricularização da extensão, estabelecendo que as instituições de educação superior devem destinar, no mínimo, 10% da carga horária dos cursos de graduação para atividades de extensão relacionadas às áreas de pertinência social, integradas ao ensino e à pesquisa, com o objetivo de reconhecer a extensão universitária como instrumento de transformação e de desenvolvimento social.

2.3 Desenvolvimento

O termo desenvolvimento vem da biologia, começou a ser usado em diferentes campos do saber humano a partir de meados do século XX. Na economia, ele se mistura com o termo crescimento econômico, que se refere à capacidade de produtiva. Os economistas clássicos já faziam uma análise conjunta dos termos crescimento e desenvolvimento, que considerava não só o aspecto econômico, mas também o bem-estar da população como um fator de desenvolvimento (DALLABRIDA, 2007).

Santos *et al.* (2012), citam as obras de Adam Smith (1776), Thomas Malthus (1798), David Ricardo (1817) e Karl Marx (1867), que apresentavam o desenvolvimento como um fenômeno importante para a consolidação do sistema capitalista. Eles mencionam que foi somente na década de 1940, com o surgimento da economia do desenvolvimento, que o desenvolvimento passou a ser discutido a partir de ideias não apenas econômicas.

Foi nesse período que se consolidou o estudo do subdesenvolvimento das economias situadas na periferia do sistema capitalista internacional, e dois marcos fundamentais podem ser destacados:

Primeiro, a publicação de O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas, de Raúl Prebisch, em 1949, que se constituiria na base da teoria do desenvolvimento periférico da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), organismo vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU) criado um ano antes. O segundo foi a publicação, em 1958, de A Economia do Subdesenvolvimento, coletânea organizada pelos indianos A. N. Agarwala e S. P. Singh, reunindo trabalhos de economistas que, à época, se destacavam pela abertura de novos caminhos para o entendimento do problema, como W. Arthur Lewis, Paul

Rosenstein-Rodan, Simon Kuznets, além de Celso Furtado (VIANNA et al. 2010, p. 15)

Nessa perspectiva, Mello Filho (2023) aborda o contexto histórico e as principais ideias das teorias do desenvolvimento que surgiram após a Segunda Guerra Mundial. Ele destaca o papel de Prebisch, Furtado, Hirschman e Myrdal, entre outros, que desafiaram as posições do pensamento econômico tradicional. Esses autores negavam a validade de teorias econômicas abstratas e universais para explicar a dinâmica econômica de todos os países e regiões.

Eles criticavam a visão de que o desenvolvimento econômico seguia etapas e equilíbrios predefinidos e de que havia uma tendência de aproximação dos níveis de renda e de tecnologia no plano internacional, princípios presentes em várias abordagens neoclássicas. Além disso, eles rejeitavam a teoria das vantagens comparativas, baseada na obra de David Ricardo. Prebisch e Furtado, dois dos principais representantes do pensamento estruturalista da CEPAL, buscavam entender a realidade do subdesenvolvimento latino-americano a partir de uma perspectiva histórica e estrutural, que nega a universalidade das teorias econômicas e as situa geográfica e historicamente. (MELLO FILHO, 2023).

Melo Filho (2023) resume o conceito de desenvolvimento de Furtado (1984; 2001) respectivamente, que o define como processo de “aumento da satisfação das necessidades básicas da população e diminuição das desigualdades sociais”, associado não apenas ao aperfeiçoamento técnico e instrumental, mas também à ampliação da “capacidade criativa do homem” e às mudanças culturais e nos “valores que se difundem na coletividade”.

A partir disso, discute-se o desenvolvimento endógeno que oferece a regiões pobres e desiguais uma nova alternativa de crescimento econômico, que não é mais construída de fora para dentro, mas fruto de uma dinâmica econômica local capaz de se comunicar com o mundo. Ao mesmo tempo, este desenvolvimento tem profundas raízes culturais, pois valoriza a ética, o convívio e as expressões culturais locais, que por sua vez são necessárias para a consolidação de práticas colaborativas, o crescimento da confiança entre indivíduos e grupos, mas também para a proteção de o patrimônio cultural e ambiental das áreas envolvidas (LEITÃO *et al.*, 2010).

Nesse sentido, Vázquez Barquero (2000) trata do conceito e do processo de desenvolvimento econômico local, que é uma forma de desenvolvimento que

aproveita os recursos e as potencialidades de cada território para melhorar o bem-estar da população local. Ele afirma que o desenvolvimento econômico local depende da capacidade da comunidade local de liderar o processo de mudança estrutural, que envolve o crescimento e a inovação do sistema produtivo, a acumulação de capital, o uso eficiente do potencial econômico local e a transformação social e cultural do território.

Para Vázquez Barquero (2000), o desenvolvimento econômico local tem uma visão territorial dos processos de crescimento e mudança estrutural, que considera o território como um agente de transformação social, ligado ao sistema de relações econômicas do país, mas com sua própria identidade e especificidade. Desse modo, Vázquez Barquero (2000), chama atenção para que:

A hipótese de partida é que as localidades e territórios possuem um conjunto de recursos (econômicos, humanos, institucionais e culturais) e economias de escala inexploradas, que constituem o seu potencial de desenvolvimento. Cada localidade ou território é caracterizado, por exemplo, por uma determinada estrutura produtiva, um mercado de trabalho, um sistema produtivo, uma capacidade empresarial e de conhecimento tecnológico, uma dotação de recursos naturais e infra-estruturas, um sistema social e político, uma tradição e cultura. , sobre a qual se articulam os processos de crescimento econômico local (VÁZQUEZ BARQUERO, 2000, p. 5 – tradução nossa).

Segundo o Saquet et al. (2009), o território deve ser entendido de forma integradora, envolvendo aspectos políticos e culturais que definem cada região. Eles também afirmam que o território possui um patrimônio identitário que deve ser preservado e valorizado pelos atores locais e que o desenvolvimento territorial significa considerar os componentes do território e da territorialidade numa concepção histórica-crítica.

Eles citam Dematteis (2008), ao defenderem que concordam que a organização política dos atores em um determinado território é um recurso endógeno que as políticas de desenvolvimento devem reconhecer, orientar e governar. Esse recurso endógeno deve ser analisado em uma “abordagem territorial comprometida com a transformação social, identificando as territorialidades que podem ser potencializadas para a governança local em interação com as instâncias regionais, nacionais e internacionais” (SAQUET: BRISKIEVICZ, 2009, p. 15).

Haddad (2009), pauta sobre o modelo de desenvolvimento endógeno que pode ser adotado como estratégia no processo de desenvolvimento regional, uma

vez que esse modelo tem como premissa o capital intangível e o planejamento participativo da região. Ele menciona que o capital intangível é fundamental no processo de desenvolvimento regional.

É, então, possível dizer que desenvolvimento endógeno é um processo de crescimento econômico e mudança estrutural que leva em conta os recursos e as potencialidades de cada território, bem como os aspectos políticos e culturais que definem cada região. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento endógeno depende da capacidade da comunidade local de liderar o processo de mudança estrutural, que envolve a inovação, a acumulação de capital, o uso eficiente do potencial econômico local e a transformação social e cultural do território.

2.4 Universidade e Desenvolvimento

Amartya Sen lembra que “o desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer suas ponderadamente sua condição de agente” (SEN, 2010, p. 10).

Para isso, as instituições sociais (como o estado, o mercado, o sistema jurídico, os partidos políticos, a mídia, os grupos de interesse público e os espaços de debate público, entre outros) devem contribuir para ampliar e proteger as liberdades reais dos indivíduos, que são vistos como agentes ativos de transformação, e não como beneficiários passivos dos serviços (SEN, 2010)

Nesse sentido, a parceria entre Estado, Mercado e Sociedade Civil é fundamental para o desenvolvimento local, pois permite ampliar o capital econômico, humano e social. Esses capitais se reforçam mutuamente e melhoram a qualidade do processo de desenvolvimento, que envolve tanto a dimensão econômica quanto a social. Assim, o aumento do capital humano leva ao aumento do capital social, que por sua vez leva ao aumento do capital humano, e assim sucessivamente, o que também atrai e gera mais capital econômico, que contribui para o aumento dos outros capitais (SOLIDÁRIA, 1998).

O ensino superior tem sido apontado como o principal motor do crescimento econômico, cultural e social dos países e das regiões (ROLIM, 2010). A presença de instituições de ensino superior na sociedade oferece conhecimento e cultura, que promovem o desenvolvimento regional (MAIA & MARAFON, 2020).

A universidade, no ensino, está presente na formação de trabalhadores qualificados nas mais diversas áreas e na requalificação dos trabalhadores já empregados no mercado. Na pesquisa, está presente nos laboratórios, centros e grupos de pesquisa que geram novos conhecimentos que auxiliam no aprimoramento das atividades produtivas. Na era atual, em que a inovação é um elemento-chave para o desenvolvimento produtivo, a importância das universidades é muito maior do que no passado (TARTARUGA, 2010).

Florestan Fernandes (2020) defende que a universidade é um meio para superar a condição de países periféricos e aproximar dos países centrais que dominam a ciência e a tecnologia:

não precisamos da universidade como um bem em si, como um símbolo de progresso e de adiantamento cultura. Precisamos dela como um meio para avançarmos da periferia para o núcleo dos países que compartilham a civilização baseada na ciência e na tecnologia científica (FERNANDES, 2020, p. 69).

O papel das universidades no mundo vai além da simples tarefa de preparar os jovens para o mercado de trabalho, incluindo a tarefa de despertar neles um olhar crítico e prepará-los para uma sociedade em transformação, competitiva e capitalista (BURON, 2016).

Rolim (2010) chama a atenção para a diferença entre a universidade estar na região e ser da região. Ele a diferencia por uma focar na formação de alunos para o mercado e caracteriza essas como as que estão na região. Por outro lado, aquelas que, além de formar alunos qualificados para o mercado de trabalho, também contribuem para solucionar seus problemas e, assim, desenvolver a região a qual estão inseridas, ele caracteriza como as que são da região.

Serra et al. (2020) discute os efeitos das instituições de ensino superior (IES) no desenvolvimento local, destacando duas funções principais: a formação de recursos humanos qualificados e a produção de conhecimento inovador. Eles argumentam que as IES beneficiam tanto os indivíduos quanto a sociedade, gerando externalidades positivas. Além disso, eles ressaltam o papel das IES como instituições que conectam o contexto global com as realidades locais, equilibrando o avanço científico com a responsabilidade social.

A Lei nº 9.394/1996, que regulamenta as diretrizes e bases da educação no Brasil, estabelece no artigo 43 a finalidade da educação superior. Assim, o ensino superior tem como objetivo:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua; III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação; V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração; VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade; VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição; VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares (BRASIL, 2016).

A relação intrínseca entre educação superior e desenvolvimento pode ser vista claramente em todos os parágrafos do capítulo, que tratam da finalidade da educação superior. Pode-se dizer, assim, que a universidade é uma chave fundamental na promoção do progresso em todas as suas dimensões, seja cultural, social ou econômico. Além disso, a indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão é um princípio constitucional.

Augusti et al. (2016) trata dos papéis fundamentais que a universidade desempenha no desenvolvimento da sociedade, levando em conta as dimensões científicas, tecnológicas, políticas e culturais. Eles defendem que a universidade tem como princípio epistemológico a produção de conhecimento, que se concretiza por meio da tecnologia, da reflexão filosófica e do fomento artístico. Os autores ressaltam que a universidade tem como objetivo a educação dos jovens para a vida profissional integral, fundamentada no acúmulo cultural de conhecimentos e na pesquisa.

À transmissão desses saberes acumulados na Universidade, dá-se o nome de ensino. O mesmo se desenvolve em um ambiente com os instrumentos e, sobretudo, os fins adequados a essa proposta. O Ensino sem a pesquisa

é estéril. É apenas um ensino livresco, rotineiro e sem vitalidade, onde se repetem de forma monótona o que outros autores fizeram ou escreveram (AUGUSTI; DALCIN, 2016, p. 41).

Com base nisso, o ensino é a transmissão dos saberes acumulados na universidade, mas o ensino sem a pesquisa é estéril, livresco, rotineiro e sem vitalidade. Assim, o ensino deve estar associado à pesquisa, que é a investigação e a produção de novos conhecimentos. E a docência é um espaço de desenvolvimento de atividades baseadas na pesquisa e na dinâmica do ensino-aprendizagem (AUGUSTI ET AL. 2016).

Assim, o conhecimento na/da Universidade ultrapassa a dimensão restrita das relações sociais que os indivíduos tecem no cotidiano. Sua epistemologia não é tão somente matéria prima do desenvolvimento econômico, há outros significados que a compõem no aspecto social. O conhecimento da universidade é essencial para a formação e co-responsabilidade dos mesmos na construção de uma sociedade melhor. Nesse sentido, para além do contributo individual e coletivo bem como a correlação com a sociedade, a Universidade faz parte do conteúdo e da necessidade do elemento humanidade, onde os saberes e as técnicas precisam estar imbuídos de rigor científico, pertinentes ao acadêmico e de impacto social nas coletividades (AUGUSTI; DALCIN, 2016, p. 42).

É possível dizer que o conhecimento da universidade não se limita às relações sociais cotidianas, nem se reduz ao desenvolvimento econômico, mas tem outros significados sociais. O conhecimento da universidade é fundamental para a formação e a co-responsabilidade dos indivíduos na construção de uma sociedade melhor.

A extensão, por sua vez, é um meio de aproximar a universidade da sociedade, dialogar, trocar saberes, superar o discurso hegemônico acadêmico e estabelecer relações dialéticas com movimentos sociais que lutam contra a desigualdade e a exclusão social.

a Extensão por intermédio da dinâmica de um processo de interação dialógica, aproximando a universidade dos outros setores sociais, implica o diálogo, a troca de saberes, a superação do discurso hegemônico acadêmico³, visando o estabelecimento de relações dialéticas com movimentos sociais superando a desigualdade e a exclusão social. As ações de extensão na universidade não se limitam à área de prestação de serviços, mas se voltam para o desenvolvimento do protagonismo em diferentes grupos sociais (AUGUSTI; DALCIN, 2016, p. 44).

Nessa perspectiva, a desconcentração das atividades de ensino, pesquisa e extensão pode estimular o surgimento de novas centralidades geradoras de conhecimento científico e tecnológico para além das áreas primazes tradicionais,

constituindo, assim, condições mais promissoras de desenvolvimento regional e, conseqüentemente, para o enfrentamento das históricas e demarcadas disparidades territoriais do país.

Schoab et al. (2014) afirmam que as atividades de ensino, pesquisa e extensão são geralmente consideradas como finalidades da universidade e não, como formas de promover o desenvolvimento e a qualidade de vida da sociedade. Eles observam que, ao agir assim, essas atividades beneficiam mais a própria universidade do que a comunidade e afastam a universidade da realidade social em que está inserida.

Nesse contexto, as universidades precisam ser capazes de oferecer aos governos e à sociedade “as tecnologias, teorias e processos, assim como os profissionais capazes de propulsionar o desenvolvimento” e, para que esse desenvolvimento seja de forma sustentável e ético, “esses produtos devem estar alinhados com valores e interesses sociais.” (FORPROEX, 2012, p. 23). Nesse cenário, Buron (2016) discute que,

a responsabilidade da universidade aumenta a partir do momento que cria e concentra um grande número de conhecimentos essenciais para o desenvolvimento local e regional. A pesquisa passa a trazer benefícios à sociedade, e o conhecimento passa a ser epistemológico gerando novas perspectivas sobre os mesmos fatos sociais, criando novos fatos e questionamentos a partir de uma sociedade em transformação, desenvolvendo desta forma o capital humano necessário ao desenvolvimento socioeconômico, do local para o regional, seguindo a lógica de que a transformação deva ocorrer de dentro para fora. (BURON, 2016, p.01)

Considerando-se tal perspectiva, existem alguns desafios para que a universidade contribua com o desenvolvimento da região em que atua, tais como: o entendimento comum dos interesses mútuos das universidades e regiões; compreensão das universidades quanto às necessidades/oportunidades de desenvolvimento; compreensão das partes interessadas sobre os propósitos do ensino superior e expandir a capacidade institucional para responder às necessidades regionais e moldar os rumos do desenvolvimento do território. (ROLIM, 2010).

Em um país como o Brasil, que, de um lado, é marcado por acentuadas desigualdades regionais e, de outro, defronta-se com grandes fragilidades científicas e tecnológicas que restringem seu desenvolvimento econômico e social, a

reorganização territorial do ensino superior cria potencialidades de transformações estruturais de longo alcance.

Assim, entendendo-se a necessidade de a universidade estar próxima da sociedade, e que o conhecimento produzido pela universidade deva ser transmitido à sociedade, é possível dizer que a extensão universitária é “um mecanismo fundamental no apoio de políticas públicas que possam contribuir com a redução das desigualdades sociais” (SCHOAB *ET AL.*, 2014, p. 06).

Entende-se que a universidade é um lugar de produção de conhecimento e que o conhecimento gerado na universidade deve ser transmitido à sociedade. E, ainda, que a extensão é um meio de fortalecer a relação da universidade com a sociedade e que proporciona um espaço para práticas que podem levar a políticas públicas que levem ao atendimento de demandas sociais (SCHOAB. *ET AL.* 2014).

Com o intuito de desenvolver uma discussão baseada nas três principais funções da universidade: educação, pesquisa e governança, Sabine Sedlack (2013) apresenta sete hipóteses sobre como as universidades podem contribuir para o capital humano, capital social e desenvolvimento econômico das regiões que estão inseridas, conforme tabela abaixo:

Quadro 1 - Hipóteses proposta por Sabine Sedlack (2013)

Hipótese	Abordagem
Hipótese 1	As universidades cumprem um papel central nos processos de desenvolvimento sustentável, uma vez que são atores-chave tanto nos sistemas de aprendizagem individuais como sociais ou coletivos.
Hipótese 2	A liberdade acadêmica e a influência na sociedade são os fatores centrais que tornam as universidades altamente responsáveis pelo desenvolvimento sustentável e as capacitam como impulsionadoras-chave para sua implementação.
Hipótese 3	O desenvolvimento de currículos que lidam com certos componentes do desenvolvimento sustentável promove a conscientização pública e ajuda a desenvolver ideias e soluções criativas.
Hipótese 4	As atividades institucionalizadas de transferência de conhecimento seguindo o 'novo modelo' permitem que as universidades lidem com a necessidade de uma mistura de pesquisa básica e aplicada e a necessidade de pesquisa multi e transdisciplinar.
Hipótese 5	A transição da produção de conhecimento para uma ciência mais integradora permite uma reorientação das agendas de pesquisa que foram originalmente definidas por acadêmicos e agora são definidas em um ambiente <i>multistakeholder</i> para resolver necessidades e problemas sociais multidisciplinares.

Hipótese 6	Uma vez que as universidades operam em redes regionais, nacionais e internacionais simultaneamente em colaboração com uma ampla gama de diferentes grupos de partes interessadas, elas são atores importantes para a governança ambiental multiautores.
Hipótese 7	Uma vez que as universidades são organizações multissetoriais, elas têm acesso a uma mistura de conhecimento e experiência que é um pré-requisito para encontrar soluções em ambientes inter e transdisciplinares.

Fonte: Sabine Sedlack, 2013. Organização de dados própria.

Sedlacek (2013) argumenta que a educação tem dois papéis distintos, um individual e outro social. O papel individual é entendido por agregar o conhecimento de cada pessoa e, assim, contribuir para o capital humano. O papel social, por outro lado, é concebido como uma função institucional de transferência de conhecimento e, portanto, contribui ativamente para a aprendizagem social promovendo o conhecimento mútuo.

Nessa perspectiva, a transferência de conhecimentos entre diversos setores da sociedade permite a troca de conhecimentos acadêmicos e não acadêmicos e formais e não formais, que é um dos pressupostos para que a universidade desempenhe seu papel social (SEDLACEK, 2013).

É possível dizer, a partir do Quadro 01 – Quadro de Hipóteses, que as hipóteses 01 e 02, focam para a pesquisa, no seu papel individual. As hipóteses 03, 04 e 05, estão voltadas para pesquisa, para sua função social. E as hipóteses 06 e 07, para sua vez, para sua governança interna e externa, respectivamente.

3 COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Este capítulo trata da comunicação, do desenvolvimento regional e da comunicação para o desenvolvimento, três temas que mostram a relação entre a comunicação e o desenvolvimento. O objetivo deste capítulo é analisar como a comunicação favorece o desenvolvimento e como esses conceitos se conectam entre si, levando em conta os aspectos culturais, políticos e tecnológicos das regiões em que estão situados. O capítulo se organiza em três seções e busca contribuir para uma reflexão crítica sobre a comunicação para o desenvolvimento. Neste trabalho, o propósito é compreender o panorama da comunicação pública secundária da ciência realizada por uma IES, para isso, revisam-se os conceitos de comunicação organizacional, comunicação pública, comunicação científica, comunicação da ciência primária e secundária para contextualizar a relação do tema.

3.1 Comunicação pública e tipos de comunicação científica

Para enfrentar os desafios dos mercados e atender às demandas da sociedade, as organizações precisam se adaptar à globalização e à tecnologia da informação, planejando estrategicamente a sua comunicação (KUNSCH, 2003).

Kunsch (2018, p. 21 – grifo nosso) define a comunicação organizacional como uma disciplina que analisa a comunicação nas organizações e seus aspectos políticos, econômicos e sociais. Ela ressalta a importância de considerar a comunicação **“como fenômeno inerente à natureza das organizações e aos agrupamentos de pessoas que a integram”**, que envolve as pessoas, os grupos e as interações sociais e propõe uma visão mais complexa e abrangente da comunicação do que a visão linear e instrumental.

A comunicação pública, por outro lado, tem múltiplos significados, que variam de acordo com o país, o autor e o contexto. Elizabeth Brandão (2007) trata que a expressão ainda não é um conceito claro, nem uma área de atuação profissional delimitada. Ela afirma que, por enquanto, comunicação pública é uma área que abarca uma grande variedade de saberes e atividades e que é um conceito em processo de construção.

O objetivo principal da comunicação pública, de acordo com Manieri (2011), é informar os cidadãos sobre temas de interesse público, o que é um passo essencial para criar um diálogo e uma relação entre Estado e sociedade. É importante ressaltar que o cidadão tem o direito de saber tudo o que se refere a instituições, serviços e contas públicas. A comunicação pública, ao cumprir sua função informativa, possibilita que haja diálogo e participação mútua.

Duarte (2007) mostra na figura 02 abaixo como comunicação acontece no espaço em que agentes públicos e atores sociais se informam e interagem sobre temas de interesse público. E como a comunicação pública envolve o compartilhamento, as negociações, os conflitos e os acordos para atender aos interesses coletivos.

Figura 3 - Campo da comunicação pública



Fonte: Duarte, 2007, p. 2

A comunicação pública envolve a participação de vários segmentos da sociedade, que não são apenas receptores, mas também produtores de

comunicação e possui atores sociais que fazem parte da comunicação pública e que, nem sempre, são reconhecidos, conforme indica Heloiza Matos (2011, p. 45).

A comunicação pública exige, portanto, a participação da sociedade e de seus segmentos: não apenas como receptores da comunicação do governo, mas principalmente como produtores ativos no processo comunicacional. Assim, são também atores, na comunicação pública a sociedade, o terceiro setor, a mídia, o mercado, as universidades, as instituições religiosas e os segmentos a que se tem negado reconhecimento - estejam eles vinculados ou não a instituições ou associações formais.

Nessa visão, Matos (2011) aborda que a comunicação pública não deve se limitar ao envio de mensagens institucionais que, de forma vertical, saem dos governos para alcançar cidadãos que não têm espaços de diálogo com seus líderes. A comunicação pública deve ser vista como um processo político de interação, no qual se destacam a expressão, a interpretação e o diálogo. Ela ressalta que a compreensão da comunicação pública como dinâmica voltada para as trocas comunicativas entre instituições e a sociedade é algo relativamente novo.

A comunicação pública tem como foco o cidadão e o interesse coletivo, bem como o diálogo, o respeito e a participação consciente e compartilhada, conforme aponta Duarte (2009, p.61)

A comunicação pública coloca a centralidade do processo de comunicação no cidadão, não apenas por meio da garantia do direito à informação e à expressão, mas também do diálogo, do respeito a suas características e necessidades, do estímulo à participação ativa, racional e co-responsável. Portanto, é um bem e um direito de natureza coletiva, envolvendo tudo o que diga respeito a aparato estatal, ações governamentais, partidos políticos, movimentos sociais, empresas públicas, terceiro setor e, até mesmo, em certas circunstâncias, às empresas privadas.

A comunicação científica é um tipo de comunicação pública que busca conectar a ciência com o dia a dia das pessoas e despertar seu interesse pelos assuntos científicos. Brandão (2007) aponta dois fatores que justificam essa conexão: o primeiro é a expansão da comunicação científica a partir da divulgação científica e da difusão de informação, que são áreas da Ciência da Informação, que tem uma longa história no Brasil, especialmente na agricultura e na saúde, e que são processos de comunicação do Estado para o desenvolvimento do país e da população; o segundo é a incorporação de preocupações sociais, políticas, econômicas e corporativas na produção e na difusão do conhecimento científico, que exigem das instituições de pesquisa uma maior aproximação com a sociedade,

os políticos, a mídia e o profissional de divulgação de C&T, que têm um compromisso público e uma prestação de contas à população.

Brandão (2007) cita os instrumentos variados que a comunicação e a divulgação científica utilizam, desde metodologias tradicionais até novas tecnologias, e afirma que a comunicação pública está inserida nas discussões sobre a gestão das questões públicas e pretende influenciar os hábitos e as decisões políticas relacionadas à ciência que afetam a vida do cidadão.

Nessa perspectiva, Epstein (2012) aborda a diferença entre a comunicação científica primária e a secundária. A comunicação científica primária é aquela que os cientistas usam para divulgar os seus resultados entre eles mesmos, usando uma linguagem técnica e especializada. A comunicação científica secundária é aquela que os jornalistas, os educadores ou os divulgadores usam para levar o conhecimento científico para o público em geral, usando uma linguagem mais acessível e interessante.

Epstein (2012) aborda que, na comunicação primária, a função referencial é mais importante, pois o objetivo é informar com precisão e rigor. Já na comunicação secundária, as funções de linguagem como emotiva, poética e fática são mais importantes, pois o objetivo é atrair e envolver o leitor com criatividade e emoção. O autor conclui que a comunicação primária e a secundária têm propósitos diferentes e devem usar linguagens diferentes. As duas têm o compromisso com a verdade científica, mas a divulgação também precisa estimular a fantasia e a imaginação do leitor para conquistar o seu interesse e a sua atenção.

Assim, há dois discursos distintos na comunicação da ciência que se diferem em alguns aspectos:

A comunicação da ciência se subdivide em dois discursos distintos que convergem em aspectos e divergem em outros: a comunicação interpares, também chamada de comunicação primária (CP) e a comunicação pública ou divulgação científica também conhecida por comunicação secundária (CS) (EPSTEIN, 2012, P.21).

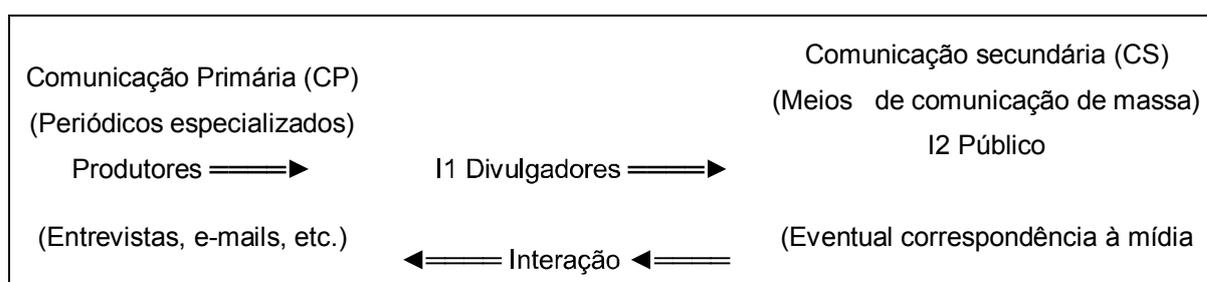
Logo, a comunicação primária, doravante nesta pesquisa como CP, é aquela entre os cientistas, e a comunicação secundária, doravante nesta pesquisa como CS, voltada para o público leigo. Ademais a comunicação primária (CP) usa periódicos especializados e a comunicação secundária (CS) usa meios de

comunicação de massa, como jornais, livros, rádio, internet, museus, etc. (ESPTEIN, 2012).

A divulgação científica tem como função essencial democratizar o acesso ao conhecimento científico e promover a chamada alfabetização científica. Assim, ela ajuda a incluir os cidadãos na discussão sobre temas especializados e que podem afetar sua vida e seu trabalho, como transgênicos, células tronco, mudanças climáticas, energias renováveis e outros assuntos (BUENO, 2010).

Nesse sentido, Epstein (2012) demonstra os atores desse fluxo como: produtores (CP), divulgadores (CP > CS) e público (CS). Sendo, I1 a interface produtores x divulgadores e I2, a interface divulgadores x público, conforme tabela abaixo:

Quadro 2 - Atores do fluxo de comunicação primária e comunicação secundária



Fonte: Epstein, pg. 21, 2012.

O quadro 02 mostra os atores do fluxo de comunicação científica entre a comunicação primária (CP) e a comunicação secundária (CS). A CP é a comunicação que ocorre entre os produtores de conhecimento científico, que são os cientistas e pesquisadores que publicam seus resultados em periódicos especializados.

A CS é a comunicação que ocorre entre os divulgadores de conhecimento científico, que são os jornalistas, escritores, educadores, etc., que divulgam a ciência para o público leigo por meio de meios de comunicação de massa, como jornais, livros, rádio, internet, museus, etc.

O quadro 02 também mostra as interfaces entre os atores: I1 é a interface entre os produtores e os divulgadores, que pode envolver entrevistas, e-mails, etc. A I2 é a interface entre os divulgadores e o público, que pode envolver eventual correspondência à mídia ou interação direta. O quadro ilustra como o conhecimento científico é produzido, disseminado e apropriado pela sociedade.

O quadro 03 abaixo, por sua vez, compara dois tipos de comunicação da ciência: a comunicação primária (CP) e a comunicação secundária (CS). A CP é feita entre os cientistas, que têm formação específica e conhecem os temas, os conceitos e o processo de produção em ciência e tecnologia. A CS é feita com o público leigo, que não tem formação técnico-científica e precisa de uma linguagem simples e acessível para compreender a ciência e a tecnologia.

Quadro 3 - Comunicação Primária X Comunicação Secundária

	Comunicação Primária	Comunicação Secundária
Perfil do público	Pessoas que, por sua formação específica, estão familiarizadas com os temas, os conceitos e o próprio processo de produção em ciência e tecnologia.	Não tem, obrigatoriamente, formação técnico-científica que lhe permita, sem maior esforço, decodificar um jargão técnico ou compreender conceitos que respaldam o processo singular de circulação de informações especializadas.
Nível do Discurso	Não precisa fazer concessões em termos de decodificação do discurso especializado porque, implicitamente, acredita que seu público compartilha os mesmos conceitos e que o jargão técnico constitui patrimônio comum.	O público leigo, em geral, não é alfabetizado cientificamente e, portanto, vê como ruído – o que compromete drasticamente o processo de compreensão da C&T – qualquer termo técnico ou mesmo se enreda em conceitos que implicam alguma complexidade.
Natureza dos canais	A comunicação científica está presente em círculos mais restritos, como eventos técnico-científicos e periódicos científicos.	A divulgação científica pode contemplar audiência bastante ampla e heterogênea, como no caso de programas veiculados na TV aberta brasileira, que potencialmente atingem milhões de telespectadores. Porém, também pode estar circunscrita a um grupo menor de pessoas, como no caso de palestras voltadas para o público leigo.

Fonte: Bueno, pg. 4, 2010. Organização dos dados própria.

A CP usa canais restritos, como eventos e periódicos científicos. A CS usa canais amplos e heterogêneos, como TV, livros, rádio, internet, museus, etc. A CP e a CS têm objetivos diferentes: a CP visa informar e avançar o conhecimento científico em áreas específicas; a CS visa educar e estimular o interesse pela ciência. Percebe-se que a comunicação primária e a comunicação secundária diferem no perfil do público, no nível do discurso e no tipo de canais.

Albagli (1996) discute sobre o papel da divulgação científica e os diferentes objetivos que ela pode ter, dependendo do público e do contexto. Ela apresenta três objetivos principais: educacional, cívico e mobilização popular. O objetivo educacional é ampliar o conhecimento e a compreensão do público leigo sobre a ciência e a tecnologia, tanto com um caráter prático quanto cultural.

O objetivo cívico é desenvolver uma opinião pública informada sobre os impactos da ciência e da tecnologia na sociedade, especialmente em áreas críticas para a tomada de decisões. O objetivo de mobilização popular é aumentar a possibilidade e a qualidade de participação da sociedade na formulação de políticas públicas e na escolha de opções tecnológicas (ALBAGLI, 1996).

Assim, na comunicação primária, o público está familiarizado com o assunto, o discurso não precisa ser decodificado e os canais de comunicação são mais restritos. Na comunicação secundária, por sua vez, o público costuma ser leigo em relação ao tema apresentado, por isso é necessário o uso de ferramentas que possam simplificar o assunto e, em relação à natureza dos canais, costumam ser os veículos de comunicação de massa.

3.1 Desenvolvimento Regional

O desenvolvimento e a região eram temas estudados separadamente até a Segunda Guerra Mundial. A pesquisa sobre desenvolvimento regional surgiu da interação de várias disciplinas, como economia, geografia, sociologia, ciência política e antropologia, que buscavam entender como o ser humano interfere no território (MATTEDI, 2014; DINIZ 2009).

Desenvolvimento e a região estão ligados por relações de influência mútua, que dependem dos contextos em que estão inseridos, “**quanto mais uma região se desenvolve, maiores são os vínculos e interdependências entre o desenvolvimento e a região**” (MATEDDI, 2014, p. 79 – grifo nosso). Assim, pode-se dizer que o desenvolvimento regional é uma relação causal de mão dupla, em que o desenvolvimento afeta a região e a região afeta o desenvolvimento.

De Lima (2020) tem uma visão integrada e participativa do desenvolvimento regional, segundo ele:

...nos últimos anos se observou que não se pode construir o processo de desenvolvimento sem o elemento territorial. Desenvolver implica no desenvolvimento humano e valorizando as forças vivas do território. E as **forças vivas do território são as que exercem o poder e definem os rumos do processo de desenvolvimento**. Então, desenvolvimento regional é um pacto territorial. Por vezes, nesse pacto, recursos que pareciam marginais e sem muita utilidade se tornam elementos de dinamismo e altamente lucrativos. Da mesma forma que grandes áreas urbanas se fortalecem a partir do mercado interno e de uma rede de serviços e produção industrial, as pequenas comunidades também guardam potenciais produtivos (DE LIMA, 2020, p. 137 – grifo nosso).

Nesse contexto, De Lima (2020) chama a atenção para a importância do elemento territorial para o processo de desenvolvimento. Ele defende que o desenvolvimento envolve o desenvolvimento humano e a valorização das forças vivas do território, que são as que exercem o poder e definem os rumos do desenvolvimento. Ele também afirma que o desenvolvimento regional é um pacto territorial, que pode aproveitar os recursos e os potenciais produtivos de cada área, seja urbana ou rural.

Dallabrida (2020) define território, como:

O território é o espaço de vida das pessoas, onde se estabelecem as relações entre indivíduos ou grupos e destes com o seu meio físico e ambiental. É um espaço onde ocorrem tanto as relações de cooperação, quanto a expressão das diferenças e do conflito. Destes embates, destas relações, mediante conversações sociais, resulta a projeção das expectativas das pessoas que lá habitam sobre o futuro do território (DALLABRIDA, 2020, p.9).

Ele observa que o recorte espacial que podemos atribuir ao conceito de território não se trata de um tamanho ou de uma demarcação de uma região ou mesorregião. Mas o que determina sua extensão, ao se pensar em um recorte espacial, que se pode chamar de território, é a presença de relações sociais com um determinado meio socioeconômico-cultural, cujos elementos unificadores são manifestações de identidade, relações de pertencimento, admitidas por sua população.

Dessa forma, o dimensionamento do território de acordo com a presença dessas relações pode ocorrer em uma pequena área espacial, por exemplo, em um bairro, em um distrito, em uma região ou mesmo em um país.

Dallabrida (2020) define patrimônio territorial, como:

o conjunto de ativos e recursos, materiais e imateriais, que se acumularam ao longo da história num determinado território, representados pelo sistema produtivo e de infraestrutura, o ambiente natural, a formação humana e

intelectual, as expressões culturais e a cultura empresarial, os valores sociais, as configurações de associativismo e as redes de relações, além das institucionalidades públicas, sociais e corporativas, presentes num determinado território. O patrimônio territorial é resultado de processos históricos de construção e reconstrução socioeconômica e cultural e é representado por elementos herdados do passado longínquo, outros (re)construídos mais recentemente, com elementos que se sobrepõem ao território constantemente. (DALLABRIDA, 2020, p. 13).

O patrimônio territorial são os bens e recursos que existem em um território por causa da história. Eles envolvem aspectos econômicos, ambientais, humanos, culturais, sociais e institucionais. Ademais, o patrimônio territorial é resultado da história e muda com o tempo.

Brandão (2004) discute o desenvolvimento como um processo social e político que visa ampliar as possibilidades e a liberdade de uma sociedade. Para isso, o desenvolvimento deve envolver a transformação estrutural, a ativação de recursos, a mobilização de sujeitos, a legitimação de ações e a construção de trajetórias históricas. Além disso, o desenvolvimento deve ser inclusivo, endógeno e sustentável, respeitando o meio ambiente e as populações marginalizadas.

Esse processo transformador deve ser promovido simultaneamente em várias dimensões (produtiva, social, tecnológica) e em várias escalas espaciais (local, regional, nacional, global etc.). As políticas de desenvolvimento precisam agir sobre a totalidade do tecido socioprodutivo, pensar o conjunto territorial como um todo sistêmico, promovendo ações concertadas naquele espaço geográfico, buscando reduzir disparidades inter-regionais, combatendo o fosso entre as regiões e ampliando a autodeterminação daquela comunidade (BRANDÃO, 2004, P. 71).

Com isso, Brandão (2004) aborda o desafio de conciliar diferentes aspectos do desenvolvimento, como eficiência, equidade, especialização, diversificação, crescimento e redistribuição. Ele defende que é preciso fortalecer a endogenia regional e local, explorar as vantagens distintivas e as externalidades positivas, e promover a transferência de renda e riqueza entre as regiões. Destacando a importância das políticas de desenvolvimento territorial em diferentes escalas.

Diniz (2009) trata da história e das teorias do planejamento regional, desde primeira experiência mundial, com a União Soviética até os dias atuais. Ele destaca os principais eventos, conceitos e políticas que influenciaram o desenvolvimento regional em diferentes contextos e países. E aborda as seguintes questões: O Plano de Eletrificação Nacional da União Soviética, em 1925, como a primeira experiência mundial de planejamento regional, baseada na construção de usinas hidroelétricas e no aproveitamento dos recursos naturais. A crise de 1929 e a Segunda Guerra

Mundial, como fatores que evidenciaram as desigualdades regionais no mundo capitalista e levaram à mudança no papel do Estado e ao avanço das técnicas e práticas de planejamento, com a criação de políticas e instituições específicas para reduzir as disparidades e reordenar o território.

Assim como a criação e o fortalecimento de pólos de desenvolvimento, na década de 1960, como metodologia e instrumento de desenvolvimento regional, baseada nas relações interindustriais, nas externalidades e nas duas “escolas” principais: a francesa e a italiana. A crise das políticas regionais, nas décadas de 1970 e 1980, com o surgimento do neoliberalismo e da corrente do crescimento endógeno, que defendiam a livre atuação do mercado e a convergência de rendas entre países e regiões. A retomada do debate teórico e das políticas regionais, a partir da década de 1990, com os avanços da União Europeia, que mudaram a natureza das questões regionais, considerando as diferenças entre países como problemas transnacionais (DINIZ, 2009).

Segundo Theis (2019), afirma que grande parte da produção intelectual brasileira sobre desenvolvimento regional faz referência, direta ou indiretamente, à contribuição de Celso Furtado. Ele foi o pioneiro em compreender e explicar o processo de “atrasamento” do Nordeste.

Oliveira et al. (2014) discute a questão do desenvolvimento regional no Brasil, desde o período imperial até o início da industrialização. O Brasil era formado por várias “ilhas regionais” que se voltavam para a exportação de produtos primários, e São Paulo se destacou como o principal pólo de acumulação de capital, baseado na economia cafeeira e nas atividades-satélite que gerou. A crise de 1929 e a internalização do centro dinâmico da economia exigiram uma reorganização espacial da economia brasileira.

Nessa perspectiva, São Paulo se tornou o principal centro industrial e comercial do país, articulando o mercado interno nacional e promovendo mudanças nas forças produtivas. O Nordeste manteve uma estrutura econômica rígida e extensiva, baseada na exportação de açúcar e na pecuária e agricultura de subsistência, que não favoreceu a diversificação produtiva. O contraste entre as estruturas econômicas de São Paulo e do Nordeste, essas diferentes estruturas regionais gerou a Questão Regional brasileira, que se manifestou a partir dos anos 1930 (OLIVEIRA ET AL., 2014).

O Nordeste brasileiro foi visto por muitas instituições de desenvolvimento como um caso de subdesenvolvimento, entendido como desigualdades regionais geradas pela constituição da estrutura econômica da região Nordeste em situação de atraso econômico, em relação às demais do Brasil. A questão do Nordeste estimulou vários teóricos a investigarem esse assunto (GUMIERO, 2017; 2019).

A Operação Nordeste foi uma política de desenvolvimento regional para o Nordeste brasileiro, que surgiu em 1958, após uma grave seca e uma crise política. Celso Furtado liderou o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), que fez um diagnóstico da situação econômica e social da região, baseado na teoria do subdesenvolvimento, e propôs um plano de ação com medidas estruturais e setoriais. O GTDN deu origem ao Conselho de Desenvolvimento Econômico do Nordeste (CODENO) e à Superintendência de Desenvolvimento para o Nordeste (Sudene), que foram as instituições responsáveis pela execução da política de desenvolvimento regional (GUMIERO, 2019).

Oliveira et al., 2014, menciona que o regime militar desconstituiu o modelo da Sudene, que era uma política de desenvolvimento regional para o Nordeste, baseada na participação social e na transformação estrutural. Eles abordam que a redemocratização e a Constituição de 1988 abriram espaço para novas formas de planejamento, mais descentralizadas, participativas. Assim como destacam as novas questões que surgiram no debate sobre o desenvolvimento regional, a partir dos anos 1990, como o meio ambiente, a tecnologia e a cultura.

O biênio 2003/2004 foi o período no qual se trabalhou sobre a elaboração da Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR). A PNDR representa, pela primeira vez desde o diagnóstico do GTDN e da consequente política de desenvolvimento regional da SUDENE, a retomada explícita da dimensão espacial do desenvolvimento no âmbito de uma política de Estado (OLIVEIRA ET AL., 2014, p. 23)

A Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR), segundo Oliveira et al. (2014) é uma política de planejamento regional que surgiu nos anos 2000 no Brasil, com o objetivo de reduzir as desigualdades regionais e promover o desenvolvimento sustentável. Eles mencionam que a PNDR se baseou em uma nova regionalização do território brasileiro, que considerou as particularidades e potencialidades de cada subespaço nacional, e em uma nova perspectiva escalar, que buscou articular as escalas nacional, regional e local, com a participação popular.

A PNDR fez um diagnóstico da realidade regional brasileira, a partir da escala microrregional, e propôs ações para explorar as oportunidades locais, inserir as regiões periféricas no processo de desenvolvimento nacional e contrariar as tendências de concentração das atividades privadas no território brasileiro (OLIVEIRA ET AL., 2014).

Assim, o desenvolvimento regional pode ser entendido como um processo complexo, multidimensional e participativo, que envolve a melhoria das condições de vida das populações, a preservação dos recursos naturais, a promoção da cultura e da diversidade e a articulação entre as escalas local, regional e nacional. Nesse contexto, a comunicação surge como um elemento fundamental para o desenvolvimento regional, pois permite a troca de informações, conhecimentos, experiências e valores entre os diferentes atores sociais envolvidos.

3.2 Comunicação para o Desenvolvimento

A Comunicação para o Desenvolvimento é um campo de estudos que surgiu após a Segunda Guerra Mundial, com o apoio da ONU, para usar os meios de comunicação como instrumentos de promoção do progresso de países e regiões. O foco principal era o papel e/ou impacto dos meios de comunicação de massa. Mais recentemente, porém, o foco se voltou para o desenvolvimento social positivo ou no desenvolvimento humano. A Unesco, ao integrar a comunicação em sua estrutura, em 1947, definiu que a Comunicação para o Desenvolvimento estava ligada à comunicação de massa, colocando-a como parte fundamental do crescimento econômico das nações em desenvolvimento (FILHA, ET AL., 2017)

Filha et, al. (2017) discute que o sistema de difusão de informações mais característico dessa fase da comunicação para o desenvolvimento, adotado em vários países, foi a extensão rural por meio de rádio, na qual os pequenos e médios produtores eram estimulados a adotar práticas modernas de cultivo, com uso de sementes selecionadas, defensivos, fertilizantes etc. Os resultados foram geralmente ineficazes, pois os responsáveis pelos programas eram, na maioria das vezes, professores de agronomia vindos de grandes cidades que liam no microfone lições de manuais, nos quais se empregava uma linguagem técnica, seca e ininteligível para a população rural.

Santana et al. (2023) apontam que, no Brasil, os meios de comunicação seguiram os padrões econômicos e foram usados como instrumentos de dominação política, alinhados à ideologia capitalista. Bordenave, 2011, menciona que muitos pensam que a comunicação na sociedade só pode ser feita pelos meios de comunicação comerciais, que são onipresentes e onipotentes. Não se lembram ou não sabem que, historicamente, a radiodifusão comercial é uma novidade na maioria dos países ocidentais e que o comum eram os sistemas públicos de comunicação. Na maioria dos países europeus, a comunicação era um serviço público e, por isso, seu funcionamento era, no início, controlado pelo Estado.

Santana et al. aborda dois dos grandes modelos da CD4 (comunicação para o desenvolvimento) classificados por Servaes (2004): o difusionista e o participativo. Eles abordam que o modelo difusionista parte de pensar na criação de uma atmosfera pública favorável à transformação por meio da mídia de massa, com o objetivo de modernizar as sociedades tradicionais, citando BELTRÁN (2006), e que o modelo participativo parte de pensar na transformação da comunicação vertical em horizontal, considerando Bordenave (2011) e com o objetivo de oportunizar indivíduos a emitir mensagens e promover a interação, a igualdade e a consciência crítica da população, citando Peruzzo (2014).

De acordo com Amartya Sen (2020), para avaliar o desenvolvimento pela ampliação de liberdade, é preciso considerar as restrições de liberdade que as pessoas sofrem. Mesmo que elas não queiram exercer imediatamente a liberdade de expressão ou de participação, elas estariam sendo privadas de suas liberdades se não pudessem escolher nessas questões. O desenvolvimento como liberdade deve levar em conta essas restrições.

A ampliação da liberdade é o principal objetivo e o principal instrumento do desenvolvimento. Nessa visão, as pessoas devem ser vistas como agentes ativos – se tiverem a oportunidade – na definição de seu próprio destino, e não apenas como receptoras passivas dos resultados de programas de desenvolvimento inteligentes (AMARTYA SEN 2020).

Carniello et al. (2011), por sua vez, tratam da relação entre comunicação e desenvolvimento, considerando as diferentes visões e os desafios que essa relação envolve. Eles contrapõem duas abordagens sobre a comunicação e o desenvolvimento: uma que vê a comunicação como um meio de sensibilizar os

cidadãos sobre os problemas das populações desfavorecidas, e outra que vê a comunicação como um direito básico e um fator de democratização.

Eles se baseiam em Lubetkin (2008) para criticar a primeira abordagem, que ignora as relações de poder e a espetacularização que existem nos meios de produção de conteúdo. Assim como se apoiam em Guareschi (2013) para defender a segunda abordagem, que associa a comunicação ao desenvolvimento por meio da participação ativa dos indivíduos na criação de espaços de liberdade e autonomia.

Nessa perspectiva, Carniello et al. (2020, p 211 – grifo nosso) afirma que **“a comunicação e desenvolvimento são indissociáveis, pois qualquer processo de desenvolvimento é um ato coletivo, e não individual, e a comunicação é o meio pelo qual se difundem e introduzem as ideias nos grupos sociais”**. Porém, eles também reconhecem que a estrutura de comunicação contemporânea está subordinada à lógica do capital, que privilegia a acumulação de recursos e a competição entre as grandes corporações de mídia.

A comunicação como fator de desenvolvimento depende de políticas públicas que facilitem o acesso da população aos meios de produção, disseminação e consumo de conteúdos. E a elaboração e a efetivação dessas políticas públicas dependem da interação entre os atores sociais e da complexidade do Estado, que é permeado por disputas políticas (CARNIELLO ET AL., 2020).

Nesse contexto, o acesso a informação é um elemento essencial para compreender o desenvolvimento de uma sociedade e seus fundamentos, considerando que a comunicação é um fator chave para analisar se o desenvolvimento em uma região ou país transcende o âmbito econômico e abrange aspectos de outras dimensões do desenvolvimento global (CARNIELLO ET. AL. 2013).

Carniello e Santos (2021) mencionam que a comunicação deve ser vista como uma parte integrante da estratégia de desenvolvimento e, não apenas como um recurso para atingir o desenvolvimento. Peruzzo cita o livro de Schramm intitulado “Comunicação de massa e desenvolvimento: o papel da informação nos países em crescimento”, de 1964, no qual ela afirma que:

“os meios de comunicação de massa podem ser informantes, ampliar horizontes, orientar atenções, elevar aspirações, criar um clima para o desenvolvimento, ajudar só indiretamente nas mudanças das concepções arraigadas ou práticas estabelecidas, alimentar canais interpessoais, conferir um status especial, ampliar o diálogo político, reforçar as normas

nacionais, ajudar a formar gostos, afetar as concepções etc” (SCHRAMM apud PERUZZO, pg. 176, 2014).

Com base nisso, pode-se dizer que a comunicação pode ser usada como um meio de transmitir informações. E que os efeitos dessa transferência de informação e conhecimento afetam o desenvolvimento das pessoas que a recebem. Assim como que a comunicação pode ser utilizada como um meio de difusão de informações. E que os efeitos dessa difusão de informação e conhecimento influenciam o desenvolvimento das pessoas que a recebem.

Kunsch (2018) diz que a comunicação estratégica faz pensar no poder que está envolvido nos processos e nas negociações dos atores que participam das diferentes e possíveis aplicações no contexto das esferas públicas e privadas da sociedade.

O poder que a comunicação, em suas mais variadas vertentes e tipologias, bem como os meios massivos tradicionais e as mídias sociais da era digital exercem na sociedade contemporânea é uma realidade incontestável. Nesse sentido, a comunicação precisa ser considerada como processo social básico e como um fenômeno, e não apenas como transmissão de informações. O poder que ela e a mídia têm no contexto socioeconômico e político são objeto de considerações de diversos estudiosos (KUNSCH, 2018, p. 14)

Kunsch (2018) discute, ainda, a importância de se considerar a cultura e a complexidade da comunicação nas organizações, superando a visão mecanicista e instrumental que a reduz a transmissão de informações. A autora argumenta que a comunicação organizacional envolve aspectos relacionais, subjetivos, contextuais e condicionantes, e que as pessoas que se comunicam interativamente são fundamentais para o funcionamento e os objetivos das organizações. Ela também aponta as transformações provocadas pela revolução digital na comunicação organizacional, que afetam os relacionamentos e as formas de produzir e veicular as mensagens institucionais.

Ademais, entre as oito áreas temáticas definidas no Plano Nacional de Extensão Universitária como campos de atuação de extensão nas universidades públicas brasileiras, está a comunicação – junto com cultura, direitos humanos, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e trabalho.

Nessa perspectiva, a Comunicação, além de uma visão técnica, oferece contribuições fundamentais para o progresso extensionista e para o desenvolvimento regional sustentável. Por meio de práticas que articulam processos

comunicacionais, cultura e sociedade, é possível à universidade inserir-se nas comunidades, respeitando os valores ali presentes, e fortalecer seus vínculos sociais (LISBÔA FILHO, 2022).

Lisbôa Filho, (2022) destaca o papel das universidades brasileiras – especialmente as públicas – no crescimento do país por meio da extensão universitária. Por meio da troca de saberes populares e científicos, as instituições atuam em diversas áreas e promovem atividades de desenvolvimento social, econômico, humano e territorial.

A Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2012, que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, menciona as cinco diretrizes da extensão: Interação dialógica; Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade; Indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão; Impacto na formação do estudante; e Impacto na transformação social.

Nesse contexto, a extensão universitária promove a interação entre as universidades e a sociedade, por meio da produção e aplicação do conhecimento, em permanente conexão com o ensino e a pesquisa de forma que tem o poder de impulsionar o desenvolvimento regional. Nessa perspectiva, as atividades extensionistas se enquadram nas seguintes modalidades: “I - programas; II - projetos; III - cursos e oficinas; IV - eventos; V - prestação de serviços” (BRASIL, 2012, p. 02).

A Extensão deve ser compreendida como um processo que educa e transforma a sociedade e as instituições de ensino superior. “A Extensão dos dias de hoje deve estar conectada às demandas da sociedade, fortalecendo as políticas públicas, sem substituí-las, e estimulando o protagonismo dos sujeitos” (Lisbôa Filho, p. 19, 2022).

Portanto, percebe-se a relação intrínseca entre comunicação e desenvolvimento. Além disso, a extensão universitária representa um elo entre universidade e sociedade, que possibilita a troca de conhecimentos, e é um instrumento de divulgação científica e popularização do conhecimento.

4 MÉTODO

A pesquisa científica é o resultado de uma investigação minuciosa que é conduzida com o objetivo de resolver um problema por meio de procedimentos científicos. Assim, uma pessoa ou grupo é investigado, abordando-se um aspecto da realidade a fim de provar, descrever ou explorar hipóteses (FONSECA, 2002). Com base nisso, serão detalhadas adiante as ações quanto à escolha das técnicas de pesquisa e métodos para o desenvolvimento dessa pesquisa.

4.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso qualitativo. Segundo Gil (2002), o estudo de caso é uma modalidade de pesquisa que visa estudar um ou mais objetos de pesquisa de forma abrangente e exaustiva, a fim de obter o máximo conhecimento dos fenômenos tratados. A pesquisa qualitativa, por sua vez, lida com aspectos da realidade que não são quantificáveis e se concentra na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (GERHARD & SILVEIRA, 2009).

Esse estudo, quanto aos objetivos, pode ser caracterizado com uma pesquisa exploratório-descritiva. Entendendo que a pesquisa exploratória envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007). E que pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Tendo em vista que a pesquisa descritiva objetiva descrever os fatos e fenômenos de uma determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987).

No que se refere ao procedimento, esta pesquisa é denominada uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Considerando que a pesquisa bibliográfica é realizada a partir do levantamento de referenciais teóricos já analisados e publicados por meio escrito e eletrônico, tais como: escritos e eletrônicos, livros, artigos científicos, páginas de web sites. E que a pesquisa documental se vale de fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico como: relatórios, documentos oficiais, relatórios de empresas (FONSECA, 2002).

Ademais, configura-se como uma pesquisa de campo tendo em vista que pretende buscar informação diretamente com a população pesquisada. Duarte, (2005) afirma que a utilização da técnica de entrevista em profundidade permite um aprofundamento por meio das informações, percepções e experiência que são fornecidas por meio da entrevista.

Desse modo, quanto à natureza, esta pesquisa, configura-se como pesquisa aplicada, uma vez que visa gerar conhecimento para aplicação prática voltada para a resolução de problemas específicos (GERHARD & SILVEIRA, 2009).

Por fim, é importante mencionar que o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 10/03/2023, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 510/16, por meio do parecer nº 5.945.256, considerou este projeto de pesquisa aprovado, conforme Anexo A.

4.2 Área de realização

De acordo com Gil (2007), é preciso definir o local de observação, isto é, o local onde o fenômeno é analisado. Assim, esta pesquisa se restringe ao campus Imperatriz da Instituição de Ensino Superior pública federal investigada, conforme descrito na relevância deste estudo. Cabe ressaltar que essa instituição tem sede administrativa em São Luís, onde estão localizadas a Reitoria, as Pró-reitorias e as Superintendências, e tem campus em outras sete cidades do Estado além de Imperatriz e da capital: Bacabal, Balsas, Chapadinha, Codó, Grajaú, Pinheiro e São Bernardo. Contudo, o campo de estudo dessa pesquisa é somente a cidade de Imperatriz.

4.3 População e amostra

A população é o conjunto de elementos que possuem as características que serão objeto do estudo, e a amostra é uma parte do universo escolhida a partir de um critério de representatividade (VERGARA, 2010). Considerando-se que uma amostra não probabilística é aquela em que “a escolha dos elementos da população que irão compor a amostra depende do julgamento do pesquisador” (VERGARA, 1997, p. 46), nesse tipo de amostragem, o pesquisador utiliza critérios subjetivos ou

de conveniência para selecionar os elementos da amostra, sem garantir a representatividade e a possibilidade de generalização dos resultados.

Partindo disso, a população foi classificada em três grupos. Grupo I – Líderes de grupo de pesquisa, Grupo II – representantes da comunicação institucional e Grupo III- representante da extensão. Para o Grupo I, utilizou-se como critério para a seleção de população os grupos de pesquisa cadastrados na base de dados do Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – DGP, que reúne informações sobre os grupos de pesquisa em atividade no Brasil, que é constituído por um líder dentre outros membros (DGP-CNPq, 2023).

Em consulta realizada identificou-se que a IES possui 512 grupos de pesquisa cadastrados no DGP. Considerando-se que o campo de estudo é somente a cidade de Imperatriz, foi selecionado somente os grupos de pesquisa de Imperatriz como escolha dos elementos da população que irão compor a amostra para o Grupo I.

Levando em conta isso, o Quadro 04 a seguir mostra os 34 Grupos de Pesquisa da IES do campus de Imperatriz, que são registrados no DGP. Esses grupos se distribuem em sete áreas de conhecimento: ciências sociais aplicadas (13), ciências da saúde (9), ciências humanas (6), ciências exatas e da terra (2), ciências agrárias (1), ciências biológicas (1) e outra área definida pelo pesquisador (2). Cada grupo tem um líder de pesquisa, sendo que três líderes são encarregados de dois grupos cada. Assim, a amostra para o grupo I, são 31 líderes de grupo de pesquisa da IES no campus de Imperatriz.

Quadro 4 - Grupos de Pesquisa do Campus de Imperatriz Cadastrados no DGP

GRUPO	ANO DE FORMAÇÃO	CAMPUS	ÁREA PREDOMINANTE
GRUPO DE PREPARAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE MATERIAIS	2009	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
GTEPS - GRUPO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE	2019	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS DA SAÚDE
JORNALISMO DE FÔLEGO: REPORTAGEM, APROFUNDAMENTO E CONTEXTO	2018	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS	2014	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS AGRÁRIAS
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM CIÊNCIAS E INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO	2017	CAMPUS IMPERATRIZ	OUTRA
GRUPO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, POLÍTICA E SOCIEDADE	2016	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EPISTEMOLOGIA E EDUCAÇÃO	2014	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS HUMANAS
GRUPO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA E EXTENSÃO EM QUESTÕES AMBIENTAIS -	2020	CAMPUS IMPERATRIZ	OUTRA
SISTEMAS AGROINDUSTRIAIS E BIOENERGIA - SABE	2018	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
GRUPO DE PESQUISA CULTURA E IDENTIDADE NA CONTEMPORANEIDADE	2007	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS HUMANAS
GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO, CULTURA E INFÂNCIA/GECI	2007	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS HUMANAS
GRUPO DE PESQUISA EM SAÚDE PÚBLICA	2013	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS DA SAÚDE
GRUPO DE PESQUISA EM SAÚDE COLETIVA	2022	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS DA SAÚDE
RÁDIO E POLÍTICA NO MARANHÃO (RPM)	2019	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
GAMERLAB - LABORATÓRIO DE PESQUISA EM GAMES, GAMBIARRAS E MEDIAÇÕES	2020	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
GRUPO DE ESTUDO SOBRE OS CUIDADOS DE ENFERMAGEM SISTEMATIZADOS - GECES	2015	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS DA SAÚDE
NÚCLEO DE PATOLOGIA E GENÉTICA MOLECULAR, BIOMATERIAIS E BIOPRODUTOS	2009	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS DA SAÚDE
GEEC - EVOLUÇÃO, GENÉTICA E ENSINO DE CIÊNCIAS	2020	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA E SAÚDE	2020	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS DA SAÚDE
LIGA DE ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL (LASAM)	2020	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS DA SAÚDE
CULTURA ESCOLAR, PRÁTICAS CURRICULARES E HISTÓRIA DA DISSEMINAÇÃO DOS SABERES	2009	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS HUMANAS
FISIOPATOLOGIA E MEDICINA INVESTIGATIVA	2016	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS DA SAÚDE
GRUPO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDO, PESQUISA E EXTENSÃO EM COMUNICAÇÃO, GÊNERO E FEMINISMOS - MARIA FIRMINA DOS REIS	2019	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
GRUPO DE ESTUDOS EM CINEMA, AUDIOVISUAL E TEORIA DA IMAGEM /	2016	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
GRUPO DE PESQUISA EM ESTUDOS DE CINEMA, AUDIOVISUAL E TEORIAS DA IMAGEM	2016	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
NUPFARQ - NÚCLEO DE PESQUISAS EM CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS E QUÍMICA	2009	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
GEPAE - GRUPO DE ESTUDOS, PESQUISA E EXTENSÃO EM PRÁTICAS AVANÇADAS DE	2021	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS DA SAÚDE
JORNALISMO, MÍDIA E MEMÓRIA	2016	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
GRUPO DE PESQUISA EM JORNALISMO E CIBERCULTURA	2016	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
TDEGEM- TERRITÓRIO, DESENVOLVIMENTO,	2015	CAMPUS	CIÊNCIAS

GÊNERO E MODERNIDADE.		IMPERATRIZ	HUMANAS
NÚCLEO DE PESQUISA EM GESTÃO E ECONOMIA (NPGE)	2022	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
MARRÓIA - ESTUDOS DE SOCIABILIDADE URBANA	2022	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS HUMANAS
LOVE - LABORATÓRIO DE COMUNICAÇÃO VISUAL E EDIÇÃO CRIATIVA	2020	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
NÚCLEO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO E PESQUISA APLICADOS AO ENSINO SUPERIOR DE CONTABILIDADE - NEEPESCO	2020	CAMPUS IMPERATRIZ	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

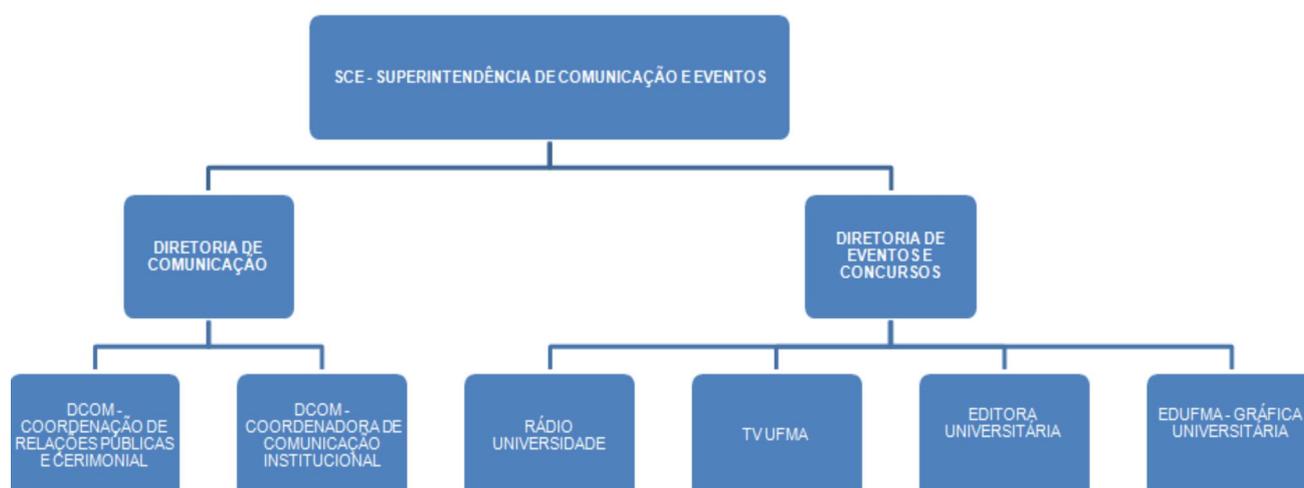
Fonte: Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, pesquisa realizada em 04/05/2022.

O Grupo II foi definido a partir de uma busca no portal da instituição sobre o organograma e as funções dos setores de comunicação institucional e pela extensão da IES, respectivamente. Conforme o portal da IES, a Superintendência de Comunicação e Eventos – SCE tem como objetivo,

... unir os setores de comunicação institucional da universidade em uma só superintendência garantindo, assim, mais fluidez e rapidez em construir uma comunicação institucional integrada, ágil, colaborativa, pautada na transparência das ações acadêmicas e administrativas, que esteja mais próxima da comunidade e que combata a todo instante as *fake news* que são criadas constantemente (UFMA, 2023).

De acordo com o organograma da SCE, ela tem duas diretorias, duas coordenadorias, além de rádio universidade, TV, editora universitária e gráfica universitária, conforme figura 03 a seguir.

Figura 4 - Organograma da Superintendência de Comunicação e Eventos – SCE



Fonte: Página eletrônica UFMA, pesquisa realizada em 18/01/2023, organograma elaborado pela autora com base nas informações disponibilizadas na página eletrônica.

Por causa da relevância e importância desse setor para responder a questão orientadora dessa pesquisa e alcançar os objetivos dessa pesquisa ele é considerado como população. Para a amostra foram selecionados os responsáveis pelos setores estratégicos dessa superintendência. Nessa categoria de amostragem, serão entrevistadas seis pessoas, conforme quadro a seguir. Assim, a amostra desse grupo é de 06 pessoas.

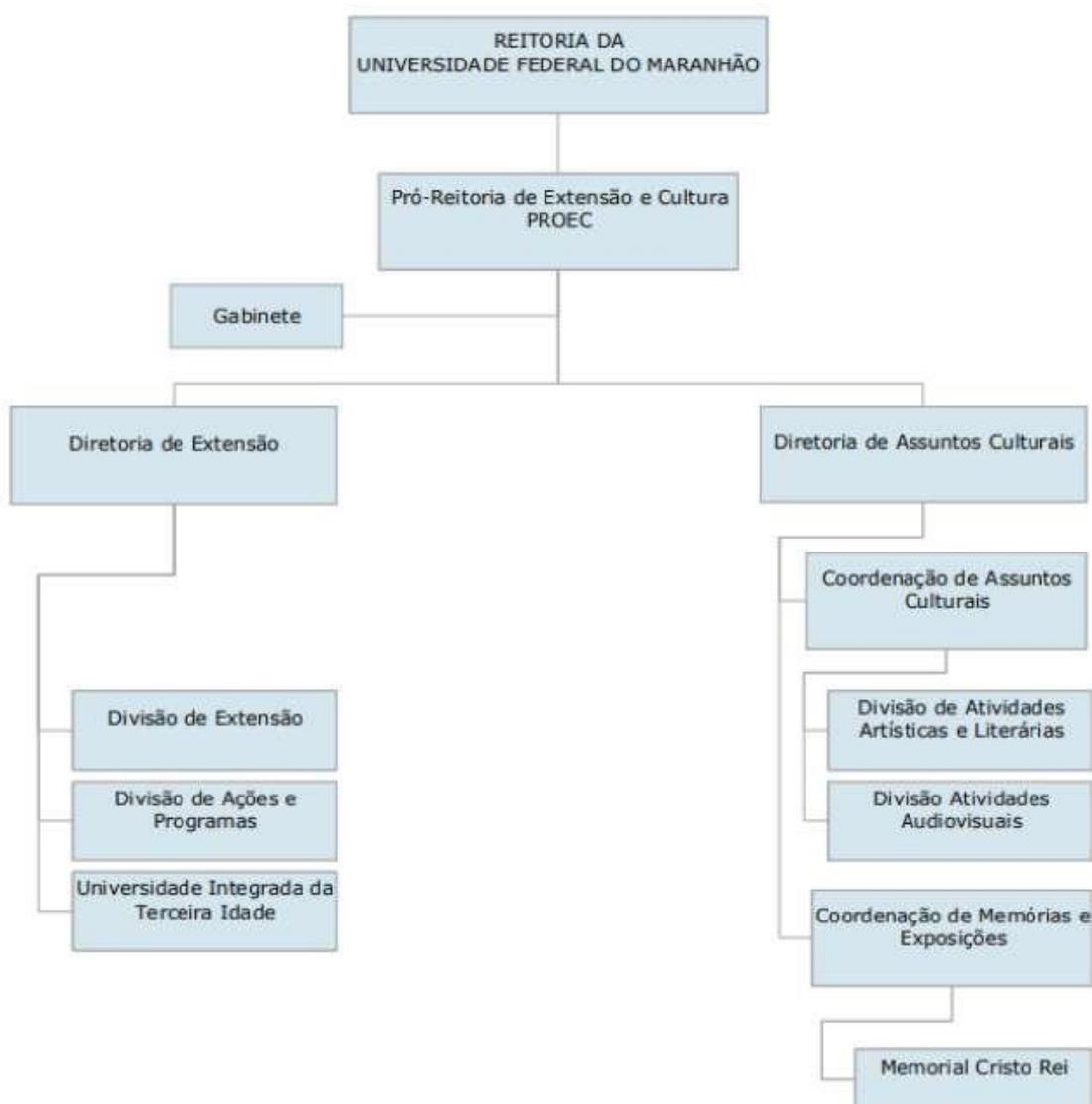
Quadro 5 - Amostra dos Representantes da Comunicação Institucional

Diretoria de Comunicação
Coordenadoria de Comunicação Institucional – Campus Imperatriz
Editora
TV
Rádio Universidade
Coordenador de Rádio Universidade

Fonte: Elaborado pela autora com base nas informações disponibilizadas na página eletrônica da IES.

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC), por sua vez, possui o seguinte organograma:

Figura 5 - Organograma do Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEC



Fonte: Página eletrônica UFMA, pesquisa realizada em 18/01/2023.

Ainda de acordo com a página eletrônica da instituição investigada, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEC é responsável por:

... articular, desenvolver, coordenar e apoiar as ações de extensão, junto à sociedade e à comunidade universitária. Estabelece o vínculo com o ensino e a pesquisa, interagindo com diversos segmentos sociais, como Organizações Governamentais e Não Governamentais, com a finalidade de contribuir na busca de resposta inovadora aos desafios locais, regionais e nacionais. Suas ações estão alicerçadas no conceito de Extensão Universitária, estabelecido na Política e no Plano Nacional de Extensão (UFMA, 2023).

Conforme exposto acima, a PROEC é responsável por promover a interação entre Universidade e outros setores da sociedade.

A Diretoria de Extensão – DEX, por sua vez, é o setor que coordena as ações de extensão da IES, promovendo a interação entre a universidade e a sociedade, por meio de projetos, programas, cursos, eventos e serviços. A Diretoria de Extensão (DEX), vinculada a PROEC, possui quatro setores: Coordenação de Projetos e Programas de Extensão, Coordenação de Cursos e Eventos de Extensão, Coordenação de Serviços de Extensão e Coordenação Administrativa (UFMA, 2023).

Desse modo, a DEX é setor estratégico como fonte de dados de modo a alcançar os objetivos proposto por essa pesquisa. Assim, nessa categoria de amostragem serão entrevistadas duas pessoas, conforme quadro abaixo.

Quadro 6 - Amostra Representantes da Extensão - PROEC

Diretoria de Extensão Divisão de Extensão
--

Fonte: Elaborado pela autora com base nas informações disponibilizadas na página eletrônica da IES.

Em suma, a amostra para esta pesquisa é composto por 39 pessoas que estão divididas em três grupos, a saber:

a) Grupo I: líderes dos grupos de pesquisa cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPQ, composto por 31 pessoas, conforme o Quadro 04 acima.

b) Grupo II: responsáveis pela Comunicação Institucional, considerando-se: Diretoria de Comunicação (1), Coordenadoria de Comunicação Institucional de Imperatriz (1), Editora (1), TV (1) e Rádio (2), composto por 6 pessoas, conforme o Quadro 05 acima.

c) Grupo III: responsáveis pela Extensão, considerando: Diretoria de Extensão (1) e Coordenação de Projetos e Programas de Extensão (1), composto por 2 pessoas, conforme o Quadro 06 acima.

Nessa perspectiva, a obtenção dos dados foi realizada em duas etapas: exploratória e descritiva. Na etapa exploratória, os dados foram coletados por meio de fontes secundárias, oriundas: a) da página eletrônica da IES, que permitiu identificar a estrutura organizacional, a quantidade de cursos de graduação, pós-

graduação, número e lotação de servidores; b) da página eletrônica do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, na plataforma lattes, que permitiu identificar os grupos de pesquisa que desenvolvem projetos de pesquisa na instituição investigada, no campus pesquisado.

Na etapa descritiva, os dados foram coletados por meio de fontes primárias, por meio da realização de entrevistas com o líder de cada grupo de pesquisa e os responsáveis pelos setores de comunicação e extensão. Para compor o *corpus* da pesquisa, serão utilizados dados de fontes primárias e secundárias. Segundo Pinheiro (2016), fontes primárias são obras ou textos que se apresentam da forma como foram produzidos pelos seus autores, enquanto fontes secundárias são constituídas a partir do material oriundo de fontes primárias.

4.4 Instrumentos

Segundo Rudio (1985, p. 114), “instrumento de pesquisa é o que é utilizado para a coleta de dados”, ou seja, as ferramentas que são utilizadas para alcançar o objetivo da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, “os dados são obtidos a partir de fontes escritas, portanto, de uma modalidade específica de documentos, que são obras escritas, impressas em editoras, comercializadas em livrarias e classificadas em bibliotecas” (GERHARDI & SILVEIRA, PG. 37, 2009).

A pesquisa documental é “aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos” (GERHARDI & SILVEIRA, PG. 37, 2009).

A entrevista é “uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (GIL 1999, p. 117). A observação é uma técnica de coleta de dados para obter informações e usa os sentidos para capturar aspectos particulares da realidade. Consiste não apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar (MARCONI E LAKATOS, 2003). Gil (1999), por outro lado, menciona que na observação os fatos são percebidos diretamente sem intermediação, o que segundo ele é visto como uma vantagem em relação a outras ferramentas de pesquisa.

Partindo disso, para alcançar o objetivo dessa pesquisa foram utilizados os seguintes métodos e técnicas de coleta de dados: a pesquisa bibliográfica, a

pesquisa documental, a observação e entrevistas semiestruturada, que serão detalhados a seguir.

4.5 Coleta de dados

A pesquisa bibliográfica: foi realizada uma revisão da literatura sobre os temas: universidade e desenvolvimento, comunicação e desenvolvimento regional, e comunicação pública da ciência. Foram consultados livros, artigos, periódicos e bases de dados da Capes e da USP. Foram utilizados como referencial teórico os autores: Boaventura de Sousa Santos (1989; 2004; 2008), Sabine Sedlack (2013), Maurício Serra (2018), Celso Furtado (1983), Valdir Roque Dallabrida (2007), Isaac Epstein (2012) e Milton Santos (1989).

A pesquisa documental: foi realizada uma análise dos documentos disponíveis no site da instituição pesquisada, como o estatuto, a estrutura organizacional, o plano de desenvolvimento institucional, o histórico, o organograma das pró-reitorias, a legislação sobre projetos de pesquisa, os grupos de pesquisa, as ações de extensão, bem como a lista de e-mail e telefone dos setores administrativos da universidade. Também foi feito o levantamento dos grupos de pesquisa da instituição no Diretório de Grupos de Pesquisas no Brasil – DGP na página do CNPQ.

A observação: foi realizada com o intuito de compreender como são divulgadas as pesquisas da universidade e entender como são disponibilizados na página eletrônica os instrumentos institucionais de divulgação das pesquisas aos pesquisadores, assim como são disponibilizadas essas informações à sociedade em geral. Foi feita uma busca em *links* e banners na página eletrônica da instituição pesquisada.

A entrevista semiestruturada: foi realizada com três grupos distintos da instituição pesquisada: com o líder dos grupos de pesquisa cadastrados no CNPQ, representantes da comunicação institucional e representantes da extensão. O roteiro da entrevista foi elaborado com base no modelo interativo de Ramos Filho (2020), conforme apêndice A.

No que se refere às entrevistas, considerando-se os elementos da comunicação como: emissor, receptor, mensagem, código, canal e feedback, nesta pesquisa, o campo que será abordado será somente o da emissão e mensagem.

Não será abordada a população em geral. Entendendo como emissor quem emite a mensagem, e ainda como mensagem aquilo que o emissor transmite durante um processo de comunicação.

Desse modo, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturado, que foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Taubaté – UNITAU. Os participantes da pesquisa foram divididos em três grupos distintos, a saber:

- a) Grupo I - Líderes dos grupos de pesquisa: composto por 24 questões dividido em 5 categorias, a saber: caracterização do entrevistado; formação acadêmica; redes de relacionamento; divulgação científica e papel institucional na divulgação científica.
- b) Grupo II – Representantes da Comunicação: composto por 22 questões dividido em 4 categorias a saber: caracterização do entrevistado; formação acadêmica; divulgação científica e papel institucional na divulgação científica.
- c) Grupo III – Representantes da Extensão: composto por 16 questões, dividido em 4 categorias a saber: caracterização do entrevistado; formação acadêmica; divulgação científica e papel institucional na divulgação científica.

Para o Grupo I: A amostra de pesquisa pretendia entrevistar 31 líderes de pesquisa, mas somente 17 foram entrevistados. Os motivos para a não participação dos outros 14 foram: falta de retorno do contato via email (4); indisponibilidade de horário de modo que atendesse o cronograma da pesquisa (8); recusa em participar da pesquisa (1) e impedimento por motivo de força maior (1).

Para o Grupo II: A amostra de pesquisa pretendia entrevistar 6 responsáveis pela comunicação institucional e todos foram entrevistados conforme definido. O grupo III pretendia entrevistar duas pessoas, mas somente 1 participou da pesquisa.

As entrevistas foram agendadas com os atores por email e foram realizadas presencialmente e por meio do GoogleMeet, no período de 01/05/2023 a 31/06/2023. A duração das entrevistas foi em média 1 hora de duração. O áudio das entrevistas foi gravado, com o consentimento dos entrevistados, para facilitar a coleta dos dados.

4.6 Análise de dados

Para analisar os dados coletados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo proposto por Bardin (1977) tendo como etapas: (i) pré-análise; (ii) exploração do material ou codificação e tratamento e (iii) a interpretação dos resultados, de acordo com o modelo validado utilizado nesta pesquisa.

A pesquisa bibliográfica, documental, observação e entrevistas seguiram as etapas da pré-análise, da exploração do material e do tratamento dos resultados. Na pré-análise, foi feita uma leitura flutuante dos documentos, selecionando-se os que pudessem responder ao problema e aos objetivos da pesquisa. Na exploração do material, foi feita a codificação, identificando as unidades de contexto e as unidades de registro. Em seguida, as unidades de registro foram classificadas em categorias que permitissem a interpretação dos dados. No tratamento dos resultados, foi feita a inferência e a interpretação, relacionando os dados com o referencial teórico e o contexto da pesquisa.

Para as entrevistas, foram transcritas na íntegra, respeitando a fala dos entrevistados e as normas éticas da pesquisa. As transcrições foram lidas com atenção, destacando-se as partes relevantes para a pesquisa e codificando-as de acordo com a categoria. Os resultados foram inferidos e interpretados, buscando-se compreender os meios institucionais disponibilizados pela instituição e como eles têm sido utilizados para a divulgação científica na região.

Além disso, foi realizada uma triangulação entre os dados, utilizando os resultados dos instrumentos de coleta de dados. Os resultados foram comparados com o referencial teórico e o contexto da pesquisa e apresentados em forma de texto.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica aponta que a universidade é um agente fundamental para o desenvolvimento regional, pois produz e dissemina o conhecimento científico, que pode beneficiar a sociedade em diversos aspectos, como social, econômico, ambiental e educacional. E que a comunicação pública secundária da ciência é uma estratégia essencial para promover o desenvolvimento regional, pois permite que a sociedade se aproprie do conhecimento produzido pela universidade e participe das decisões sobre as questões que afetam a sua realidade e que por meio da extensão é possível aplicar o conhecimento produzido pela universidade.

5.2 Pesquisa Documental

Por meio da pesquisa documental, foram analisados o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI (2017-2021 e PDI 2022-2026) e o Projeto Pedagógico Institucional – PPI da instituição pesquisada, considerando-se que é uma ferramenta de planejamento estratégico, pois contém informações que definem a missão das Instituições de Ensino Superior e os meios para atingir seus objetivos em um determinado período. É importante mencionar que o MEC, por meio do Decreto nº 9.235/2017, estabeleceu a obrigatoriedade das instituições públicas federais de ensino elaborarem o PDI.

Conforme o PDI 2021-2026 da IES estudada, a missão da instituição é assim definida: “Nas relações entre os indivíduos, reconhecendo os valores inerentes aos diferentes públicos, tratando todos com igualdade, humanidade, educação e gentileza”. A visão, por sua vez, é definida como: “Consolidar-se como uma universidade de excelência em ensino, pesquisa e extensão, comprometida com o desenvolvimento humano e a inclusão social”. A IES leva em consideração os seguintes valores: respeito, transparência, comprometimento, conhecimento e responsabilidade social.

Nessa perspectiva, a missão, a visão e os valores são criados pelas organizações a partir de observações do ambiente organizacional que irão definir qual será o planejamento estratégico, para onde se quer chegar e quais recursos serão utilizados para tal fim (SCORSOLINI-COMIN, 2012).

O PPI tem por objetivo garantir o cumprimento da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o qual caracteriza a Universidade das demais IES, conforme o Art. 207 da Constituição Federal de 1988. O Projeto Pedagógico Institucional – PPI, por sua vez, que faz parte do PDI 2022-2026, explicita os princípios, as diretrizes, os objetivos e as políticas que orientam o ensino, a pesquisa e a extensão e a filosofia da educação que inspira a instituição.

Conforme o PPI da instituição, ele fundamenta-se por seis partes: a inserção regional; a organização didático-pedagógica; as políticas de inclusão e acessibilidade; ação afirmativa; extensão; pós-graduação e pesquisa; e assistência estudantil. Dentre os seis fundamentos que norteiam o PPI, chama-se atenção para o fundamento: a inserção regional, que menciona que as ações de ensino e pesquisa orientam-se por “potencializar o desenvolvimento econômico e social dos municípios maranhenses, atuando de forma regionalizada, alinhada às vocações produtivas locais e ao processo de planejamento do desenvolvimento local e regional” (UFMA, p.69, 2023).

E ainda a política de extensão e cultura da IES pesquisada que está definida por cinco eixos: valorização e consolidação da extensão e da cultura como prática acadêmica; relação dialógica da instituição com a sociedade; cultura, arte e memória; tecnologias sociais e inovação nas ações de extensão e de cultura para o desenvolvimento local, regional e nacional; diversidade e inclusão social.

Diante disso e com o intuito de identificar as unidades de sentido do PDI que se relacionam com o problema e os objetivos dessa pesquisa, chama-se atenção para os eixos: comunicação organizacional e extensão e cultura. O Anexo E, e o Anexo F tratam das metas, objetivos, indicadores do PDI 2017-2021 dos eixos de comunicação institucional e extensão e cultura, respectivamente. E o Anexo H e o Anexo I, tratam das metas, objetivos, indicadores do PDI 2022-26 dos eixos de comunicação institucional e extensão e cultura, respectivamente.

Eixo Comunicação Organizacional

Com base o Anexo H, que trata sobre os objetivos, metas e resultados do PDI anterior (2017-2021), é possível dizer que:

- a) as ações que ampliam a comunicação da Universidade com a sociedade foram parcialmente atendidas ou não foram atendidas;
- b) somente as ações voltadas para a comunidade interna foram alcançadas;

c) das dez metas especificadas, apenas três não foram alcançadas;

d) o objetivo pretendido de produzir material voltado para o universo acadêmico, que seria uma forma de divulgar os resultados da pesquisa, não foi alcançado.

Nessa perspectiva, no que se refere a mudanças entre o PDI anterior (2017-21) e o vigente, o plano vigente (2022-26), percebe-se que o plano vigente apresenta alguns objetivos, metas e ações novos ou diferentes do plano anterior (2017-21). Por exemplo, o plano vigente tem como objetivo aumentar a grade de programação local com a produção de novos programas e interprogramas, e como meta aumentar de 40% os conteúdos produzidos pela TV UFMA. Isso mostra que a UFMA busca inovar e melhorar os seus meios de comunicação institucional e de divulgação científica.

No que se refere à continuidade, o plano vigente (2022-26) mantém alguns dos objetivos, metas e ações do plano anterior (2017-21). Por exemplo, ambos os planos têm como objetivo aumentar a visibilidade da UFMA junto aos públicos interno e externo, e como meta ampliar o uso de canais de comunicação e aumentar a participação. Isso mostra que a UFMA reconhece e valoriza os seus meios de comunicação institucional e de divulgação científica.

Outra continuidade é que o plano vigente (2022-26) mantém alguns dos indicadores e dos resultados do plano anterior (2017-21). Por exemplo, ambos os planos usam como indicador o número de usuários e engajamento nas redes sociais, e como resultado o aumento de 25% no engajamento. Isso mostra que a UFMA monitora e avalia os seus meios de comunicação institucional e de divulgação científica.

Eixo Extensão e Cultura

Percebe-se que a promoção de ações de extensão é voltada prioritariamente para o público interno da universidade. Embora perceba-se preocupações com o público externo, dada maior ênfase no PDI 2022-26 (ANEXO I). Considerando-se que a pesquisa bibliográfica aponta a extensão como um meio para aproximação da universidade na sociedade e uma forma para inserir, por meio de projetos, o conhecimento adquirido do ensino e pesquisa é necessário que as metas proposto por esse eixo sejam alcançadas.

5.3 Observação

A observação não participante nos canais de comunicação da IES com a sociedade, realizada no período de 01/05/2023 a 01/06/2023, permitiu compreender como a instituição pesquisada faz a divulgação da ciência. Os resultados indicaram que a IES promove a comunicação pública secundária da ciência por meio do: portal, redes sociais (Instagram, Youtube, Twitter), Rádio Universidade e TV. Foram registrados apontamentos e observações sobre cada um desses meios na pesquisa.

Portal Institucional

Foi observado que a instituição tem um portal oficial e que o campus de Imperatriz tem uma página que fica dentro do domínio do portal oficial. No Portal Oficial, não foi encontrado um link específico de divulgação científica. No entanto, no menu *Notícias*, da página inicial do site, o *link* redireciona para um banco de informações, que reúne publicações acadêmicas, programação da rádio universitária, informações institucionais e divulgação de eventos, abertura de editais diversos, seja de processos de seleção para os cursos ou de fomento a pesquisa.

Figura 6 - Página Oficial da IES pesquisada – Página Inicial



Fonte: UFMA, 2023.

A busca das notícias pode ser feita com filtros de período (últimos 7, 30 e 12 meses) e ordena o conteúdo por relevância, por data e por ordem alfabética. Contudo, não segmenta por tipo de informação, e percebe-se que é feita uma divulgação mais factual do que acontece na instituição, conforme a figura 6 a seguir:

Figura 7 - Página Oficial da IES – Notícias

The screenshot shows the 'Notícias' page of UFMA. At the top, there is a navigation bar with links for 'Editais', 'Acesso à Informação', 'Transparência e Prestação de Contas', 'Ingresso/SiSU', and 'Processo'. Below this is a search bar and a 'FILTRAR POR' button. The main content area has a search bar and two filter sections: 'POR PERÍODO' and 'ORDENAR POR'. The 'POR PERÍODO' section has radio buttons for 'qualquer período', 'últimos 7 dias', 'últimos 30 dias', and 'últimos 12 meses'. The 'ORDENAR POR' section has radio buttons for 'relevância', 'data (mais recente primeiro)', and 'alfabeticamente'. An 'APLICAR FILTRO' button is located to the right of these filters. Below the filters, there are three news items, each with a 'GERAL' tag and a small image:

- Rádio Ciência divulga trabalho sobre as consequências do consumo de alimentos ultraprocessados** (with image of Rádio Ciência logo)
- JTV UFMA estreia em 2023 mais dinâmico, com novos quadros e cenário reformulado** (with image of JTV UFMA)
- Biblioteca Digital de Odontologia: novo recurso educacional da UNA-SUS-UFMA conta com acervo gratuito na área de saúde bucal** (with image of the digital library interface and text: 'Cinco bibliotecas digitais estão disponíveis nas lojas Android e IOS')

Fonte: UFMA, 2023.

Ainda na tela inicial na página oficial da instituição, estão disponíveis *links* diretos para a central de atendimento com informações sobre cada um dos serviços oferecidos; ao e-mail institucional voltado à comunidade interna; acesso ao Sistema Eletrônico de Informações – SEI, que possibilita a abertura de processos eletrônicos voltado para o público interno e externo a instituição; acesso a sistemas

institucionais; carta de serviço; e acesso à informação com base na Lei de Acesso a Informação.

No portal do campus de Imperatriz, (que fica dentro do domínio do portal oficial) também não foi encontrado nenhum canal específico de divulgação científica. No menu *Notícias* do portal, o *link* redireciona para um banco de informações que reúne: publicações acadêmicas; informações institucionais, divulgação de eventos e abertura de editais diversos, seja de processos de seleção para os cursos ou de fomento à pesquisa. Todavia, percebe-se que é feita uma divulgação mais factual do que acontece na instituição, assim como se observou que a última atualização no portal está datada em 11/05/2022, conforme a figura 07 a seguir:

Figura 8 - Página campus de Imperatriz – Página Inicial



Fonte: UFMA, 2023.

Redes Sociais

A IES está presente no Instagram e no Youtube com dois perfis diferentes: o Oficial da IES e o do campus de Imperatriz. O perfil Oficial no Instagram tem 131 mil seguidores e o do campus de Imperatriz tem 12.500 seguidores. O canal Oficial no

Figura 10 -Página Instagram - Campus Imperatriz



Fonte: Instagram (2023)

No Twitter, há apenas um perfil oficial da IES, com 23.800 seguidores. Observou-se que a maioria dos conteúdos criados são divulgados nas redes sociais. Por exemplo, o conteúdo criado pelo perfil oficial no Instagram é replicado no Twitter e no Youtube. O mesmo ocorre com o conteúdo do campus de Imperatriz.

Figura 11 - Página Oficial Twitter

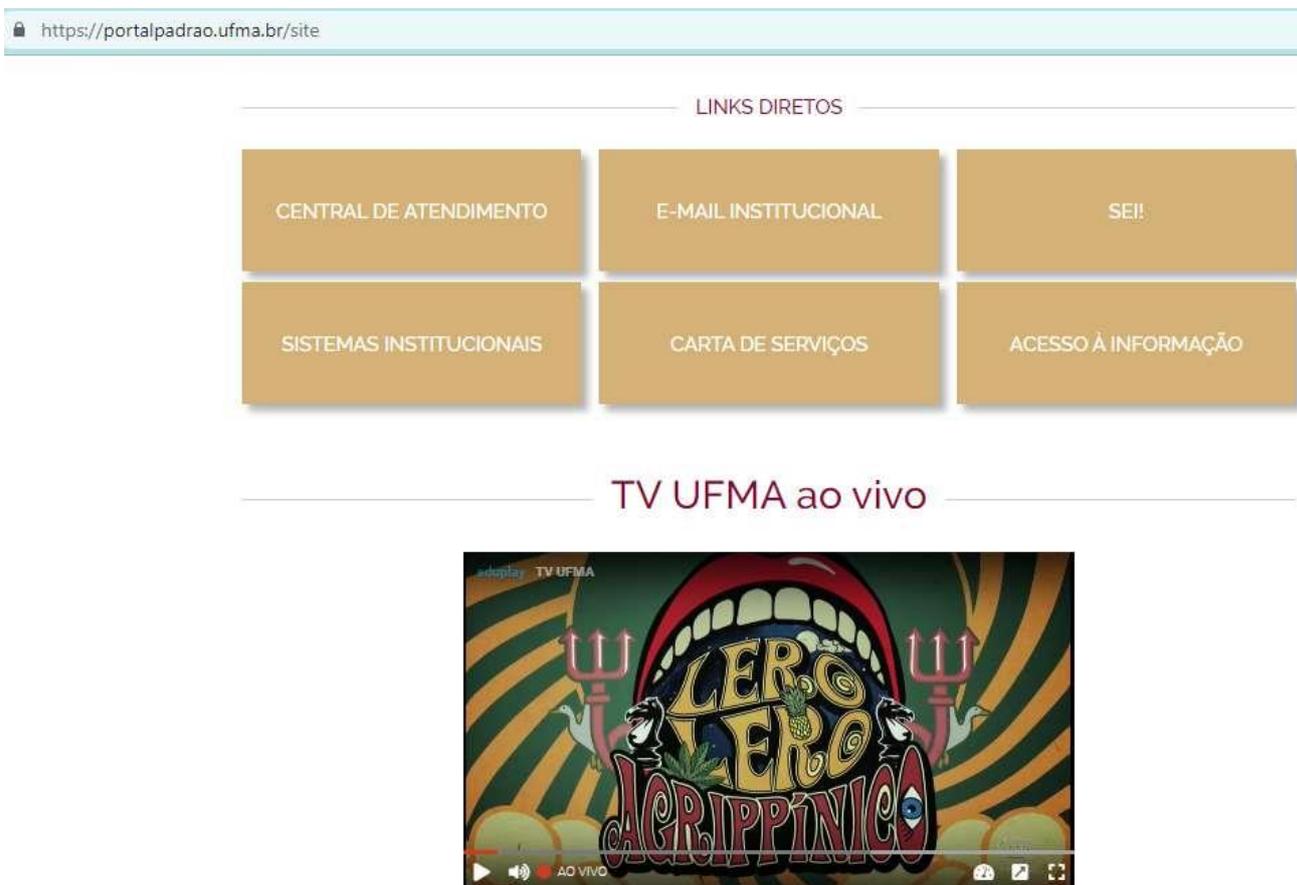


Fonte: Twiter (2023).

TV da Instituição

A programação da TV da Universidade pode ser assistida pela página oficial da IES pesquisada. Segundo as informações do portal oficial, a TV tem programação de segunda a sexta, das 10h às 13h30min. A TV tem canal aberto na 16.1, na região da capital São Luís; na SKY canal 316; na TVN canal 16 e Claro canal 17. Porém, na cidade de Imperatriz, não há canal aberto para a TV. Para ver a programação da TV, é preciso acessar pela internet.

Figura 12 - Página Oficial da IES – TV



Fonte: (UFMA, 2023).

De acordo com o quadro 11 a seguir, que mostra a programação da TV no portal oficial, a TV conta com programas específicos para a divulgação científica. A TV tem programas sobre saúde, literatura, ciência, histórias, robótica, entre outros.

Quadro 7 - Programação da TV da Instituição pesquisada

Dia/hora	10h:00	10h30m	10h40m	11h:10m	11h:15m	12h:20m	13h00	13h30m
Segunda	Canal de História	Floresta da gente		-	Almanaque da Saúde	-	Horário Eleitoral	JTV UFMA
Terça	Canal de História	-	Liter. com Alencar	-	Turma da Robótica	-	Horário Eleitoral	JTV UFMA
Quarta	Canal de História	Rural Produtivo	-	-	Univerciência	-	Horário Eleitoral	JTV UFMA
Quinta	Canal	-	Bem	-	Roda de	-	Horário	JTV

	de		viver		Mulheres		Eleitoral	UFMA
	História							
	Canal							
Sexta	de	-	-	Mestre e	-	Ciência é	Horário	JTV
	História			Aprendiz		tudo	Eleitoral	UFMA

Fonte: (UFMA, 2023).

Radio Universidade¹

A rádio Universidade 106 FM apresenta programas diversos para cada dia da semana, além de alguns semanais ou quinzenais. Conforme o Anexo F, que mostra a programação da Rádio no portal oficial, a programação da Rádio aborda temas de ciência e cultura e também tem programas específicos para a divulgação científica. No entanto, em Imperatriz, a rádio não tem uma frequência própria, mas pode ser ouvida online, pelo link que dá acesso aos programas da rádio no portal oficial da IES.

Figura 13 - Página Oficial Rádio Universidade



Fonte: UFMA, (2023).

¹ O campus de Imperatriz recebeu a concessão de canal de Rádio e de TV Universitários, numa Cerimônia de outorga dos novos canais que ocorre em Brasília no dia 17/10/2023. A iniciativa é uma ação conjunta da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), Secretaria de Comunicação da Presidência da República (SECOM) e dos Ministérios da Educação e das Comunicações e visa à expansão da Rede Nacional de Comunicação de Pública (RNCP), por meio de novas concessões de Rádio e TV públicas, em especial para as universidades federais. Fonte: <https://portalpadrao.ufma.br/site/noticias/ufma-imperatriz-ganha-canal-de-radio-e-de-tv-universitarios>

O programa da rádio Universidade que possui um programa voltado para a divulgação científica é chamado *Rádio Ciência*. Ele é um programa diário, com duração de 10 a 15 minutos, que fica disponível na página oficial da rádio após a apresentação.

Figura 14 - Página da Rádio Ciência



Fonte: UFMA, (2023).

Alguns dos outros programas são: *Madrugada 106*: música e notícias durante a madrugada; *Destaque 106*: as principais notícias do dia; *Chorinhos e Chorões*: um programa dedicado ao gênero musical brasileiro; *Orgânica*: temas relacionados à saúde e ao meio ambiente; *Super Tarde 106*: música e interação com os ouvintes;

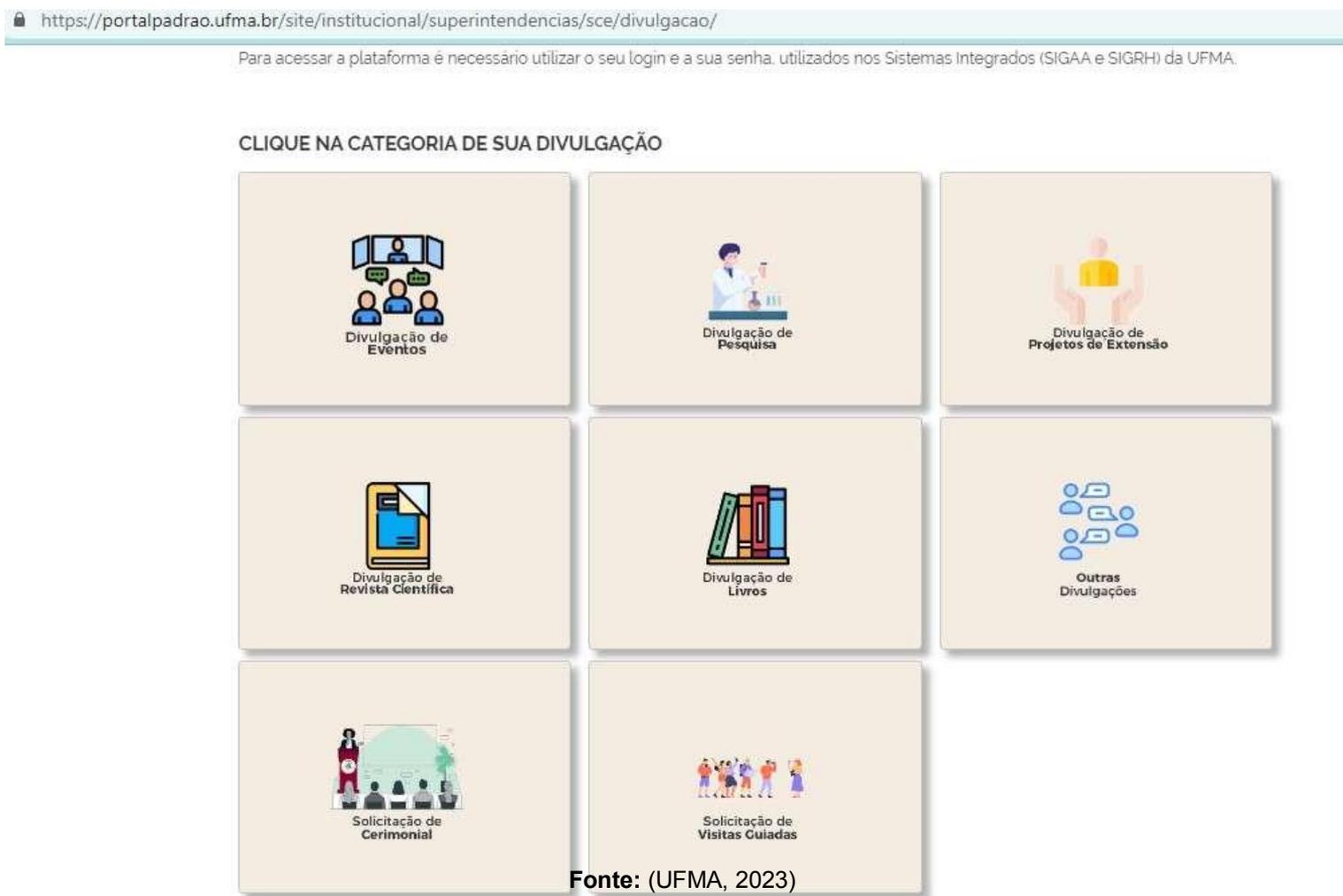
Noite 106: diferentes estilos musicais e artistas locais; *Acústico Santo de Casa*: apresentações ao vivo de músicos maranhenses; *Janela Cultural*: divulgação de eventos e manifestações culturais; *Programação do Ouvinte*: atendimento aos pedidos musicais dos ouvintes; *FMPB*: música popular brasileira; *Acontece na UFMA*: divulgação das atividades da universidade; *Você Saudável*: dicas de bem-estar.

Assim como o *Jornal Rádio Universidade*: as notícias do dia; *Rádio Opinião*: espaço para a participação dos ouvintes; *Rádio Ciência*: ciência e tecnologia; *Sessão das Oito*: curiosidades e novidades do cinema; *Manhã 106*: música e informação; *Santo de Casa*: talentos da música maranhense; *Empresa em Ação*: iniciativas de responsabilidade social das empresas; *Rádio Cidadã*: cidadania e direitos humanos; *Qualificar* (Quinzenal): informações sobre cursos e capacitações; *Ópus Universidade*: música erudita; *Balada 106*: sucessos do momento; *Música Nova*: novidades do cenário musical nacional e internacional; *Diálogos*: debates sobre temas relevantes para a sociedade.

Bem como a *Estação Cinema*: dicas de filmes e séries para assistir; *Vertentes*: diversos gêneros musicais existentes; *Roteiro Cultural*: eventos culturais da cidade; *Sexta Jazz*: o melhor do jazz nacional e internacional; *Frequência G*: músicas e informações sobre o universo LGBT; *Universidade do Reggae*: ritmo jamaicano e suas vertentes; *Agenda Positiva*: dicas de lazer e cultura para o fim de semana; *Companhia da Música*: entrevistas e performances de artistas convidados; *Então Foi Assim*: histórias por trás das canções.

É importante mencionar que na página oficial da instituição, a Diretoria de Comunicação oferece um formulário on-line para divulgar as atividades feitas por docentes, discentes e técnico-administrativos. Assim, é possível informar / solicitar à instituição a divulgação de eventos, pesquisa, projetos de extensão, revistas científicas, livros, cerimonial e visitas guiadas, entre outras no portal da instituição, conforme a figura 15.

Figura 15 - Página Oficial da IES – Divulgação



Ainda por meio da observação não participante, foi procurado no portal oficial informações sobre a extensão, considerando que a pesquisa bibliográfica e as diretrizes da extensão universitária mostram a importância da extensão para a troca de conhecimentos populares e científicos e para a aproximação da Universidade com a sociedade. Assim, pela página oficial da instituição pesquisa, é possível ver as ações de extensão por ano. Em 2022, o campus de Imperatriz realizou 23 ações

de extensão, com 231 pessoas envolvidas, sendo 161 discentes, 48 servidores e 21 pessoas externas à universidade.

Figura 16 - Ações de Extensão



Fonte: UFMA, 2022

5.2 Entrevistas

Grupo I

O Grupo I, composto pelos os líderes de grupo de pesquisa da IES pesquisada da cidade de Imperatriz, seguiu-se um roteiro semi-estruturado de perguntas aberta composto por 24 questões divididas em cinco categorias: caracterização do entrevistado; formação em pesquisa; redes de relacionamentos; divulgação científica e papel institucional na divulgação científica.

Foram entrevistadas 17 pessoas, identificadas nessa pesquisa como L01, L02, L03, L04, L05, L06, L07, L08, L09, L10, L011, L012, L013, L14, L015, L016 e L017, como forma de preservar a identidade do entrevistado. As entrevistas foram agendadas com os atores por e-mail e realizadas presencialmente ou por meio do GoogleMeet no período de 01/05/2023 a 31/06/2023. A duração média das entrevistas foi de uma hora. O áudio das entrevistas foi gravado, com o consentimento dos entrevistados, para facilitar a coleta dos dados. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, para leitura e posterior assinatura.

A pesquisa teve como objetivo compreender como os meios institucionais disponibilizados por uma instituição de ensino superior pública federal em Imperatriz têm sido utilizados para a divulgação científica, considerando-se o papel da universidade para o desenvolvimento regional. A pesquisa se caracterizou como um estudo de caso com abordagem qualitativa, exploratório-descritiva. A análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977), foi utilizada como método para a análise dos dados.

1. Quando perguntado sobre a formação dos entrevistados, foi possível identificar que os entrevistados têm formação em diferentes áreas, como Saúde, Ciências Humanas e Comunicação. Todos têm pós-graduação em nível de mestrado, doutorado ou pós-doutorado. As áreas de pós-graduação dos entrevistados podem ser relacionadas ou não com as áreas de graduação, indicando diferentes trajetórias e interesses acadêmicos e profissionais. As áreas de formação dos entrevistados abrangem Ciências Sociais, Ciências da Comunicação, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Exatas e Engenharias. Os entrevistados demonstram ter uma formação em pesquisa e redes de relacionamento sólida e diversificada, que pode contribuir para a comunicação pública secundária da ciência e para o desenvolvimento regional de Imperatriz - MA.
2. Quando perguntado sobre o tempo de atuação na IES a qual estão vinculados foi possível notar que os entrevistados têm diferentes tempos de atuação na instituição, variando de 2 a 19 anos. A média de tempo de atuação dos

entrevistados é de 12 anos, o que indica uma certa experiência e estabilidade na carreira acadêmica. O entrevistado com mais tempo de atuação é L03, com 19 anos, seguido por L01, com 15 anos. Eles podem ser considerados os mais veteranos e conhecedores da IES. O entrevistado com menos tempo de atuação é L02, com 2 anos, seguido por L16, com 4 anos. Eles podem ser considerados os mais novatos e em fase de adaptação à IES. É possível considerar que a instituição pode impulsionar o desenvolvimento regional por meio de desenvolvimento endógeno, que segundo Haddad (2009) pode ser adotado como estratégia no processo de desenvolvimento regional, uma vez que esse modelo tem como premissa o capital intangível e o planejamento participativo da região. A pesquisa documental aponta no PPI que a visão da instituição é se tornar uma instituição comprometida com o desenvolvimento humano.

3. Quando perguntado se o entrevistado adapta o tema de suas pesquisas às demandas da região todos os entrevistados afirmam que adaptam o tema de sua pesquisa às demandas da região em que atuam, seja Imperatriz ou o Maranhão. Eles mostram que suas pesquisas têm relevância social, cultural, econômica ou sanitária para a região, e que buscam contribuir para a solução de problemas locais ou para o entendimento da realidade regional. Eles também indicam que suas pesquisas dialogam com autores, fontes e dados da região, e que procuram regionalizar a bibliografia.

"sim, todos os estudos que eu desenvolvo (...) a gente fez a pesquisa e tá aqui nas contribuições a dizer que em Imperatriz a gente tem tais locais que são prioritários para se intervir (...) e o quê que o próprio serviço precisa melhorar" L01 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa, Imperatriz – MA, 10/05/2023.

"sim, com certeza (..) a gente quer entender o funcionamento da cidade, a partir da sociologia. Isso pode ser que no futuro inspire políticas públicas, né? É bastante possível. Ela é inspirada na observação da cidade" L02 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa, Imperatriz – MA, 10/05/2023.

"sim, foi mudando um pouco eh a linha de pesquisa, né para atender as demandas aqui, regionalizar (...) tudo para resolver os problemas locais" L04 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa, Imperatriz – MA, 31/05/2023.

A partir disso, pode-se inferir que os entrevistados demonstram um compromisso com a produção de conhecimento que seja pertinente e útil para a região em que vivem e trabalham. Os entrevistados valorizam a identidade e a diversidade regional, e reconhecem as especificidades e os desafios da região em relação a temas como saúde, educação, comunicação, cultura e sociedade. Rolim (2010) diferencia as universidades que estão na região, focadas na formação para o mercado, das que são da região, engajadas na solução dos problemas e no desenvolvimento regional. Os entrevistados podem ser considerados agentes de desenvolvimento regional, pois suas pesquisas podem inspirar políticas públicas, intervenções sociais, inovações tecnológicas ou transformações culturais que beneficiem a região.

4. Quando perguntados sobre o que os entrevistados entendem por divulgação científica é possível notar que eles têm concepções semelhantes sobre o que é divulgação científica, entendendo-a como a comunicação e a socialização do conhecimento produzido a partir de uma pesquisa. Eles citam diferentes formas e meios de divulgar a ciência, como resumos, relatórios, palestras, capítulos de livros, artigos, periódicos, eventos e publicações não científicas. Eles reconhecem a importância e a necessidade de divulgar a ciência para a comunidade acadêmica e para a sociedade em geral, mas também apontam as dificuldades e os desafios para fazer isso.

“a divulgação científica é como o próprio nome já diz você divulgar é você colocar para frente de alguma forma aquilo que você tem pesquisado. então a gente entende que isso pode ser feito por meio de resumo elaborados para eventos por meio de relatórios são produzidos por meio de palestras que são realizadas. Então por meio de Capítulo de livros são publicados, artigos. Então tudo aquilo que a gente utiliza para deflagrar ou para socializar o conhecimento que é produzido a partir de uma pesquisa” L01 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa, Imperatriz – MA, 10/05/2023.

“é você conseguir publicizar o conhecimento que a gente fica muito restrito dentro do âmbito acadêmico com um diálogo com a sociedade, com a sociedade que tá longe da academia que tá alheia as coisas que a gente faz aqui dentro” L05 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa, Imperatriz – MA, 17/05/2023.

“eu entendo com divulgação Científica a propagação, né de todo a forma de informação que é produzida dentro da Universidade. A gente não pode eh desenvolver pesquisas para nós nós desenvolvemos produzidos para a sociedade. Então a gente precisa fazer essas pesquisas circularem fazer essas pesquisas que essas pesquisas tenham eh uma aplicação na sociedade, né” L14 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa,

Imperatriz 24/05/2023.

A partir disso é possível inferir que os entrevistados demonstram uma visão ampla e abrangente da divulgação científica, que não se restringe apenas à publicação em veículos especializados, mas que busca alcançar diferentes públicos e contextos. Os entrevistados valorizam a divulgação científica como uma forma de dar visibilidade e legitimidade ao seu trabalho, de contribuir para o avanço da ciência e de promover o diálogo entre a academia e a sociedade. Os entrevistados podem ser considerados agentes de divulgação científica, pois suas pesquisas podem gerar conhecimento relevante, inovador e útil para a região em que atuam.

5. Quando perguntado se os entrevistados fazem divulgação científica das suas pesquisas e, em caso positivo, como fazem isso, para quais públicos, os entrevistados relataram experiências de comunicação da ciência. Foi possível identificar três categorias principais: a) Divulgação para o público acadêmico; b) Divulgação para o público não acadêmico; c) Potencialidades e projetos da divulgação científica:

Categoria A - Divulgação para o público acadêmico: contém as falas que mencionam as formas de divulgar as pesquisas para os pares da área científica, como artigos, livros, capítulos de livros, palestras para o público acadêmico, resumos em anais de eventos etc. Essa categoria tem 10 falas (L01, L03, L04, L06, L11, L12, L14, L15, L16 e L17).

Categoria B - Divulgação para o público não acadêmico: contém as falas que mencionam as formas de divulgar as pesquisas para a sociedade em geral, como redes sociais, imprensa, público em geral. Essa categoria tem 6 falas (L02, L05, L07, L09, L10 e L13).

Categoria C - Potencialidades e projetos da divulgação científica: contém as falas que mencionam as possibilidades ou planos que os entrevistados têm para divulgar suas pesquisas, como projeto de extensão, popularização, uso em sala de aula etc. Essa categoria tem apenas 1 fala (L08).

"é uma grande discussão que a gente tem, a gente eu eu acho que as todas as produções que eu eu faço e que meu grupo faz assim, é mais nos eventos científicos da área de comunicação, então assim fica muito restrito aos nossos pares, né? A gente não consegue quebrar esse muro assim

sabe que eu acho que é um papel do projeto de extensão que a gente vai conseguir com essa popularização levar mais para fora" L03 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa, Imperatriz – MA, 31/05/2023.

"não Muito, não Muito. Eu uso minhas redes sociais muito pouco para trabalho, mas esporadicamente quando sai um artigo novo, eu publico na minhas redes sociais, instagram, no Facebook e assim eu atendo a chamada imprensa, sabe? quando eles me procuram eu atendo, sabe? mas quando eu termino.. os resultados da minha pesquisa de fato eu transformo em artigos, capítulos de livros. muito entre os pares mesmo" L04 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa, Imperatriz – MA, 31/05/2023.

"a gente tem um Instagram do nosso grupo, mas ele também não tem um grandes impactos, né? Esse é um grande problema, né? Assim a gente gasta muito tempo nas pesquisas e a gente não tem braço para ficar publicizando e divulgando, então acaba ficando muito restrito aos congressos, aos eventos, mas assim... acabamos divulgando um pouco nas redes sociais por conta do grupo de pesquisa. (...) sempre que eu termino uma pesquisa eu faço release mando para imprensa, a gente produz, a gente produz uma cartilha e distribuimos em alguns: na câmara, distribuimos com associações, né? Então, a gente, sempre que eu termino uma uma pesquisa, eu tento articular junto com as meus alunos pesquisadores para publicizar isso de alguma maneira" L05 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa, Imperatriz – MA, 17/05/2023.

A partir dessas categorias (A, B e C), é possível fazer algumas inferências sobre as falas de entrevista:

- Todos os entrevistados fazem algum tipo de divulgação das suas pesquisas, tanto para o público acadêmico quanto para o público não acadêmico. No entanto, há uma predominância da divulgação para o público acadêmico, que representa mais da metade das falas, um total de 10 das 17 falas.
- A divulgação para o público acadêmico é feita principalmente por meio de publicações de artigos, capítulos de livros e eventos científicos.
- A divulgação para o público não acadêmico é feita principalmente por meio de redes sociais dos grupos de pesquisa, da instituição ou pessoal do entrevistado, entrevistas para a imprensa e palestras para um público não acadêmico.
- Os entrevistados reconhecem as dificuldades e limitações da divulgação científica, que estão relacionadas à falta de recursos, tempo, interesse e linguagem adequada. Eles também reconhecem a importância de quebrar o muro entre a academia e a sociedade e de levar o conhecimento científico

para fora dos espaços formais. Os entrevistados demonstram ter potencialidades e projetos para a divulgação científica, que estão relacionados à extensão. Eles também demonstram ter consciência do papel social da ciência e da necessidade de dialogar com diferentes públicos.

Epstein (2012) divide a comunicação da ciência em dois tipos: a comunicação primária, que é aquela voltada para os pares, e a comunicação secundária, que é aquela voltada para o público leigo ou não especializado. A comunicação secundária tem como objetivo divulgar e popularizar o conhecimento científico, contribuindo para a educação, a cultura e o desenvolvimento da sociedade. Nesse sentido, as IES têm um papel importante na promoção da comunicação pública secundária da ciência, pois são responsáveis pela produção e difusão de grande parte do conhecimento científico no país. Contudo, percebe-se uma predominância das pesquisas voltadas para o público acadêmico na IES pesquisada.

6. Quando perguntado se os entrevistados costumam dar palestras todos os entrevistados afirmam que costumam dar palestras sobre suas pesquisas, mas para públicos diferentes. A maioria dos entrevistados (L01, L03, L05, L06, L08, L09, L12, L13 e L15) diz que dá palestras tanto para o público acadêmico quanto para o não acadêmico, buscando adaptar sua linguagem e seu conteúdo para cada contexto. É importante chamar atenção que nenhum entrevistado diz que costuma dar palestras apenas para o público não acadêmico, o que pode indicar uma dificuldade em se comunicar com esse público.
7. Quando perguntados se eles fazem projetos de extensão, que são atividades que envolvem a interação entre a universidade e a sociedade, foram identificadas três categorias principais: A) Participantes que fazem projetos de extensão; B) Participantes que não fazem projetos de extensão; C) Participantes que já fizeram projetos de extensão no passado.

Categoria A - Participantes que fazem projetos de extensão contém os participantes que afirmaram fazer projetos de extensão na atualidade ou em

algum ano específico. Essa categoria tem 11 participantes (L1, L3, L5, L6, L8, L9, L10, L11, L12, L13 e L15).

Categoria B - Participantes que não fazem projetos de extensão contém os que negaram fazer projetos de extensão na atualidade ou em qualquer momento. Essa categoria tem 1 participantes (L2).

“tenho vontade, mas não tenho não tenho tempo (...) dentro desse contexto, eu não me dediquei ainda de escrever e fazer um projeto” L02 [Entrevista concedida] a Eliziane Lima Rosa, Imperatriz – MA, 10/05/2023.

Categoria C - Participantes que já fizeram projetos de extensão no passado contém os participantes que afirmaram ter feito projetos de extensão em algum momento anterior, mas não na atualidade. Essa categoria tem 3 participantes (L4, L07, L14, L16, L17).

“Não tô tendo. Mas, já participei no passado” L07 [Entrevista concedida] a Eliziane Lima Rosa, Imperatriz – MA, 16/05/2023.

A partir dessas categorias, é possível fazer algumas inferências sobre os dados da entrevista:

- A maioria dos participantes faz algum tipo de projeto de extensão para divulgar suas pesquisas ou atender às demandas da sociedade. Há uma predominância dos projetos de extensão na atualidade ou recentes, que representam mais da metade dos participantes.
- Os projetos de extensão são feitos principalmente por meio de cursos, palestras ou intervenções sociais em áreas como saúde.
- Os participantes reconhecem as dificuldades e limitações para fazer projetos de extensão, que estão relacionadas à falta de tempo, recursos, interesse etc. Eles também reconhecem a importância de fazer projetos de extensão para dialogar com a sociedade e contribuir para o desenvolvimento regional.
- Eles também demonstram ter consciência do papel social da ciência e da necessidade de dialogar com diferentes públicos.

Schoab et al. (2014) menciona que a extensão é um meio de fortalecer a relação da universidade com a sociedade. Lisbôa Filho, (2022) destaca o papel das universidades brasileiras – especialmente as públicas – no crescimento do país por meio da extensão universitária.

8. Quando questionados se atendem à imprensa, todos os entrevistados afirmaram que atendem se for para tratar de assuntos de seu domínio de conhecimento ou do que estudam.
9. Quando questionados se os entrevistados fazem material técnico, que são documentos ou recursos que apresentam informações científicas de forma simplificada ou didática. Oito entrevistados (L01, L04, L05, L09; L14; L12; L13; L15; L16; L17) afirmam que produzem materiais técnicos, como relatórios, cartilhas e materiais com informações técnicas. Eles não especificam se fazem isso por iniciativa própria ou por demanda de algum órgão ou instituição.

“Sim, relatórios, cartilhas são material científico para crianças indígenas”
L04 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa, Imperatriz – MA,
31/05/2023.

“Não, não faço” L10 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa,
Imperatriz – MA, 11/05/2023.

10. Quando questionados sobre a opinião do papel da Universidade no Desenvolvimento Regional todos os entrevistados afirmam que a universidade tem um papel essencial ou fundamental no desenvolvimento regional, destacando diferentes aspectos, como a produção de ciência, a formação de profissionais, a solução de problemas locais, a possibilidade de elaboração de políticas públicas a partir dos estudos desenvolvidos e a isso a promoção de mudança social. Os entrevistados explicam que suas pesquisas estão relacionadas ou voltadas para as demandas e as especificidades da região, e que buscam dar retorno ou impacto para a sociedade.

Ah eu vejo uma grande mudança social a contribuição da universidade para mudança social assim sabe, tanto assim na formação de pessoas especializadas, na formação de cidadãos mais críticos (...) as nossas pesquisas (...) elas permitem a gente olhar para nossa realidade, pensar em políticas públicas para cidade sabe? Então, eu entendo que se não

tivesse a universidade aqui, muito disso poderia ser negligenciado e assim do ponto de vista prática eu vejo essa mudança nos meus próprios alunos nos meus alunos, nos meus alunos que estão no mercado de trabalho em pautar assuntos que era ignorados antes, então eu acho que tem um grande papel social. L05 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa, Imperatriz – MA, 17/05/2023.

"eu acho que a universidade ela é importantíssima desenvolvimento Regional, acho que é fundamental assim"... "Para mim é fundamenta, a Universidade, ela tá produzindo ciência em primeiro lugar, né? Que o que pode ter grande impacto no desenvolvimento Regional e ela tá Formando profissionais para atuarem na região. Então diante desses dois elementos, eu acho que é fundamental a existência da universidade" E02 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa, Imperatriz – MA, 10/05/2023.

"é fundamental, né? Se a universidade não está atenta aos problemas locais, quem vai estar? Se os nossos projetos não estiver voltado para as demandas locais, quem vai estar? A universidade é a instituição que deve formar pesquisadores atentos a essas demandas, aos problemas locais" E04 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa, Imperatriz – MA, 31/05/2023.

Considerando-se os achados, é possível dizer que a Universidade possui papel fundamental para o desenvolvimento regional, pois suas pesquisas podem gerar conhecimento relevante, inovador e útil para a região em que atuam. Segundo Serra et al. (2018), as universidades colaboram para o desenvolvimento regional através de suas ações de ensino, pesquisa e difusão de conhecimento, que formam capital humano qualificado, criam inovações e habilidades e modificam a realidade socioeconômica das regiões. Sedlack (2013) afirma que as universidades contribuem com o desenvolvimento regional devido a sua proximidade com os atores da sociedade civil e por suas ações afetarem diretamente a sociedade.

11. Quando perguntado quais são os meios institucionais de divulgação científica disponibilizados atualmente, foram identificadas seis categorias principais: A) Site da instituição; B) Redes sociais; C) Revistas e livros; D) Eventos científicos; E) TV e rádio; F) Boletins informativos.

Categoria A - Site da instituição: contém os participantes que mencionaram o site da instituição como um meio de divulgação científica. Essa categoria tem 7 participantes (L1, L3, L5, L6, L9, L10 e L14).

Categoria B - Redes sociais: contém os participantes que mencionaram as redes sociais como um meio de divulgação científica. Essa categoria tem 6 participantes (L1, L3, L5, L13, L15 e L16).

Categoria C - Revistas e livros: contém os participantes que mencionaram as revistas e os livros como um meio de divulgação científica. Essa categoria tem 6 participantes (L3, L4, L7, L8, L11 e L14).

Categoria D - Eventos científicos: contém os participantes que mencionaram os eventos científicos como um meio de divulgação científica. Essa categoria tem 4 participantes (L1, L2, L9 e L15).

Categoria E - TV e rádio: contém os participantes que mencionaram a TV e o rádio como um meio de divulgação científica. Essa categoria tem 4 participantes (L4, L7, L8 e L12).

Categoria F - Boletins informativos: contém os participantes que mencionaram os boletins informativos como um meio de divulgação científica. Essa categoria tem apenas 1 participante (L1).

A partir dessas categorias e dados quantitativos, pode-se fazer algumas inferências sobre os dados da entrevista:

- Os participantes mencionaram diversos meios institucionais de divulgação científica, mostrando que há uma variedade de formas de comunicar as pesquisas realizadas na IES para diferentes públicos.
- O site da instituição foi o meio mais citado pelos participantes, indicando que é uma ferramenta importante para divulgar da IES.
- As redes sociais foram o segundo meio mais citado pelos participantes.
- As revistas e os livros foram o terceiro meio mais citado pelos participantes.
- Os eventos científicos foram o quarto meio mais citado pelos participantes.
- A TV e o rádio foram o quinto meio mais citado pelos participantes.
- Os boletins informativos foram o sexto e último meio citado pelos participantes.

Vale ressaltar que alguns desses meios não se destinam especificamente ao público leigo ou não especializado, que é o foco deste estudo, considerando que alguns deles se dirigem aos pares, conforme aponta os resultados das entrevistas

com o grupo II (representantes da comunicação) e identificada na observação não participante.

12. Quando perguntado se eles já utilizaram alguns desses meios de divulgação, nove entrevistados (L01, L03, L04, L05; L08; L09; L12; L13; L14, L16, L17) afirmam que já utilizaram algum meio institucional. Cinco entrevistados (L02, L06; L07; L11; L15) negam que já utilizaram algum desses meios, dizendo que nunca receberam convite. Dentre os que já utilizaram, pode-se observar que o site é o meio mais utilizado pelos participantes, conforme quadro 08 abaixo:

A partir desses dados, eu posso inferir que os professores pesquisadores tem como referência de divulgação científica institucional o site (o portal oficial) da instituição. Porém, em entrevista com o grupo II, foi constatado pelas falas que as informações que são publicadas no portal da instituição são de forma factual. Da mesma forma, isso foi verificado por meio da observação não participante.

13. Quando perguntado sobre os principais desafios e/ou oportunidades alguns entrevistados (L01; L02; L04; L05; L08; L09; L10; L11; L13; L14) reconhecem que a IES tem alguns meios de divulgação científica, como revistas, livros, site, rádio e boletins informativos, mas que eles são insuficientes, precários, centralizados ou desconhecidos. Eles sugerem que a IES deveria investir mais na divulgação, criar um canal específico para isso, treinar os professores pesquisadores para enviar seus resultados e levar as informações para a imprensa. Outros entrevistados (L03, L06; L07; L12; L15) não sabem opinar por não conhecerem os meios de divulgação científica da IES.

14. Quando perguntado sobre eles tem alguma sugestão de como melhorar o processo de divulgação científica também percebem as limitações e os desafios que enfrentam para realizá-la de forma efetiva e abrangente. Alguns entrevistados sugerem que a IES deveria ampliar a divulgação das pesquisas por meio dos canais da instituição como rádio, TV que tem programas específicos para divulgação científica para outros locais que não sejam a sede, assim como promover o diálogo com outras instituições da cidade, criar um site específico para divulgar os projetos, escolher veículos de massa que alcancem o público desejado e criar um canal dentro da comunicação para

receber os resultados dos professores pesquisadores. Outro entrevistado (L06) aponta que há um problema de financiamento e falta de incentivo para pesquisar, o que pode dificultar a comunicação científica na IES. Os entrevistados demonstram uma preocupação em divulgar suas pesquisas, mas enfrentam dificuldades e limitações para fazer isso de forma efetiva e abrangente.

Grupo II

O Grupo II, composto pelos representantes da Comunicação: Diretoria de Comunicação; Núcleo de Comunicação de Imperatriz; Rádio Universidade; TV e Editora, seguiu-se um roteiro semi-estruturado de perguntas aberta composto por 22 questões divididas em 4 categorias: caracterização do entrevistado; formação acadêmica; divulgação científica; e papel institucional na divulgação científica.

Foram entrevistadas 06 pessoas, identificadas nessa pesquisa como C01, C02, C03, C04, C05 e C06, não necessariamente na mesma ordem dos representantes que foram citados acima, como forma de preservar a identidade do entrevistado. As entrevistas foram agendadas com os atores por e-mail e realizadas presencialmente ou por meio do GoogleMeet no período de 01/05/2023 a 31/06/2023. A duração média das entrevistas foi de uma hora. O áudio das entrevistas foi gravado, com o consentimento dos entrevistados, para facilitar a coleta dos dados. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, para leitura e posterior assinatura.

A pesquisa teve como objetivo compreender os meios institucionais disponibilizados por uma instituição de ensino superior pública federal em Imperatriz e como eles têm sido utilizados para a divulgação científica, considerando-se o papel da universidade para o desenvolvimento regional. A pesquisa se caracterizou como um estudo de caso com abordagem qualitativa, exploratório-descritiva. A análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977), foi utilizada como método para a análise dos dados.

1. Quando perguntado sobre a formação dos entrevistados, todos os entrevistados afirmaram ter formação em comunicação e títulos de mestres ou doutores nessa área ou em áreas afins, exceto um que tinha apenas o mestrado e outro que tinha formação em outra área de conhecimento. A

maioria com tempo de atuação considerável na IES pesquisada, ainda que não seja responsável pelo setor a qual responde atualmente.

2. Quando perguntado sobre a função que o setor ao qual pertencem na IES exerce, alguns enfatizam a responsabilidade de cuidar da identidade institucional, construir uma relação profissional com os veículos de comunicação, interagir com a comunidade por meio das redes sociais; construir uma memória institucional e compartilhar conhecimento. Outros destacam a importância de ampliar a visibilidade da universidade, mostrando para a sociedade tudo o que é produzido no âmbito do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão. Há também aqueles que ressaltam o papel de dar apoio para o campo científico para a comunidade em geral, compreender a relevância social e pública das pesquisas e produções acadêmicas, dar espaço para a divulgação científica e para as práticas educativas e inclusivas, e alinhar as ações do setor ao PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional). Como exemplo, cita-se uma das declarações dos entrevistados para esse grupo de amostra de coleta.

“ampliar a visibilidade da universidade, destacando para a sociedade tudo aquilo que é produzido. Tanto no âmbito do ensino, da pesquisa, da extensão da gestão” C02 [Entrevista concedida] a Eliziane Lima Rosa. Imperatriz, 16/05/2023.

Desse modo, pode-se inferir que essas diferentes percepções podem refletir as especificidades de cada meio de comunicação utilizado pelo setor, bem como os objetivos e as demandas de cada representante.

3. Quando perguntado para aos entrevistados, o que eles entendem por divulgação científica, foi possível identificar que os representantes da comunicação da IES pesquisada têm concepções semelhantes sobre o que é divulgação científica, mas com diferentes ênfases e abordagens. Alguns aspectos que são comuns nas respostas dos entrevistados são:
 - A divulgação científica envolve a adaptação, a tradução e a elaboração de um material jornalístico que possa comunicar os aspectos da ciência que é feita na universidade para um público mais amplo e diverso, em uma linguagem que seja compreensível e objetiva.

- A divulgação científica tem o propósito de dar visibilidade, relevância e aplicabilidade às produções de cunho acadêmico, mostrando para a sociedade as descobertas, os avanços e os benefícios do que é produzido no âmbito do ensino, da pesquisa, da extensão e da inovação.

“divulgação científica na minha concepção é você construir, elaborar um material jornalístico que possa dar conta com uma certa profundidade de determinadas aspectos da ciência que é feito na universidade e depois você puder disponibilizar isso nos canais competentes C01 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa. Imperatriz, 16/05/2023.

“dar visibilidade às produções de cunho acadêmico relevantes da sociedade, explicar a sua relevância ao público, que a comunicação ela não é somente registrar. Mas (...) traduzir também, ela tem que ter esse elemento da compreensão, né de trazer ao público a a informação de maneira que ele compreenda. Nós enquanto comunicadores, enquanto jornalistas temos esse papel de tradutor, né da linguagem técnica da linguagem especializada para uma linguagem mais Ampla. É fundamental que isso seja feito eh, não é simplesmente pegar o artigo com títulos subtítulos, justificativas, metodologias que são muitas vezes uma linguagem muito específica (...) é necessário essa tradução, essa comparação, e a gente tem diversas técnicas jornalísticas que ajudam” C05 **[Entrevista concedida]** a Eliziane Lima Rosa. Imperatriz, 30/05/2023.

4. Quando perguntado sobre quais são os meios institucionais de divulgação científica disponibilizados atualmente eles responderam que a instituição possui diversos meios institucionais para divulgar as atividades e as produções científicas realizadas por seus pesquisadores. Os entrevistados citam o portal da instituição, o *mailing list* e as redes sociais (Instagram, Youtube, Twitter) como ferramentas para divulgar as matérias, os releases e as notícias sobre a ciência produzida na instituição. Importante dizer que a página no Spotify – iniciativa recente do campus de Imperatriz e em fase de implantação na data da entrevista – é um meio que a instituição pretende promover a divulgação científica. Assim como é importante dizer que a página no Spotify já estava disponível no decorrer da pesquisa, conforme Anexo M. Eles também apontam a ausência de jornais e revistas que não sejam de artigos, mas que falem sobre os artigos como um canal interessante que não existe na instituição.

Eles mencionam que sede da instituição tem um cadastro de cento e poucos sites e blogs no Maranhão e no Brasil que enviam releases. Contudo, as notícias publicadas por esses meios citados (portal, redes sociais, releases

enviado a imprensa) têm acontecido de forma factual e não de divulgação científica, propriamente dita, que é uma das atividades que compõem a comunicação pública secundária da ciência, que consiste em informar, explicar e interpretar a ciência para o público leigo, usando diferentes meios e formatos, por falta de recursos humanos, conforme declaração de entrevistado:

“... o que a gente faz normalmente é uma divulgação mais factual da pesquisa (...) não há uma divulgação da ciência há uma divulgação de ações que se referem à ciência” C01 [Entrevista concedida] a Eliziane Lima Rosa. Imperatriz, 16/05/2023.

Os entrevistados citam vários programas de rádio e de televisão que são voltados e realizam a divulgação científica da instituição. Os programas de rádio são: *Rádio Ciência*, *Rádio Opinião*, o *Jornal da Rádio Universidade*, o *Acontece*, o *Qualificar*, o *Orgânica*, o *Agenda Positiva*, o *Santo de Casa*, o *Diálogos* e o *Vida Ativa*. Os programas de televisão são: *Em Dia Com a Ciência*, *TV Ciência* e *Universo Ciência*. Os entrevistados destacam as características, os temas, os formatos e os públicos-alvo de cada programa. Eles também afirmam que a programação da Rádio e TV como um todo dão visibilidade para a divulgação científica.

Estes são os meios institucionais disponibilizados para a divulgação científica na instituição pesquisada como um todo. É importante lembrar que a sede dessa IES é na capital do Estado e que a instituição pesquisada é um dos campi da instituição sede. Eles demonstram que as ferramentas e as estratégias para comunicar a ciência para diferentes públicos e contextos. Eles também revelam que há um trabalho de comunicação institucional, que busca ampliar a divulgação científica para outras emissoras e outras esferas. Eles ressaltam que a sua grande estratégia é sair dos muros da universidade.

5. Entretanto, quando questionado sobre quais desses meios estão disponíveis para campus de Imperatriz, foi possível identificar que os meios disponíveis para o campus de Imperatriz para fazer divulgação científica são limitados e insuficientes, se comparados aos da sede em São Luís. Os entrevistados mencionaram que o principal canal de divulgação é o site da instituição, que recebe matérias de todos os campi, mas que tem dificuldades para produzir

conteúdo para as redes sociais, a TV e a rádio. A TV e a rádio funcionam apenas em São Luís, e não há uma estrutura ou uma equipe adequada para fazer a produção e a transmissão de conteúdo sobre Imperatriz. O único programa de rádio que é produzido em Imperatriz é o *Oxente*, que é um projeto de extensão do curso de Jornalismo, mas que não tem um caráter institucional ou foco na divulgação científica. Além disso, a rádio não tem transmissão por ondas de rádio em Imperatriz, apenas pela internet. Essa situação pode gerar uma desigualdade e uma invisibilidade das pesquisas e dos projetos realizados no campus de Imperatriz, tanto para a comunidade interna quanto para a externa, conforme falas abaixo.

“todas elas (...) a gente tem eh, semanalmente matérias de todos os campus da da instituição do interior. Temos matérias de Imperatriz temos matéria de Chapadinha de Grajaú (...) no nosso portal, muita coisa é divulgada, né tanto da capital quanto do interior. Além disso muitos dos Campos também tem as suas páginas nas quais eles publicam coisas específicas que acabam não saindo no nosso portal ou então eles republicam nas suas páginas aquelas notícias que saem no nosso portal” C01 [Entrevista concedida] a Eliziane Lima Rosa. Imperatriz, 16/05/2023.

“então assim eu diria que hoje nós temos poucos espaços para fazer divulgação Científica, mas desses poucos espaços eu afirmo com muita tranquilidade que o nosso principal canal para produzir esse tipo de conhecimento seria o nosso site. (...)diretamente para TV e para rádio nós não temos assim uma linha direta nesse processo, até porque é mais difícil. Então imagina só, a TV tá lá em São Luís produzir conteúdo sobre Imperatriz (...) tem que vir uma equipe de comunicação de São Luís, que produz conteúdo e leva para lá, né? C02 [Entrevista concedida] a Eliziane Lima Rosa. Imperatriz, 16/05/2023.

“Para lá, então, a gente teria que ter o pessoal de Imperatriz fazendo para mandar para a gente e o pessoal de Imperatriz ainda encontra muitas dificuldades C05 [Entrevista concedida] a Eliziane Lima Rosa. Imperatriz, 30/05/2023”

6. Quando perguntada sobre qual a maior demanda recebida para divulgação, a maioria dos entrevistados (C01, C02, C03, C4 e C05) afirmou que a maior demanda recebida para divulgação é de eventos, sejam eles culturais, científicos ou acadêmicos. Ao entrevistado C06 não foi feita essa pergunta, pois não era pertinente ao seu contexto ou função.

“majoritariamente o que a gente recebe dos professores é a solicitação para divulgar evento. Quase sempre, assim poucas vezes eh: Ah, eu tô fazendo uma pesquisa e eu queria muito divulgar minha pesquisa, é muito difícil” C02 [Entrevista concedida] a Eliziane Lima Rosa. Imperatriz, 16/05/2023.

7. Quando perguntado sobre os principais desafios e/ou oportunidades, todos os entrevistados mencionaram a necessidade de ter mais pessoal qualificado, treinado e contratado para atender as demandas já existentes. Esses desafios podem comprometer a qualidade, a abrangência e a continuidade das ações que existem hoje de divulgação científica existente na instituição. Por outro lado, esses desafios também podem representar oportunidades para buscar novas formas de financiamento, parcerias, capacitação e inovação na divulgação científica.

“O grande Desafio ele é de ordem estrutural mesmo de maneira geral” C04 [Entrevista concedida] a Eliziane Lima Rosa. Imperatriz, 30/05/2023.

8. Quando perguntado se eles têm alguma sugestão de como melhorar o processo de divulgação científica, os entrevistados mencionaram sobre algumas sugestões de como melhorar o processo de divulgação científica na universidade, que envolvem principalmente três aspectos: a criação de novos canais de divulgação, a institucionalização de um setor específico para a divulgação científica e a ampliação dos recursos humanos e financeiros para a realização das atividades. Algumas das sugestões mencionadas foram: uma revista científica de divulgação científica, *podcasts*, programas, web rádios, uma secretaria ou diretoria de divulgação científica e a contratação de mais pessoal qualificado. Essas sugestões podem indicar que os entrevistados reconhecem a importância e a potencialidade da divulgação científica, mas também percebem as limitações e os desafios que enfrentam para realizá-la de forma efetiva e abrangente.

Grupo III

O Grupo III, composto pelos representantes da Extensão: Diretoria de Extensão e Divisão de Extensão, seguiu-se um roteiro semi-estruturado de perguntas aberta composto por 15 questões divididas em 4 categorias: caracterização do entrevistado; estrutura organizacional; divulgação científica; e papel institucional na divulgação científica.

O grupo III pretendia entrevistar duas pessoas, mas somente uma participou da pesquisa identificada nessa pesquisa como E01, como forma de preservar a

identidade do entrevistado. As entrevistas foram agendadas com os atores por e-mail e realizadas presencialmente ou por meio do GoogleMeet no período de 01/05/2023 a 31/06/2023. A duração média das entrevistas foi de uma hora. O áudio das entrevistas foi gravado, com o consentimento dos entrevistados, para facilitar a coleta dos dados. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, para leitura e posterior assinatura.

A pesquisa teve como objetivo compreender os meios institucionais disponibilizados por uma instituição de ensino superior pública federal em Imperatriz e como eles têm sido utilizados para a divulgação científica, considerando o papel da universidade para o desenvolvimento regional. A pesquisa se caracterizou como um estudo de caso com abordagem qualitativa, exploratório-descritiva. A análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977), foi utilizada como método para a análise dos dados.

1. Quando perguntado sobre a função do setor a qual representa o entrevistado menciona que é responsável por elaborar os editais para seleção de projetos de extensão, organizar os eventos, executar os processos para institucionalização dos projetos de extensão e tratar do dia a dia da extensão na pró-reitoria.

“é o setor que operacionaliza a institucionalização de ação de extensão da Universidade o gerenciamento dessas ações de extensão... eh ela que eh atende eh na ponta né a comunidade acadêmica” E01 [**Entrevista concedida**] a Eliziane Lima Rosa. Imperatriz, 15/05/2023.

2. Quando perguntado sobre o que o entrevistado entende por divulgação científica ele responde que entende a divulgação científica como a divulgação das pesquisas que estão sendo desenvolvidas dentro da universidade.
3. Quando questionado sobre como a extensão diálogo com a extensão o entrevista diz que são por meio dos projetos institucionais de extensão da universidade. Esses projetos levam serviços e cursos à sociedade, tanto no entorno da instituição como em outras cidades.

(...) ela dialoga por meio dos projetos institucionais que nós temos. então esses projetos já é uma forma dialogar, que são levados serviços à sociedade, né? E também a esse diálogo com os projetos da universidade em si, né? Que são que passam pela divisão de extensão e esses projetos chegam lá na ponta, eles vão numa comunidade distante não só no entorno da instituição, mas em outras cidades também nós temos também é cursos projetos, curso em EAD né? Então esse diálogo acredito que ele funciona muito nesse sentido levando serviços prestando serviço

para a sociedade” E01 [Entrevista concedida] a Eliziane Lima Rosa. Imperatriz, 15/05/2023.

4. Quando perguntado sobre a contribuição da extensão para o desenvolvimento regional, ele responde que a cita as diretrizes da extensão universitária que tem objetivo de promover o impacto na transformação social, a indissociabilidade entre ensino e pesquisa e extensão, a interação dialógica, a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade. Ele menciona que os projetos de extensão devem levar algum benefício para a sociedade, não podendo ser apenas uma ação pontual e sem efeito.

“a extensão ela tem um papel muito importante porque ela é justamente uma das diretrizes da extensão Universitária é impacto na transformação social e impacto na formação do Estudante (...) Então assim aquele projeto que é levado lá lá para a sociedade Ele tem que ter algum Impacto. Tem que levar alguma coisa, ele não pode só chegar lá sair e ficar do jeito que era antes, entendeu? Então assim falando um pouco da das diretrizes, nós temos aqui tem que ter né segundo a política nacional de atenção Universitária o impacto na transformação social, tem que ter uma índice acessibilidade entre ensino e pesquisa e extensão tem que ter uma interação dialógica também tem que ter uma interdisciplinaridade, interprofissionalidade naquelas ações de extensão, entendeu? Então assim eu vejo como um papel muito importante na transformação social esses projetos de extensão” E01 [Entrevista concedida] a Eliziane Lima Rosa. Imperatriz, 15/05/2023.

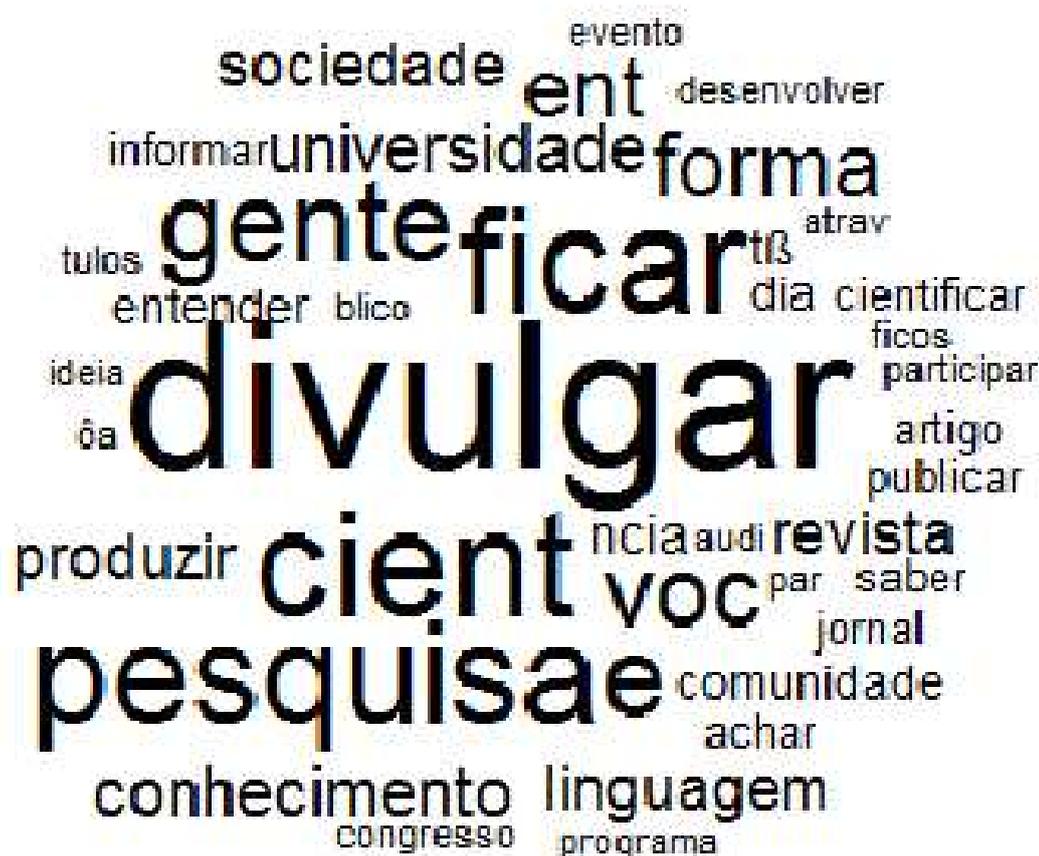
5. Quando perguntado se ele tinha alguma sugestão de como melhorar o processo de democratização e a difusão do conhecimento acadêmico com a sociedade o entrevistado sugere ter mais servidores, mais recursos, mais visitas aos projetos dos campi do interior do Estado, mais divulgação e mais aparato tecnológico. Ele fala sobre a curricularização da extensão que deve melhorar o diálogo com a comunidade externa.

Por fim, com o intuito de responder o problema de pesquisa definido, buscou-se fazer uma triangulação dos dados obtidos por meio de entrevistas e observações sobre os meios institucionais oferecidos e utilizados pela instituição. O Anexo K apresenta os meios encontrados nas falas dos entrevistados do grupo II (líderes de grupos de pesquisa) e o Anexo L mostra um resumo dos meios de comunicação baseado nas entrevistas do grupo III (representantes da comunicação) e na observação não participativa.

Análise de conteúdo das entrevistas com nuvem de palavras

Foi utilizada a nuvem de palavras do software Iramuteq, que é uma ferramenta que faz análise de conteúdo e que busca identificar as palavras mais frequentes em um discurso. Com base nisso, foram selecionadas três perguntas entre as que foram feitas aos três grupos de amostra, que possibilitam de alguma forma cruzar os resultados da pesquisa bibliográfica, da observação, das entrevistas e da documental e responder aos objetivos desta pesquisa. As perguntas cujas respostas foram analisadas são: o que é divulgação científica; qual o papel da instituição no desenvolvimento regional e quais os meios institucionais de divulgação científica, conforme as figuras 17, 18 e 19 abaixo, respectivamente.

Figura 18 - Conceito de Divulgação Científica

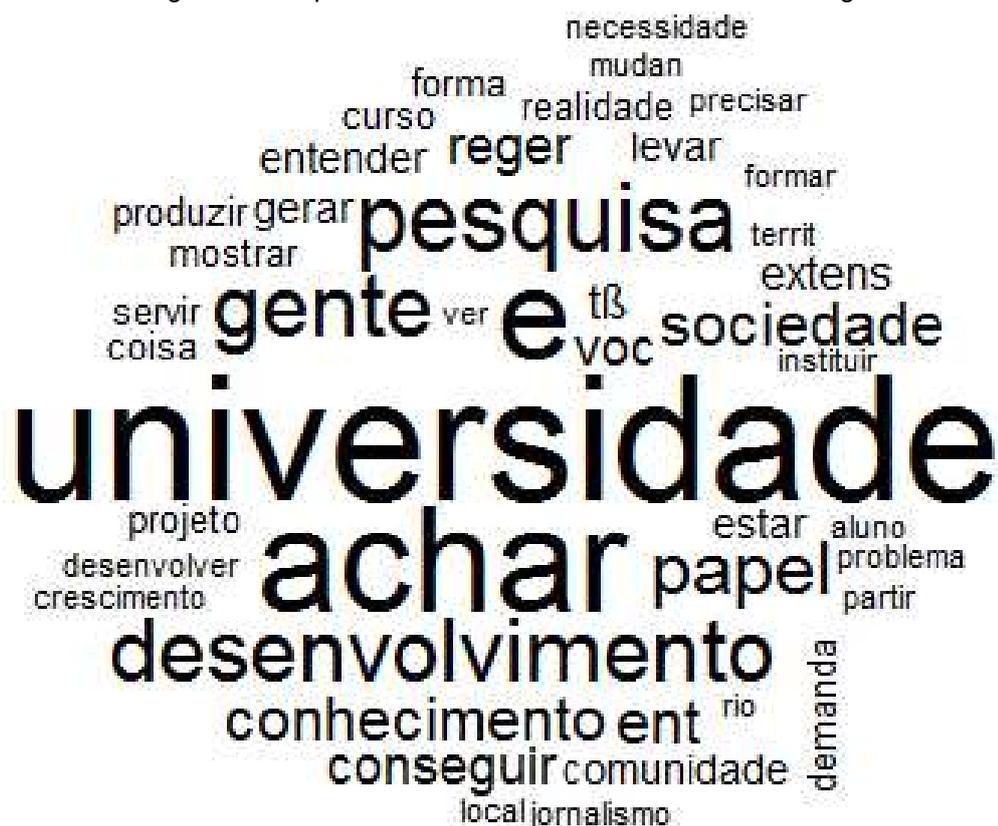


Fonte: Software Iramuteq

Segundo a descrição da imagem, a palavra mais destacada na nuvem é divulgar, que significa "tornar público, difundir, propagar". Outras palavras que aparecem na nuvem são: pesquisa, conhecimento, científica, universidade,

sociedade, comunidade e linguagem. Essas palavras estão relacionadas ao contexto da ciência e acadêmico, e mostram que os entrevistados têm uma visão da divulgação científica como um processo de publicizar o que tem sido produzido na academia.

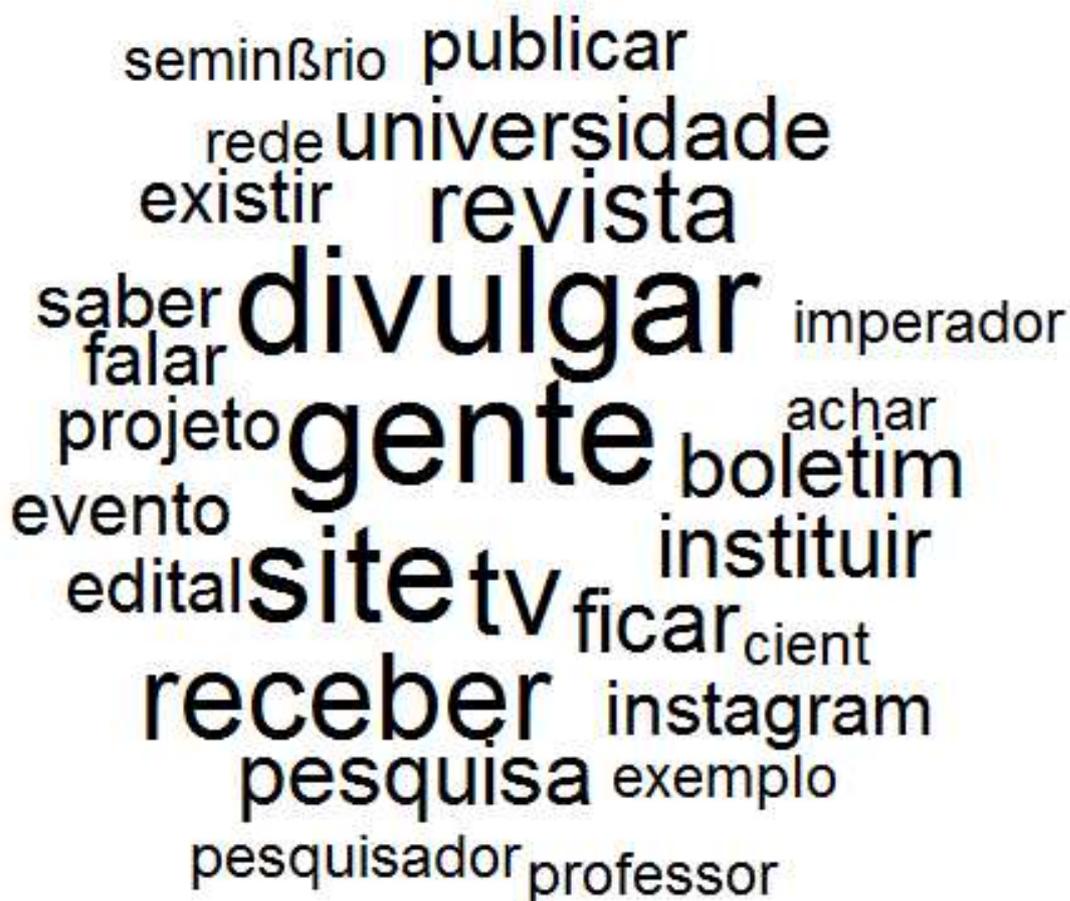
Figura 19 - Papel da Universidade no Desenvolvimento Regional



Fonte: Software Iramuteq

As palavras que aparecem na nuvem são pesquisa, sociedade, conhecimento, desenvolvimento que são palavras estão relacionadas às funções básicas da universidade. E as palavras extensão, mudança, realidade, demanda e gerar estão relacionados aos seus impactos no desenvolvimento regional.

Figura 20 – Meios Institucionais de Divulgação Científica



Fonte: Software Iramuteq

Site, TV, edital, Instagram, revista, projeto pesquisa, evento e boletim são as palavras que compõem a nuvem. Elas representam os meios institucionais de divulgação científica mais usados pelas IES. Porém, conforme a pesquisa bibliográfica, nem todos esses meios são adequados para a comunicação secundária, que é o foco deste estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender os meios institucionais disponibilizados por uma instituição de ensino superior pública federal na cidade de Imperatriz - MA e como eles têm sido utilizados para a promoção da comunicação pública secundária da ciência na região. Para isso, foram utilizados três instrumentos de pesquisa: bibliográfica, documental observação e entrevistas. A pesquisa bibliográfica reforçou a importância do diálogo entre sociedade e universidade para o desenvolvimento regional, bem como a necessidade de uma comunicação efetiva e acessível entre os produtores e os consumidores do conhecimento científico.

A pesquisa documental mostrou que os planos de desenvolvimento institucional da universidade analisados possuem ações voltadas para a comunicação pública secundária da ciência, mas de forma tímida e insuficiente. A observação constatou que no portal oficial da instituição não há um espaço específico para a divulgação científica, e que as notícias sobre as pesquisas são misturadas com outras informações.

A pesquisa com os entrevistados revelou que as pesquisas têm sido divulgadas em sua maioria para o público acadêmico, entre os pares. A pesquisa também constatou que a IES possui meios de divulgação científica, como a TV Universidade e a Rádio Universidade, com programas específicos para a promoção da comunicação pública secundária da ciência. No entanto, a pesquisa apontou a necessidade da instituição ampliar o acesso e o público alcançado por esses meios institucionais de comunicação, de modo que as pesquisas que são realizadas pelo campus de Imperatriz sejam divulgadas e que a localidade seja atingida por essa divulgação, a fim de popularizar a ciência na região.

Além disso, a pesquisa indicou a importância de fortalecer as políticas de extensão para o interior do estado, com o intuito de aproximar e reproduzir esse conhecimento produzido na instituição por meio da extensão.

Os resultados das três etapas da pesquisa foram comparados com a literatura existente e com os objetivos específicos da pesquisa. Foi possível verificar que a comunicação pública secundária da ciência realizada pela instituição de ensino pesquisada contribui para o desenvolvimento regional em Imperatriz-MA.

No entanto, essa contribuição ainda é limitada e pode ser ampliada se houver uma maior distribuição dos meios institucionais que são disponíveis hoje pela instituição pesquisada para os campi do interior do estado de forma a atender o campo de estudo dessa pesquisa - Imperatriz/MA -, tendo em vista que se percebe uma centralização no acesso a esses meios e na divulgação para a capital, onde funciona a sede da instituição pesquisada. Assim como uma maior integração entre a universidade e a sociedade por meio da extensão.

As principais conclusões e contribuições até aqui da pesquisa são as seguintes:

a) A universidade é um agente fundamental para o desenvolvimento regional, pois produz e dissemina o conhecimento científico, que pode beneficiar a sociedade em diversos aspectos, como social, econômico, ambiental e educacional.

b) A comunicação pública secundária da ciência é uma estratégia essencial para promover o desenvolvimento regional, pois permite que a sociedade se aproprie do conhecimento produzido pela universidade e participe das decisões sobre as questões que afetam a sua realidade.

c) A instituição de ensino pesquisada possui alguns meios institucionais de comunicação pública secundária da ciência, mas eles são insuficientes e ineficazes para atingir o público leigo e estimular o interesse pela ciência na região.

d) A instituição de ensino pesquisada precisa ampliar e melhorar os seus meios institucionais de comunicação pública secundária da ciência, bem como fortalecer as suas políticas de extensão, para aumentar o seu impacto para o desenvolvimento regional em Imperatriz-MA.

e) A extensão é um meio para aproximação da universidade na sociedade e uma forma para inserir, por meio de projetos, o conhecimento adquirido do ensino e pesquisa.

As possíveis limitações e recomendações até aqui para pesquisas futuras foram às seguintes:

a) A pesquisa foi realizada com base em uma única instituição de ensino superior pública federal em Imperatriz-MA, o que pode limitar a generalização dos resultados para outras regiões ou contextos.

b) A pesquisa foi realizada com base em um período específico (2023), o que pode limitar a atualização dos resultados para outros momentos ou situações.

Recomenda-se até aqui que pesquisas futuras:

- a) Que avaliem o impacto da comunicação pública secundária da ciência para o desenvolvimento regional em termos quantitativos e qualitativos, utilizando indicadores e métodos adequados para medir os efeitos da divulgação científica na sociedade.
- b) Que avaliem o impacto da extensão considerando que é um meio para aproximação da universidade na sociedade e uma forma para inserir, por meio de projetos, o conhecimento adquirido do ensino e pesquisa.
- c) Que proponham soluções e recomendações práticas para melhorar a comunicação pública secundária da ciência para o desenvolvimento regional, considerando as necessidades, as demandas e as expectativas dos diferentes atores envolvidos no processo.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para cidadania. **Ciência da informação**, v. 25, n. 3, 1996.

ARAÚJO, José Alencar Viana de. **A Região de Influência de Imperatriz-MA: Estudo da polarização de uma capital regional, destacando a regionalização dos serviços públicos de saúde**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

ARAÚJO, José Carlos Souza. **O projeto de Humboldt (1767-1835) como fundamento da pedagogia universitária**. APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, v. 1, n. 12, 2009.

AUGUSTI, Rudinei Barichello; DALCIN, Larissa. **O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como paradigma de uma universidade socialmente referenciada**. Revista ELO–Diálogos em Extensão, v. 5, n. 3, 2016.

BORDENAVE, Juan Díaz. **A contribuição dos meios públicos e alternativos para a democracia participativa**. Comunicação & educação, v. 16, n. 2, p. 73-79, 2011.

BRANDÃO, Carlos. **Teorias, estratégias e políticas regionais e urbanas recentes: anotações para uma agenda do desenvolvimento territorializado**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, n. 107, p. 57-76, 2004.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito et al. Conceito de comunicação pública. **Comunicação pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público**, v. 2, p. 01-33, 2007.

BRANDÃO, Elizabeth. Pazito. Conceito de comunicação pública. In: DUARTE, Jorge (Org). **Comunicação Pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público**. 2a ed. - São Paulo: Atlas, 2009

BRASIL. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. BRASIL

BRASIL. **Universidade Federal do Maranhão**. 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação**. e-MEC. 2023.

Briquet de Lemos, 1996. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 1, n. 2, 1996.

BUENO, W. C. (2010). **Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais**. Informação & Informação, 15(1esp), 1-12.

BURON, Roberto Montagner. **O papel da universidade na formação do perfil profissional**. Salão do Conhecimento, 2016.

CARNIELLO, M. F.; SANTOS, M. J. **Comunicação para o desenvolvimento territorial: análise da Política Nacional de Desenvolvimento Regional**. Revista Redes, Santa Cruz do Sul, Online, v.26, 2021.

CARNIELLO, Monica Franchi; DOS SANTOS, Moacir José. **Comunicação como tecnologia social para o desenvolvimento: proposta metodológica para avaliação da estrutura de comunicação de um território**. GRUPO TEMÁTICO 10, p. 27, 2020

CARNIELLO, Monica Franchi; DOS SANTOS, Moacir José. **Comunicação e desenvolvimento regional**. Revista brasileira de gestão e desenvolvimento regional, v. 9, n. 2, 2013.

DA CUNHA FLEISHER, Regina Maria Mariné. LE COADIC, Yves François. **A Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yêda FS de Filgueiras Gomes. Brasília:

DALLABRIDA, Norberto. **A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário**. Educação, v. 32, n. 02, p. 185-191, 2009.

DALLABRIDA, Valdir Roque. **A gestão territorial através do diálogo e da participação**. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, v. 11, n. 245, p. 20, 2007.

DALLABRIDA, Valdir Roque. **Planejamento e Gestão Territorial: aportes teórico-metodológicos como referenciais no processo de desenvolvimento de municípios, regiões ou territórios**. 2020.

DE LIMA, Jandir Ferrera. **O desenvolvimento regional como fenômeno regional**. Celso Furtado, p. 129, 2020.

DE OLIVEIRA, João Ferreira. **Os papéis sociais e a gestão das universidades federais no Brasil**. 2013.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **A UNIVERSIDADE NO SÉCULO XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade**. 2004

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **Da ideia de Universidade à Universidade de ideias**. Revista crítica de ciências sociais, n. 27-28, p. 11-62, 1989.

DUARTE, Jorge. **Comunicação pública**. São Paulo: Atlas, p. 47-58, 2007.

DURHAM, Eunice R. **As universidades públicas e a pesquisa no Brasil**. São Paulo, NUPES, Documento de trabalho, v. 9, p. 98, 1998.

EPSTEIN, Isaac. **Comunicação da ciência: rumo a uma teoria da divulgação científica**. Organicom, v. 9, n. 16-17, p. 18-38, 2012.

FERNANDES, Florestan. **Universidade brasileira: reforma ou revolução?** São Paulo: Expressão Popular, 2ª ed., 2020.

FILHA, Elza Aparecida Oliveira; MOURA, Keren Franciane. **Os Paradigmas da Comunicação para o Desenvolvimento e as Novas Articulações Sociais Viabilizadas pelas Mídias Sociais Digitais**¹. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–Curitiba/PR 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FORPROEX - **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. 2012**. Disponível em:
<https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>, pesquisa realizada em 15/01/2022.

FURTADO, C. **A nova dependência: dívida externa e monetarismo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

FURTADO, Celso. **Os desafios da nova geração**. Brazilian Journal of Political Economy, v. 24, p. 483-486, 2019.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOERGEN, P. L. Prefácio. In: DIAS SOBRINHO, J. **Dilemas da educação superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

GUMIERO, Rafael Gonçalves. **A EMERGÊNCIA DA QUESTÃO SOCIAL NOS PLANOS DIRETORES DA SUDENE (1959-1964)**. Sociologias Plurais, v. 2, n. 2e, 2019.

GUMIERO, Rafael Gonçalves. **A trajetória das políticas de desenvolvimento regional do Nordeste: balanço entre a Operação Nordeste e a PNDR**. Revista Política e Planejamento Regional, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 189-210, 2017.

HADDAD, Paulo R. **"Capitais intangíveis e desenvolvimento regional."** Revista de economia 35, no. 3 (2009).

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados Cidades**. 2022. Site: [HTTPS://www.ibge.gov.br/](https://www.ibge.gov.br/) Acessado em 19/11/2022.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **A comunicação estratégica nas organizações contemporâneas**. Media & Jornalismo, v. 18, n. 33, p. 13-24, 2018

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. Summus editorial, 2003.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. Comunicação pública: direitos de cidadania, fundamentos e práticas. **Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas**, p. 13-30, 2012.

LAKATOS, E. M. de A.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITÃO, Cláudia Sousa et al. **“Nordeste Criativo” e desenvolvimento regional: esboço de uma metodologia para o fomento da economia criativa no nordeste brasileiro**. Revista Extraprensa, v. 3, n. 3, p. 170-182, 2010.

LISBÔA FILHO, Flavi Ferreira. **Extensão universitária: gestão, comunicação e desenvolvimento regional**. 2022.

MAIA, Doralice Sátyro; MARAFON, Glaucio José. **Ensino superior e desenvolvimento regional: reconfigurando as relações entre as cidades e o campo**. 2020.

MAINIERI, Tiago; RIBEIRO, Eva Márcia Arantes Ostrosky. A comunicação pública como processo para o exercício da cidadania: o papel das mídias sociais na sociedade democrática. **Organicom**, v. 8, n. 14, p. 49-61, 2011.

MATOS, Heloiza Helena Gomes de. A comunicação pública na perspectiva da teoria do reconhecimento. 2011.

MATTEDI, Marcos Antônio. **Pensando com o desenvolvimento regional: subsídios para um programa forte em desenvolvimento regional**. Celso Furtado, p. 75, 2014.

MELLO FILHO, Marcelo S. **Desenvolvimento Econômico como um Processo Social de Múltiplas Escalas Espaço-Temporais**. Organizações & Sociedade, v. 30, p. 428-447, 2023.

OLIVEIRA, Fábio Lucas Pimentel de; WERNER, Deborah. **Perspectiva histórica do planejamento regional no Brasil**. 2014.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. **A universidade da modernidade nos tempos atuais**. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 14, p. 29-52, 2009.

- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Comunicação para o desenvolvimento, comunicação para a transformação social.** Sociedade, política e desenvolvimento. Brasília: Ipea, p. 161-195, 2014.
- PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. **"Fontes ou recursos de informação: categorias e evolução conceitual."** (2006).
- ROLIM, Cássio. **Impacto Da Formação e Cooperação Ao Nível Do Ensino Superior Nas Dinâmicas Africanas Contemporâneas.** 2010.
- RUDIO, Franz Victor. **"Introdução ao projeto de pesquisa científica."** (1985).
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** Hacker, 2001.
- SANTANA, Flávio; ESCUDERO, Camila; FERNANDES, Guilherme Moreira. **Aproximações teóricas e metodológicas entre a Folkcomunicação e a Comunicação para o Desenvolvimento (C4D).** Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 46, p. e2023101, 2023
- SANTOS, Boaventura de Sousa; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A universidade no século XXI: para uma universidade nova.** Coimbra: Almedina, p. 107-257, 2008.
- SANTOS, E. L. et al. **Desenvolvimento: um conceito multidimensional. Desenvolvimento Regional em debate.** Ano 2, n. 1, jul. 2012. Available at:< file. C:/Users/55929/Downloads/215-Texto% 20do% 20artigo-804-1-10-20120801, v. 20, n. 4.
- SAQUET, Marcos Aurelio; BRISKIEVICZ, Michelle. **Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. Caderno Prudentino de Geografia,** v. 1, n. 31, p. 3-16, 2009.
- SAVIANI, Dermeval. **A expansão do ensino superior no Brasil: mudanças e continuidades.** Poiesis pedagógica, v. 8, n. 2, p. 4-17, 2010.
- SCHOAB, Vanessa; FREITAS, Carlos Cesar Garcia; LARA, Luiz Fernando. **A Universidade e a Tecnologia Social: análise da aderência.** Revista ESPACIOS| Vol. 35 (Nº 7) Ano 2014, 2014.
- SCORSOLINI-COMIN, Fabio. **Missão, visão e valores como marcas do discurso nas organizações de trabalho.** Psico, v. 43, n. 3, 2012.
- SEDLACEK, Sabine. **The role of universities in fostering sustainable development at the regional level.** Journal of cleaner production, v. 48, p. 74-84, 2013.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Editora Companhia das letras, 2010.

SERRA, Maurício; ROLIM, Cássio; BASTOS, Ana Paula. **Universidades e Desenvolvimento regional: as bases para a inovação competitiva** / organizado por Maurício Serra, Cássio Rolim, Ana Paula Bastos. – Rio de Janeiro: Ideia D, 2018.

SERRA, Maurício; ROLIM, Cássio; BASTOS, Ana Paula. **Universidades e desenvolvimento regional—as bases para a inovação competitiva**. Rev. Bras. Inov, v. 19, n. e0200017, p. 1-4, 2020.

SOLIDÁRIA, Comunidade. Desenvolvimento local integrado e sustentável: Documento-Base e catálogo de experiências. In: **Desenvolvimento local integrado e sustentável: Documento-Base e catálogo de experiências**. 1998. p. 184-184.

TARTARUGA, Iván G. Peyré. As inovações nos territórios e o papel das universidades: notas preliminares para o desenvolvimento territorial no Estado do Rio Grande do Sul. 2010.

TEIXEIRA, Anísio. Uma perspectiva da educação superior no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 50, n. 111, p. 21-82, 1968.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UFMA. **Plano De Desenvolvimento Institucional - 2017-2021**. 2023.

UFMA. **Plano De Desenvolvimento Institucional - 2022-26**. 2023.

VÁZQUEZ BARQUERO, Antonio. **Desarrollo económico local y descentralización: aproximación a un marco conceptual**. 2000.

VERGARA, Sylvia Constant. "**Projeto e relatórios de pesquisa em administração, 12.**" Ed, Editora Atlas, São Paulo (2010).

VIANNA, Salvador Teixeira Werneck; BRUNO, Miguel Antonio Pinho; MODENESI, André de Melo. **Macroeconomia para o Desenvolvimento: crescimento, estabilidade e emprego**. 2010.

DUARTE, J. Instrumentos de comunicação pública. In: DUARTE, J. (org). **Comunicação Pública: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público**. São Paulo: Atlas, 2009.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Líderes de Grupos de Pesquisa

Após cumprimentos, faço minha identificação e do que se trata essa pesquisa. Meu nome é Eliziane Lima Rosa, sou mestranda em Planejamento e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté - UNITAU. O tema desta pesquisa é: Comunicação Pública Secundária da Ciência e o Desenvolvimento Regional: o caso de uma instituição de ensino superior público federal.

A motivação para esta pesquisa vem da necessidade e importância da universidade no processo de desenvolvimento regional e da necessidade de diálogo entre a universidade e outros setores da sociedade. É necessário, portanto, pesquisar e discutir como o conhecimento produzido pelas universidades tem sido transferido para a sociedade em geral.

O objetivo desta pesquisa é compreender os recursos institucionais disponibilizados por uma instituição pública federal de ensino superior na cidade de Imperatriz - MA e como eles como eles têm sido utilizados para a promoção da comunicação pública secundária da ciência da região.

Observações: O entrevistado não será identificado. O áudio da entrevista será gravado e será utilizado somente para fins dessa pesquisa.

I – CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO

1. Área de Formação?
2. Tempo de atuação como pesquisador?
3. Tempo de atuação nesta IES?

II – FORMAÇÃO EM PESQUISA

1. Como foi sua formação para a pesquisa?
2. Como foi o processo e aprendizagem de escrever artigos e outras formas de comunicação científica?
3. Conte para mim sua trajetória como pesquisador (a)?

III – REDES DE RELACIONAMENTO

1. Participa de associações científicas? Se sim, qual (is)?

2. Você adapta o tema de sua pesquisa às demandas da região?
3. Quem são seu principais interlocutores de pesquisa?
4. Quais papéis você ocupa como pesquisador?

VI – DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1. O que você entende por divulgação científica?
2. Você faz divulgação científica da(s) sua(s) pesquisa(s) ? Se sim, como você faz isso? Para quais públicos?
3. Em quais revistas científicas costuma publicar?
4. Publica em jornais e/ou revistas de circulação comercial?
5. Costuma dar palestra? Para quais públicos?
6. Você faz projeto de extensão? Qual (is)?
7. Você atende a imprensa?
8. Você faz material técnico? Que tipo de material? Se sim, faz por iniciativa própria?

V – PAPEL INSTITUCIONAL NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1. Em sua opinião qual o papel da Universidade no Desenvolvimento Regional?
2. Quais os meios institucionais de divulgação científica desta IES?
3. Você utiliza ou já utilizou algum desses meios para divulgar pesquisa? Se sim, como foi o processo para a divulgação dessa pesquisa?
4. Em sua opinião qual o papel da DCOM na divulgação científica?
5. O que você acha dos meios pelos quais esta IES divulga os resultados das pesquisas da instituição?
6. Você tem alguma sugestão de como melhorar o processo de divulgação científica desta IES?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Representante da Diretoria de Comunicação

Após cumprimentos, faço minha identificação e do que se trata essa pesquisa. Meu nome é Eliziane Lima Rosa, sou mestranda em Planejamento e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté - UNITAU. O tema desta pesquisa é: Comunicação Pública Secundária da Ciência e o Desenvolvimento Regional: o caso de uma instituição de ensino superior público federal.

A motivação para esta pesquisa vem da necessidade e importância da universidade no processo de desenvolvimento regional e da necessidade de diálogo entre a universidade e outros setores da sociedade. É necessário, portanto, pesquisar e discutir como o conhecimento produzido pelas universidades tem sido transferido para a sociedade em geral.

O objetivo desta pesquisa é compreender os recursos institucionais disponibilizados por uma instituição pública federal de ensino superior na cidade de Imperatriz - MA e como eles como eles têm sido utilizados para a promoção da comunicação pública secundária da ciência da região.

Observações: O entrevistado não será identificado. O áudio da entrevista será gravado e será utilizado somente para fins dessa pesquisa.

I – CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO

1. Área de Formação?
2. Tempo de atuação na Diretoria de Comunicação?
3. Tempo de atuação nesta IES?

II – ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

1. Como está estruturada a Diretoria de Comunicação?
2. Quantos profissionais atuam nesta diretoria?
3. Qual a função da Diretoria de Comunicação nesta IES?
4. Como são divididas as funções dentro da Diretoria de Comunicação?
5. A Diretoria de Comunicação possui alguma política de comunicação?
6. A Diretoria de Comunicação participa do planejamento estratégico da Universidade?

III - DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1. Em sua opinião qual o papel social desta IES?
2. O que você entende por divulgação científica?
3. Esta IES disponibiliza algum meio para a divulgação das pesquisas?
4. Existe algum canal específico para a comunicação entre a instituição e pesquisador?
5. Qual a política institucional de divulgação científica desta IES?
6. Em quais canais de comunicação esta IES estar presente?
7. Quais desses canais há interação com a comunidade?
8. Os docentes encaminham sugestões de pauta? Qual a maior demanda?
9. Quais são os critérios utilizados para selecionar as pesquisas que serão divulgadas?

V - PAPEL INSTITUCIONAL NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1. Em sua opinião, o trabalho desenvolvido pela Diretoria de Comunicação cumpre a missão desta IES, contribuindo deste modo para a democratização do conhecimento e desenvolvimento regional?
2. Em sua opinião qual o papel da Diretoria de Comunicação na divulgação científica?
3. O que você acha dos meios pelos quais esta IES divulga os resultados das pesquisas da instituição?
4. Você tem alguma sugestão de como melhorar o processo de divulgação científica desta IES?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Representante da Coordenadoria de Comunicação

Após cumprimentos, faço minha identificação e do que se trata essa pesquisa. Meu nome é Eliziane Lima Rosa, sou mestranda em Planejamento e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté - UNITAU. O tema desta pesquisa é: Comunicação Pública Secundária da Ciência e o Desenvolvimento Regional: o caso de uma instituição de ensino superior público federal.

A motivação para esta pesquisa vem da necessidade e importância da universidade no processo de desenvolvimento regional e da necessidade de diálogo entre a universidade e outros setores da sociedade. É necessário, portanto, pesquisar e discutir como o conhecimento produzido pelas universidades tem sido transferido para a sociedade em geral.

O objetivo desta pesquisa é compreender os recursos institucionais disponibilizados por uma instituição pública federal de ensino superior na cidade de Imperatriz - MA e como eles como eles têm sido utilizados para a promoção da comunicação pública secundária da ciência da região.

Observações: O entrevistado não será identificado. O áudio da entrevista será gravado e será utilizado somente para fins dessa pesquisa.

I – CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO

1. Área de Formação?
2. Tempo de atuação na Coordenadoria de Comunicação Institucional?
3. Tempo de atuação nesta Universidade?

II – ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

1. Como está estruturada a Coordenadoria de comunicação institucional?
2. Quantos profissionais atuam nesta Coordenadoria?
3. Qual a função da Coordenadoria de comunicação institucional, nesta IES?
4. Como são divididas as funções dentro dessa Coordenadoria?
5. A Coordenadoria de comunicação institucional possui alguma política de comunicação?

6. A Coordenadoria de comunicação institucional participa do planejamento estratégico desta IES?

III - DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1. Em sua opinião qual o papel social desta IES?
2. O que você entende por divulgação científica?
3. Esta IES disponibiliza algum meio para a divulgação das pesquisas?
4. Existe algum canal específico para a comunicação entre a instituição e pesquisador?
5. Qual a política institucional de divulgação científica dessa IES?
6. Em quais canais de comunicação esta IES estar presente?
7. Quais desses canais há interação com a comunidade?
8. Os docentes encaminham sugestões de pauta? Qual a maior demanda?
9. Quais são os critérios utilizados para selecionar as pesquisas que serão divulgadas?

IV - PAPEL INSTITUCIONAL NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1. Em sua opinião, o trabalho desenvolvido do pela Coordenadoria de comunicação institucional cumpre a missão desta IES, contribuindo deste modo para a democratização do conhecimento e desenvolvimento regional?
2. Em sua opinião qual o papel da Coordenadoria de comunicação institucional na divulgação científica?
3. O que você acha dos meios pelos quais esta IES divulga os resultados das pesquisas da instituição?
4. Você tem alguma sugestão de como melhorar o processo de divulgação científica desta IES?

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Representante da Rádio Universidade

Após cumprimentos, faço minha identificação e do que se trata essa pesquisa. Meu nome é Eliziane Lima Rosa, sou mestranda em Planejamento e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté - UNITAU. O tema desta pesquisa é: Comunicação Pública Secundária da Ciência e o Desenvolvimento Regional: o caso de uma instituição de ensino superior público federal.

A motivação para esta pesquisa vem da necessidade e importância da universidade no processo de desenvolvimento regional e da necessidade de diálogo entre a universidade e outros setores da sociedade. É necessário, portanto, pesquisar e discutir como o conhecimento produzido pelas universidades tem sido transferido para a sociedade em geral.

O objetivo desta pesquisa é compreender os recursos institucionais disponibilizados por uma instituição pública federal de ensino superior na cidade de Imperatriz - MA e como eles como eles têm sido utilizados para a promoção da comunicação pública secundária da ciência da região.

Observações: O entrevistado não será identificado. O áudio da entrevista será gravado e será utilizado somente para fins dessa pesquisa.

I – CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO

1. Área de Formação?
2. Tempo de atuação na Rádio Universidade?
3. Tempo de atuação nesta IES?

II – ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

1. Como está estruturada a Rádio?
2. Quantos profissionais atuam na Rádio?
3. Qual a função da Rádio nesta IES?
4. Como são divididas as funções dentro da Rádio?
5. A Rádio possui alguma política de comunicação?
6. A Rádio participa do planejamento estratégico da Universidade?

III - DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1. Em sua opinião qual o papel social desta IES?
2. O que você entende por divulgação científica?
3. Esta IES disponibiliza algum meio para a divulgação das pesquisas?
4. Existe algum canal específico para a comunicação entre a instituição e pesquisador?
5. Qual a política institucional de divulgação científica dessa IES?
6. Em quais canais de comunicação esta IES estar presente?
7. Quais desses canais há interação com a comunidade?
8. Os docentes encaminham sugestões de pauta? Qual a maior demanda?
9. Quais são os critérios utilizados para selecionar as pesquisas que serão divulgadas?

IV - PAPEL INSTITUCIONAL NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1. Em sua opinião, o trabalho desenvolvido do pela Rádio cumpre a missão da Universidade contribuindo deste modo para a democratização do conhecimento e desenvolvimento regional?
2. Em sua opinião qual o papel da Rádio na divulgação científica?
3. O que você acha dos meios pelos quais esta IES divulga os resultados das pesquisas da instituição?
4. Você tem alguma sugestão de como melhorar o processo de divulgação científica desta IES?

APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Representante da TV da IES

Após cumprimentos, faço minha identificação e do que se trata essa pesquisa. Meu nome é Eliziane Lima Rosa, sou mestranda em Planejamento e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté - UNITAU. O tema desta pesquisa é: Comunicação Pública Secundária da Ciência e o Desenvolvimento Regional: o caso de uma instituição de ensino superior público federal.

A motivação para esta pesquisa vem da necessidade e importância da universidade no processo de desenvolvimento regional e da necessidade de diálogo entre a universidade e outros setores da sociedade. É necessário, portanto, pesquisar e discutir como o conhecimento produzido pelas universidades tem sido transferido para a sociedade em geral.

O objetivo desta pesquisa é compreender os recursos institucionais disponibilizados por uma instituição pública federal de ensino superior na cidade de Imperatriz - MA e como eles como eles têm sido utilizados para a promoção da comunicação pública secundária da ciência da região.

Observações: O entrevistado não será identificado. O áudio da entrevista será gravado e será utilizado somente para fins dessa pesquisa.

I – CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO

1. Área de Formação?
2. Tempo de atuação na TV?
3. Tempo de atuação nesta IES?

II – ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

1. Como está estruturada a TV?
2. Quantos profissionais atuam na TV?
3. Qual a função da TV nesta IES?
4. Como são divididas as funções dentro da TV?
5. A TV possui alguma política de comunicação?
6. A TV participa do planejamento estratégico da Universidade?

III - DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1. Em sua opinião qual o papel social desta IES?
2. O que você entende por divulgação científica?
3. Esta IES disponibiliza algum meio para a divulgação das pesquisas?
4. Existe algum canal específico para a comunicação entre a instituição e pesquisador?
5. Qual a política institucional de divulgação científica dessa IES?
6. Em quais canais de comunicação esta IES estar presente?
7. Quais desses canais há interação com a comunidade?
8. Os docentes encaminham sugestões de pauta? Qual a maior demanda?
9. Quais são os critérios utilizados para selecionar as pesquisas que serão divulgadas?

IV - PAPEL INSTITUCIONAL NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1. Em sua opinião, o trabalho desenvolvido do pela TV cumpre a missão da Universidade contribuindo deste modo para a democratização do conhecimento e desenvolvimento regional?
2. Em sua opinião qual o papel da TV na divulgação científica?
3. O que você acha dos meios pelos quais esta IES divulga os resultados das pesquisas da instituição?
4. Você tem alguma sugestão de como melhorar o processo de divulgação científica desta IES?

APÊNDICE F - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Representante da Diretoria de Extensão

Após cumprimentos, faço minha identificação e do que se trata essa pesquisa. Meu nome é Eliziane Lima Rosa, sou mestranda em Planejamento e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté - UNITAU. O tema desta pesquisa é: Comunicação Pública Secundária da Ciência e o Desenvolvimento Regional: o caso de uma instituição de ensino superior público federal.

A motivação para esta pesquisa vem da necessidade e importância da universidade no processo de desenvolvimento regional e da necessidade de diálogo entre a universidade e outros setores da sociedade. É necessário, portanto, pesquisar e discutir como o conhecimento produzido pelas universidades tem sido transferido para a sociedade em geral.

O objetivo desta pesquisa é compreender os recursos institucionais disponibilizados por uma instituição pública federal de ensino superior na cidade de Imperatriz - MA e como eles como eles têm sido utilizados para a promoção da comunicação pública secundária da ciência da região.

Observações: O entrevistado não será identificado. O áudio da entrevista será gravado e será utilizado somente para fins dessa pesquisa.

I – CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO

1. Área De Formação?
2. Tempo De Atuação Na Diretoria De Extensão?
3. Tempo De Atuação Nesta Ies?

II – ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

1. Como está estruturada a Diretoria de extensão?
2. Quantos profissionais atuam na Diretoria de extensão?
3. Qual a função da Diretoria de extensão nesta IES?
4. Como são divididas as funções dentro da Diretoria de extensão?
5. A Diretoria de extensão participa do planejamento estratégico da Universidade?

III - DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1. Em sua opinião qual o papel social desta IES?
2. O que você entende por divulgação científica?
3. Existe algum canal específico para a comunicação entre a Diretoria de extensão e a sociedade? Se sim, qual?

IV - PAPEL INSTITUCIONAL NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1. Como esta Instituição, por meio da Diretoria de extensão, dialoga com a sociedade?
2. Em sua opinião qual o papel da Extensão para a transformação social?
3. Em sua opinião, o trabalho desenvolvido pela Diretoria de extensão contribui para a democratização do conhecimento e para o desenvolvimento regional? Por quê?
4. No que se refere às relações de democratização e difusão do conhecimento acadêmico com a sociedade, você tem alguma sugestão em como melhorar?

APÊNDICE G - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Representante da Divisão de Extensão

Após cumprimentos, faço minha identificação e do que se trata essa pesquisa. Meu nome é Eliziane Lima Rosa, sou mestranda em Planejamento e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté - UNITAU. O tema desta pesquisa é: Comunicação Pública Secundária da Ciência e o Desenvolvimento Regional: o caso de uma instituição de ensino superior público federal.

A motivação para esta pesquisa vem da necessidade e importância da universidade no processo de desenvolvimento regional e da necessidade de diálogo entre a universidade e outros setores da sociedade. É necessário, portanto, pesquisar e discutir como o conhecimento produzido pelas universidades tem sido transferido para a sociedade em geral.

O objetivo desta pesquisa é compreender os recursos institucionais disponibilizados por uma instituição pública federal de ensino superior na cidade de Imperatriz - MA e como eles como eles têm sido utilizados para a promoção da comunicação pública secundária da ciência da região.

Observações: O entrevistado não será identificado. O áudio da entrevista será gravado e será utilizado somente para fins dessa pesquisa.

I – CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO

1. Área de Formação?
2. Tempo de Atuação na divisão de extensão?
3. Tempo de atuação nesta IES?

II – ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

1. Como está estruturada a Divisão de extensão?
2. Quantos profissionais atuam na Divisão de extensão?
3. Qual a função da Divisão de extensão nesta IES?
4. Como são divididas as funções dentro da Divisão de extensão?
5. A Divisão de extensão participa do planejamento estratégico da Universidade?

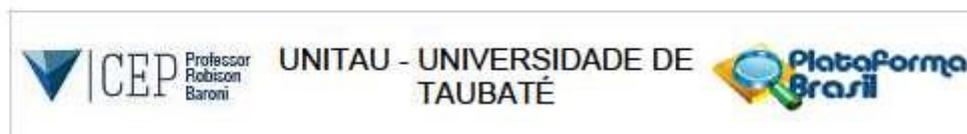
III - DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1. Em sua opinião qual o papel social desta IES?
2. O que você entende por divulgação científica?
3. Existe algum canal específico para a comunicação entre a Divisão de extensão e a sociedade? Se sim, qual?

IV - PAPEL INSTITUCIONAL NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1. Como esta Instituição, por meio da Divisão de extensão, dialoga com a sociedade?
2. Em sua opinião qual o papel da Extensão para a transformação social?
3. Em sua opinião, o trabalho desenvolvido pela Divisão de extensão contribui para a democratização do conhecimento e para o desenvolvimento regional? Por quê?
4. No que se refere às relações de democratização e difusão do conhecimento acadêmico com a sociedade, você tem alguma sugestão em como melhorar?

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: COMUNICAÇÃO PÚBLICA SECUNDÁRIA DA CIÊNCIA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: o caso de uma instituição de ensino superior pública federal.

Pesquisador: ELIZIANE LIMA ROSA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 67888923.0.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.945.256

Apresentação do Projeto:

A pesquisa analisa o processo de comunicação pública secundária da ciência de uma instituição de ensino pública federal, considerando o papel da universidade para o desenvolvimento regional.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender os meios institucionais disponibilizados por uma instituição de ensino superior público federal na cidade de Imperatriz - MA e como eles têm sido utilizados para a promoção da comunicação pública secundária da ciência na região.

Objetivo Secundário:

Discurrir sobre desenvolvimento a partir do diálogo entre universidade e sociedade; Identificar as relações entre universidade e desenvolvimento regional; Descrever os mecanismos institucionais de comunicação secundária da ciência da instituição de ensino pesquisada; Apresentar como essa instituição realiza a transferência de conhecimento da sua propriedade intelectual.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados; estresse e/ou desconforto pelo tempo gasto durante a realização da entrevista.

Benefícios:

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3622-4005 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cep.unitau@unitau.br

ANEXO B - RELATÓRIO DE ENTREVISTAS (GRUPO I)

Grupo I - Líderes de Grupo de Pesquisa

Quadro 1 - Tempo de atuação dos professores pesquisadores na IES.

Participante	Unidade de registro
L01	15 anos
L02	2 anos
L03	19 anos
L04	10 anos
L05	13 anos
L06	13 anos
L07	8 anos
L08	14 anos
L09	10 anos
L10	13 anos
L11	15 anos
L12	15 anos
L13	10 anos
L14	5 anos
L15	13 anos
L16	4 anos
L17	12 anos

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 2 - Adaptação do tema de pesquisa às demandas da região.

Participante	Unidade de registro	Categoria
L01	"sim, todos os estudos que eu desenvolvo eh. (...) a gente fez a pesquisa tá aqui nas contribuições a dizer, que em Imperatriz a gente tem Tais locais que são prioritários para se intervir (...) e o quê que o próprio serviço precisa melhorar... a gente trabalha com dados secundários, a gente mostra uma fragilidade muito grande do sistema de informação que precisa ser melhorado"	Afirmação
L02	"sim, com certeza (..) a gente quer entender o funcionamento da cidade, a partir da sociologia. Isso pode ser que no futuro inspire políticas públicas, né? É bastante possível. Ela é inspirada na observação da cidade."	Afirmação
L03	"sim, Gente, pesquisa que a gente quer conhecer as mulheres no rádio do Maranhão, mas a gente já fez o primeiro levantamento aqui em Imperatriz que a gente vai apresentar"	Afirmação
L04	"sim, foi mudando um pouco eh a linha de pesquisa, né para atender as demandas aqui, regionalizar (...) tudo para resolver os problemas locais"	Afirmação
L05	"sim. as minhas pesquisas elas têm um cunho regional bem grande assim os trabalhos que eu oriento no mestrado todos têm o cunho regional a gente olha para o mercado daqui. E mesmo quando a gente tem pesquisas de âmbito Nacional boa parte delas acabam dialogando e não só dialogando na temática, mas é articulando autores que produzem conteúdo aqui, né? Então a gente sempre busca também trazer um diálogo na	Afirmação

	bibliografia"	
L06	"sim. Foi o que o que fiz e o que faço"	Afirmação
L07	"acredito que sim. voltei agora a pesquisar para especificamente a área da desenvolvimento, principalmente pensando na planejamento municipal é essa objetivo"	Afirmação
L08	"Sim(...) quando a gente vem para o Regional a gente consegue iluminar olhares que se a gente não fizer essa pesquisa Regional, ninguém faz pela gente, né? Nós temos que focar nisso"	Afirmação
L09	"Sim...minhas pesquisas agora estão voltadas a entender a ... a região tocantina no Maranhão (...) sempre trabalhei com alguns alunos essa coisa de desse produzirem algo que é para região, né"	Afirmação
L10	"sim. E aí quando eu cheguei aqui então comecei a pesquisar as matéria prima da região"	Afirmação
L11	"Hoje em dia algumas pesquisas a gente faz isso, com outras a gente já faz para o desenvolvimento nacional que são novos materiais, aplicação de novos materiais (...) desenvolvimento de produtos que pode ser usado por fármacos (...) produtos que podem ser usados para desenvolvimento tecnológico"	Afirmação
L12	"Sim, tantos tccs que eu orientei quanto eh a dissertação que eu fui coorientando né? quantos projetos de pesquisa geralmente são todos voltados aqui pra região pro Maranhão ou para região matopipa... para parte do Sudoeste do Maranhão então geralmente sempre focando aqui na nossa região"	Afirmação
L13	"Sim, adpato. E também dá um sentido maior para universidade pública, né que atender os interesses da sociedade"	Afirmação
L14	"Sim, adpato as pesquisas as demandas da região"	Afirmação
L15	"Sim... as minhas pesquisas (...) as minhas orientações são basicamente desenvolvidas aqui do Maranhão a maioria das minhas pesquisas são aqui de problemas de saúde. Aqui é do Maranhão.	Afirmação
L16	"sim. essas pesquisas elas são regionalizados, né a parte empírica delas tem a ver com a cidade. E as pesquisas que eu oriento no mestrado também tem uma pegada Regional, né?"	Afirmação
L17	Sim, são todas focadas aqui.	Afirmação

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 3 - Conceito de divulgação científica.

Participante	Unidade de registro
L01	a divulgação científica é como o próprio nome já diz você divulgar é você colocar para frente de alguma forma aquilo que você tem pesquisado. então a gente entende que isso pode ser feito por meio de resumo elaborados para eventos por meio de relatórios são produzidos por meio de palestras que são realizadas. Então por meio de Capítulo de livros são publicados, artigos. Então tudo aquilo que a gente utiliza para deflagrar ou para socializar o conhecimento que é produzido a partir de uma pesquisa
L02	então, eu entendo divulgação Científica é a comunicação do trabalho realizado e nós seja por meio de ativos publicados em periódicos capítulos de livros apresentação em eventos ou até mesmo, né? O que é muito mais raro assim levar essas informações para comunidade local seja por meio sei lá de um evento seja por meio de uma publicação não científica tipo um jornalzinho e assim por diante, é dessa forma que eu entendo essa divulgação Científica

L03	então assim divulgação Científica para mim é tudo que você produz dentro de uma universidade de uma forma séria responsável ética, né? O que se produz nos grupos de pesquisa é divulgação científica, né
L04	acho que é modo de fazer circular nossos saberes
L05	é você conseguir publicizar o conhecimento que a gente fica muito restrito dentro do âmbito acadêmico com um diálogo com a sociedade, com a sociedade que tá longe da academia que tá alheia as coisas que a gente faz aqui dentro
L06	que as pessoas tenham conhecimento das nossas pesquisas elas não são muito divulgadas, por nós mesmos entre os nossos pares nossos alunos (...) não sabem serres não são seu bolsistas
L07	é você expor a sua pesquisa para mais pessoas compartilhar com mais pessoas eu vejo nesse sentido você não faz uma pesquisa e deixar ela engavetada é você participar para que os outros Tenha tenha conhecimento aquela ideia tem acesso aquela ideia
L08	quando a gente vem para o Regional a gente consegue iluminar olhares que se a gente não fizer essa pesquisa Regional, ninguém faz pela gente, né Nós temos que focar nisso
L09	para mim um tipo de divulgação científica é quando a gente divulga para leigos. Divulga uma pesquisa para pessoas que não são os pares ou seja, eu tô eu estou apresentando para a sociedade as pesquisas
L10	o entrevistado compreende que a divulgação científica é aquela que deve ocorrer além dos periódicos, em evento ou entre os pares
L11	"Existe duas formas de divulgação científica para mim, uma das formas para mim (...) é a forma escrita, né? Que você pode tanto escrever para revistas ... de divulgando seu trabalho cientificamente tem a forma oral, você pode divulgar em congressos. A outra forma de divulgação é uma forma mais abrangente que seria pela população através de entrevista em rádio TV. Além da científica que eu falei para você ficar em revista participar de congresso. workshop que a universidade participar"
L12	"divulgação Científica é toda a forma da gente expressar, né para a sociedade aquilo que foi pesquisado, né que foi encontrado nas pesquisas pode ser divulgando em revistas e artigos de artigos científicos, né? Revista científicas pode ser através de papers também. Eh que não sejam tão científicos através de de eh, programas de TV, né? Enfim, eu acho que toda forma que a gente divulga aí o conhecimento eh que foi fruto de um de uma pesquisa"
L13	"E aí assim a divulgação Científica para academia em si é feita em revistas em periódicos científicos, mas a divulgação para a comunidade, né? (...) para jornais locais falando da minha da minha pesquisa. Então esse é um canal que eu acho interessante"
L14	"eu entendo com divulgação Científica a propagação, né de todo a forma de informação que é produzida dentro da Universidade. A gente não pode eh desenvolver pesquisas para nós nós desenvolvemos produzidos para a sociedade. Então a gente precisa fazer essas pesquisas circularem fazer essas pesquisas que essas pesquisas tenham eh uma aplicação na sociedade, né?"
L15	"é divulgação por meio de congressos seminários isso revistas divulgação, revista"
L16	"é Tentar transformar traduzir os resultados das nossas pesquisas para o público para comunidade para a sociedade"
L17	divulgação científica é importante para todo trabalho que a gente faz.

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 4 - Práticas de divulgação científica dos professores pesquisadores.

Participante	Unidade de registro
--------------	---------------------

L01

"a gente divulga tanto para o público acadêmico quanto não acadêmico porque o acadêmico a gente vai fazer divulgações como eu já falei, né? Resumo em publicações em palestras voltadas para o público Acadêmico"
 "o não acadêmico a gente acaba trabalhando porque eu trabalho com epidemiologia como eu falei e a gente faz na comunidade, educação e saúde e aí a gente vai para a comunidade falar sobre agravos ou doenças na perspectiva de uma abordagem com a linguagem diferente da linguagem acadêmica entre aspas, né da linguagem culta na verdade, né?"

L02

"então, nos últimos anos, eu te confesso que assim... as minhas divulgações ficaram muito recentes há um ambiente acadêmico, eu não cheguei a produzir nada... Assim que fosse falar para um outro público que não fosse eles, né? Inclusive assim, já já fui chamado para falar em..em..Como por exemplo lugares que a linguagem não era acadêmica, mas não foi uma divulgação que eu elaborei. Foi algo que alguém me convidou e eu fui mas não foi um plano meu de divulgação no geral a minha divulgação, ela tá marcada para isso, né? Eventos de ordens eventos e periódicos e capítulos de livros dos últimos anos. Foi assim que eu trabalhei" ... "seria artigos, livros, capítulos de livros, palestras, resumos em anais de evento."

L03

"é uma grande discussão que a gente tem, a gente eu eu acho que as todas as produções que eu eu faço e que meu grupo faz assim, é mais nos eventos científicos da área de comunicação, então assim fica muito restrito aos nossos pares, né? A gente não consegue quebrar esse muro assim sabe que eu acho que é um papel do projeto de extensão que a gente vai conseguir com essa popularização levar mais para fora"

L04

"não Muito, não Muito. Eu uso minhas redes sociais muito pouco para trabalho, mas esporadicamente quando sai um artigo novo, eu publico na minhas redes sociais, instagram, no Facebook e assim eu atendo a chamada imprensa, sabe? quando eles me procuram eu atendo, sabe? mas quando eu termino.. os resultados da minha pesquisa de fato eu transformo em artigos, capítulos de livros. muito entre os pares mesmo"

L05

...a gente tem um Instagram do nosso grupo, mas ele também não tem um grandes impactos, né? Esse é um grande problema, né? Assim a gente gasta muito tempo nas pesquisas e a gente não tem braço para ficar publicizando e divulgando, então acaba ficando muito restrito aos congressos, aos eventos, mas assim... acabamos divulgando um pouco nas redes sociais por conta do grupo de pesquisa. (...) sempre que eu termino uma pesquisa eu faço release mando para imprensa, a gente produz, a gente produz uma cartilha e distribuimos em alguns: na câmara, distribuimos com associações, né? Então, a gente, sempre que eu termino uma uma pesquisa, eu tento articular junto com as meus Alunos pesquisadores para publicizar isso de alguma maneira.

L06

"sim, nas redes sociais (...) como que te segue, e quem é que te segue, são Teus alunos tua família, teus amigos próximos então acaba falando para uma bolha

L07

"as minhas publicações costuma ficar mais no meio acadêmico"

L08	Sim (...) nós estamos estruturando no grupo todos os materiais que a gente tem descoberto (...) nós estamos calmamente separando esse banco entendendo, o que pode ser usado em sala de aula para daí sim entrar com uma extensão não é levando esse rico material
L09	Faço, no Instagram porque o grupo tem um perfil, né que a gente coloca nas coisas que a gente faz, a gente fez também um link na bio que a gente coloca as linhas de pesquisa essas coisas, né e em listas de transmissão de WhatsApp
L10	"a minha divulgação acaba sendo muito hoje realmente pelo meu acadêmico, né? Eu aí mas aí eu tenho alguns tem alguns e algumas entrevistas que acabei concedendo devido algumas pesquisas que chamaram atenção como os registros de patentes. Nesses casos específicos das patentes saiu na TV, rádio, internet. E o grupo tem instagram e a gente costuma postar lá também"
L11	"a gente divulga para quais públicos a gente tem um público de interesse seria, por exemplo, interesse são os alunos, né a divulgação mais são para cientistas e de discentes que tem interesse em fazer pesquisa, né? Algumas divulgações são esporádicas"
L12	"Sim, geralmente a gente faz essa divulgação é por meio das revistas científicas, né. É para o grupo de pesquisa para os meus alunos (...) para os outros por outro grupo de pesquisa que eu faço parte também os alunos de outro grupo de pesquisa, quando a gente tem algum evento de Congresso também, né? Então geralmente a gente eh, a gente fala um pouquinho sobre os resultados das pesquisas.
L13	"Então faço, faço sim a a divulgação. A mais fácil é divulgar para os pares. Né, mas eu eu procuro ao máximo divulgar fora da universidade e aí eu procuro fazer palestras. Se é possível palestras em escolas, tenho ido bastante em presídios também para conversar para explicar né para tirar dúvidas, principalmente assim nesse pós pandemia que houve muitas dúvidas com relação ao que é a ciência, por que que a ciência erra, então tenho divulgado dessa forma, né? O meu fazer científico, mas também fazer científico por um modo geral. (...) os canais que eu utilizo o escrito, né divulgação escrita, mas também a divulgação oral."
L14	O entrevistado fala sobre publicações entre livros e artigos científicos em revistas a né de qualidade
L15	"Sim, Então a divulgação mais é no meio no meio de congressos e e por meridiativos, né"
L16	Posso dizer que tentamos mas de uma maneira bem assim tímida, sabe. a gente fazia só divulgação mesmo, mas de atividades do grupo
L17	Eu publico. gente publica e lança no lattes, mas não tem um trabalho de divulgação. Não faço nenhuma divulgação em redes sociais.

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 5 - Publica em Jornais e/ou revistas de circulação comercial?

Participante	Unidade de registro	Categoria
L01	"especificamente eu não tive oportunidade até hoje a não ser entrevistas que eu concedi, né? Eu não tive oportunidade escrito ainda a não ser por exemplo de situações que aconteceu um evento. E aí pegavam fala do vinha quando pesquisador, mas muito restrito não que eu tenha concedido uma entrevista para uma população para falar da minha pesquisa"	Negação
L02	"então eu já publiquei uma vez em uma revista de perfil popular"	Afirmativa
L03	"Eu tenho duas entrevistas assim foi bem legal assim" "E a outra entrevista foi numa TV" "eu lancei o livro daí assim teve entrevistas"	Negação
L04	"sim, já publiquei"	Afirmativa
L05	sim, já publiquei	Afirmativa
L06	sim, já publiquei	Afirmativa
L07	Não	Negação
L08	Sim, tenho	Afirmativa
L09	Atualmente não.	Afirmativa
L10	Não, não tenho.	Negação
L11	Não	Negação
L12	Sim, teve um vídeo que circulou bastante de um projeto de extensão	Afirmativa
L13	Sim, já tive	Afirmativa
L14	Não, que eu saiba	Afirmativa
L15	Não, que eu saiba não	Negação
L16	Não, ainda não.	Negação
L17	Não,	Negação

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 6 – Públicos-alvo das palestras dos professores pesquisadores.

Participante	Unidade de registro	Categoria	
		Público Acadêmico	Publico não acadêmico
L01	Sim	Afirmação	Afirmação
L02	Sim	Afirmação	Negação
L03	Sim	Afirmação	Afirmação
L04	Sim	Afirmação	Negação
L05	Sim	Afirmação	Afirmação
L06	Sim	Afirmação	Afirmação
L07	Não, por falta de tempo	Negação	Negação
L08	Sim	Afirmação	Afirmação
L09	Sim	Afirmação	Afirmação
L10	Sim	Afirmação	Negação

L11	Sim	Afirmação	Negação
L12	Sim	Afirmação	Afirmação
L13	Sim	Afirmação	Afirmação
L14	Sim	Afirmação	Afirmação
L15	Sim	Afirmação	Afirmação
L16	Sim	Afirmação	Negação
L17	Sim	Afirmação	Negação

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 7 – Projetos de extensão pelos professores pesquisadores.

Participante	Unidade de registro	Categoria
L01	Sim	Afirmação
L02	tenho vontade, mas não tenho não tenho tempo (...) dentro desse contexto, eu não me dediquei ainda de escrever e fazer um projeto.	Negação
L03	"tenho, desde 2018" "é um projeto de extensão aprovado pelo conselho"	Afirmação
L04	Já fiz, mas não tô fazendo.	Afirmação
L05	Sim	Afirmação
L06	Eu tenho Pouca participação	Afirmação
L07	Não tô tendo. Mas, já participei no passado	Negação
L08	Sim, já fiz.	Afirmação
L09	Sim, tenho	Afirmação
L10	Sim, eu participo	Afirmação
L11	Não	Afirmação
L12	Sim	Afirmação
L13	Sim, já fiz vários e estou com outros atualmente	Afirmação
L14	Sim, fazemos cursos.	Afirmação
L15	Sim, dois projetos de extensão	Afirmação
L16	Não, nunca fiz	Negação
L17	Já fiz, mas tenho me dedicado mais a pesquisa	Afirmação

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 8 - Atendimento à imprensa pelos professores pesquisadores.

Participante	Unidade de registro	Categoria
L01	sim	Afirmação
L02	sim	Afirmação
L03	Sim	Afirmação
L04	Sim	Afirmação
L05	Sim	Afirmação
L06	Sim	Afirmação
L07	sim	Afirmação
L08	sim	Afirmação
L09	Sim	Afirmação

L10	Sim	Afirmação
L11	sim	Afirmação
L12	sim	Afirmação
L13	sim	Afirmação
L14	sim	Afirmação
L15	sim	Afirmação
L16	Sim	Afirmação
L17	Sim	Afirmação

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 9 - Produção de material técnico pelos professores pesquisadores.

Participante	Unidade de registro	Categoria
L01	sim, esse material técnico que a gente os relatórios que é um produto técnico, né? Até por exemplo quando a gente prepara o material para uma palestra.	Afirmação
L02	não nunca produziu nenhum tipo de material técnico assim.	Negação
L03	Não éé.. mas não, não não	Negação
L04	Sim, relatórios, cartilhas são material científico para crianças indígenas	Afirmação
L05	Sim	Afirmação
L06	Não	Negação
L07	Não	Negação
L08	Não	Negação
L09	Sim, agora tô montando um livro.	Afirmação
L10	Não, não faço	Negação
L11	Sim, laudos técnicos para empresas	Afirmação
L12	Sim, a gente fazia umas cartilhas explicando sobre como se organizar em cooperativismo, associativo	Afirmação
L13	Sim, já fiz há algum tempo atrás.	Afirmação
L14	não temos temos feito	Negação
L15	Sim, tem planfetos do projetos de extensão	Afirmação
L16	Sim, relatórios	Afirmação
L17	Sim, manual, apostila, material de apoio	Afirmação

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 10 - Papel da universidade no desenvolvimento regional.

Participante	Unidade de registro
L01	“é essencial; porque por meio do que se mostrar a realidade o que a pesquisa tem sido feita, o que tem sido feito de pesquisa e o que que essa pesquisa traz não somente para mostrar a realidade desse pacientes no meu caso ou da realidade situacional de saúde, mas para dar esse retorno por serviço e esse retorno vai servir para implementar para implantação ou para implementação ou para implantação de políticas públicas que vão ser direcionados para resolver isso; e as pesquisas vão mostrar essa necessidade, esse gargalo, esse entrave que tá sendo feito vai servir para o desenvolvimento regional.

L02	<p>"eu acho que a universidade ela é importantíssima desenvolvimento Regional, acho que é fundamental assim"...Para mim é fundamenta, a Universidade, ela tá produzindo ciência em primeiro lugar, né? Que o que pode ter grande impacto no desenvolvimento Regional e ela tá Formando profissionais para atuarem na região. Então diante desses dois elementos, eu acho que é fundamental a existência da universidade"</p>
L03	<p>"eu acho que a instituição faz o papel no desenvolvimento"</p>
L04	<p>"é fundamental, né? Se a universidade não está atenta aos problemas locais, quem vai estar? Se os nossos projetos não estiver voltado para as demandas locais, quem vai estar? A universidade é a instituição que deve formar pesquisadores atentos a essas demandas, aos problemas locais"</p>
L05	<p>Ah eu vejo uma grande mudança social... que a contribuição da universidade para mudança social assim sabe, tanto assim na formação de pessoas especializadas, na formação de cidadãos mais críticos (...) as nossas pesquisas (...) elas permitem a gente olhar para nossa realidade, pensar em políticas públicas para Cidade sabe? Então, eu eu entendo que se não tivesse a universidade aqui, muito disso poderia ser negligenciado e assim do ponto de vista prática eu vejo essa mudança nos meus próprios alunos nos meus alunos, nos meus alunos que estão no mercado de trabalho em pautar assuntos que era ignorados antes, então eu acho que tem um grande papel social.</p>
L06	<p>"eu acho que a universidade ela é ela deve ter um papel Central. Eu acho que os técnicos (...) os pareceres as ideias as soluções para os problemas regionais eles precisam ser soluções técnicas. E quem é que tem mão cheia para formação técnica é Universidade os institutos federais"</p>
L07	<p>Eu acho que ela já faz. Meu ponto de vista é no momento que ela está disponibilizando os cursos ela já tá fazendo o desenvolvimento regional. então assim eu acho que o papel dela seria é importantíssimo,</p>
L08	<p>um jornalismo olha o tanto que ele tem a servir para comunidade ainda mais nos tempos de hoje no mínimo para você numa comunidade aprender a diferenciar. O que é fake News que não é essa? Eh começar a entender, o que é notícia numa comunidade, como essa comunidade pode falar para a sociedade usando instrumentos do jornalismo é isso falando do jornalismo. Mas eu vejo todos os cursos grandes potencial.</p>

L09

a Universidade no desenvolvimento da região é fundamental. Sem a universidade, a região não cresce, sem pesquisa sem a gente entender os territórios, sem a gente entender os fenômenos a gente não vai conseguir ter um bom crescimento ou se tiver um crescimento não vai ser um crescimento do jeito que a gente quer, melhorando as coisas, né a universidade ela tá aqui para que o curso das coisas não estejam indo muito bem a gente consiga fazer pesquisa e a gente consiga melhorar a vida das pessoas, trazer qualidade de vida e a partir da pesquisa que a gente vai conseguir porque a gente tem que se auto conhecer a gente tem que entender o território pra gente conseguir fazer com que ele seja um território melhor para todos viver. Eu acho que é sempre vai ser o papel da Universidade, né? Tá aqui para a gente fazer causar transformação social para melhoria das coisas, né?

L10

o entrevistado diz que o objetivo dele é desenvolver projetos regionais e levar esse resultados para as pessoas, mostrar essa descoberta, contribuindo assim para o desenvolvimento

L11

Ah, é muito importante para o Desenvolvimento Regional, porque a universidade produz conhecimento e o conhecimento leva ao desenvolvimento. Então se você tem uma instituição forte. No estado você tem um desenvolvimento maior. Porque além do desenvolvimento pessoal que é conhecimento aumentar o IDH, né? Ainda tem o conhecimento para vinda de indústrias.

L12

Eu acho que o papel da universidade é tanto é gerar, né indivíduos pensantes mesmo questionadores formar, né profissionais eh e levar também esse conhecimento para a sociedade de maneira prática porque eu acho que a academia produz muito conhecimento, né? Não só informação, mas produz conhecimento e é muito importante quando a universidade ela gera metodologias para que esse conhecimento chegue até as mãos à sociedade, né? Eu acho que isso gera um desenvolvimento Regional, né. (...) o desenvolvimento Regional, ele gera fruto, né algo que você planta e com o tempo isso vai gerar fruto, né? Então eu acho que o papel da universidade é tentar mediar, né? esse conhecimento, né através das pessoas para para região para cidade geral

L13

"a Universidade é um motor de desenvolvimento Regional, né? Eu acho que é sem universidade, não não tem como a região se desenvolver plenamente. Então a universidade eu acho que tem esse papel motriz, né de alavancar o desenvolvimento numa região. Eh para isso, ela precisa estar muito antenado e ambientada com as necessidades reais dessa região para trabalhar a melhoria dessas necessidades."

L14	<p>Eu acho que é a universidade tem um papel primordial, né? Eu acho que é por favor da universidade é fazer circular a fazer eh, não só circular, mas fazer com que a pesquisa que a gente desenvolve tem aplicabilidade para a sociedade, né levar essa pesquisa levar isso para a sociedade consultar a sociedade também das suas demandas, nós temos que parar de fazer pesquisa a partir do nosso gabinete, nós temos que fazer pesquisa a partir das demandas que a sociedade tem consultar a sociedade do que realmente ela precisa para de fato fazer uma pesquisa mais engajada e uma pesquisa de fato que tem aplicabilidade</p>
L15	<p>(...)eu acho que deveria ter maior investimento da Universidade, né? Por exemplo eu tenho dois projetos de extensão.</p>
L16	<p>Eu acho que a universidade ela tem eh...Ela não tem só um papel no desenvolvimento regional no sentido de financeiro, mas eu acho que ela tem um papel importante que é uma função social, né? E não é só uma função social no sentido de você Eh ... capacitar um profissional para o mercado de trabalho, não é só isso. A universidade vai além disso porque se fosse só isso a gente só teria curso de formação técnica, né? Então eu acho que a universidade a universidade para você ser uma universidade. Você tem que ter o tripé do ensino da pesquisa e da extensão e eu acho que a pesquisa e a extensão sobretudo a extensão nesse caso, ela tem que ter uma inserção social, ela tem que... então eu acho que é por meio da extensão que a gente vai conseguir Eh de tornar a barreira entre universidade e sociedade mais fluida, né? Tirar um pouco esse muro que existe de achar que a universidade é uma coisa difícil, que uma universidade é algo meio inacessível ou é só para determinado grupo ou só para determinadas pessoas que têm determinadas condições, né? Eu acho que a universidade por meio do ensino, mas sobretudo por meio da extensão consegue pensar em projetos para trabalhar diretamente com a comunidade.</p>
L17	<p>Essa pergunta foi feita ao entrevistado.</p>

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 11 - Meios institucionais de divulgação científica desta IES.

Participante	Unidade de registro
L01	<p>“olha a gente tem o próprio seminário de iniciação científica que ele é anual e existem também boletins informativos, né que a gente sempre recebe por e-mail, mas esse boletim eles estão centralizados na ufma são Luis; o boletim informativo existia antes eu não recebi mais. Chegava no email a gente recebia falando da de Pesquisas realizadas de artigos publicados com cessão internacional, por exemplo ou de pesquisas que tinham sido feitos que saem na página da instituição, mas saiam eh. Além de dar notícia, né? Saía um boletim informativo impresso digital, né? Que aí recebia por e-mail, tem muito tempo que eu não recebo, que era disponibilizado para a comunidade acadêmica no caso, né? Não lembro quando foi o último que eu recebi, mas a gente pode receber e aqui a gente não tem Imperatriz. Eu sei te dizer que era bem restrito a São Luís. Lembro de ter um ou outra situação que falava de um pesquisador de produtos de Imperatriz; E o site da universidade. Entra lá tudo sobre a linha sobre os professores tem até você acessa já vai para o link do professor do lates dele, né? Mas o programa também é responsável por alimentar as defesas que acontece. Então tem que estar atualizado. Isso é uma forma também de divulgação, todos os programas fazem isso; Ou a gente tem por exemplo próprio Instagram todos os cursos são estimulados a ter e tem o Instagram que é uma forma de divulgação e hoje está sendo muito utilizado”</p>
L02	<p>São os editais, Basicamente né? Mas assim os editais estão mais no no meio da pós-graduação editais de graduação são mais os editais de evento, né?</p>

L03	Acho que o site, as redes sociais que a gente não pode excluir, tem revistas, livros que o que a editora tem publicado, Tem projetos, projetos de extensão, outros sites"
L04	Boletins, periódicos, rádio, tv, revistas
L05	o site (...) o instagram (...) e a gente não tem um site específico a gente tinha um projeto antigo que era ciência UFMA, mas é um projeto que eu levava por interesse próprio e depois dele, eu acho que não tem mais nada que eu saiba, né?
L06	não sei onde colocar alguma coisa que eu estou produzindo (...) por exemplo (...) eu publiquei esse artigo agora. Eu tô com um relatório de uma pesquisa ficando pronto e aí eu tenho um lugar na universidade em que eu disponibilizo e a universidade faz essa divulgação"
L07	"Eu diria que talvez as revistas mas as revista da universidades, Ah, eu acredito aí o os canais de principalmente na televisão.
L08	revistas, editora, tv
L09	site, seminário de iniciação de científica
L10	periódicos, tv da instituição, site
L11	a escrita, né? E também tem algo visual que ela tem a TV, né? Tô falando não não aqui em Imperatriz eu tô falando não. Ela tem esses meios. Tem a TV da Universidade, eu não sei se aqui pega TV aqui mas São Luís pega pela divulga bem assim, ela faz a divulgação.
L12	Tv, rádio, site,
L13	que eu conheço as redes sociais (...) vejo páginas alguns perfis, né oficiais da instituição que trazem divulgação. Acho que tem perfil científico que de vez em quando eles estão divulgando uma pesquisa feita por algum pesquisador da instituição. Então são esses Veículos São mais as redes sociais de fato a página oficial da instituição
L14	o site da; As revistas , existe a divulgação através de livros (...) para publicação coleções e tal. o patrocínio para que os alunos e professores possam ir para eventos eh regionais e nacionais para poder apresentar um trabalho nos eventos a própria organização de eventos.
L15	"existe, seminário de extensão, pouco investimento voltado para divulgação."
L16	Tem lá o portal tem o YouTube, Instagram
L17	Sigaa, Portal do docente que possui link ao acesso ao Lattes que tem acesso ao que o pesquisador pesquisa.

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 12 - Utilização dos meios institucionais de divulgação científica pelos professores pesquisadores.

Participante	Unidade de registro
L01	"Sim, no site. A própria instituição entrou em contato conosco quando a gente foi premiada em dezembro 22, né? Com esse trabalho da da aluna do nosso mestrado daqui que foi premiada pela FAPEMA como melhor dissertação, eles entraram em contato conosco para que nós fornecesse uma entrevista foi divulgado."
L02	"tá assim nunca existiu para mim qualquer tipo de convite ou eu nunca soube de qualquer tipo de convite da estrutura que a ies tem por exemplo em São Luís"
L03	Sim. Sites, na rádio universidade, instagram do grupo de pesquisa
L04	Sim, no site, rádio ciência
L05	Sim, no rádio

L06	Não
L07	Não, nunca tive
L08	Sim, já tive
L09	TV, no site oficial
L10	TV instituição, site
L11	Não, não.
L12	Sim, site
L13	Sim, na Tv universidade
L14	já, o site, o próprio financiamento para ônibus para ir para evento quando os alunos precisam ir para eventos.
L15	Não
L16	Sim, rádio universitária, o portal
L17	No sigaa, quem acessa tem as informações de pelo menos um mínimo do que tem pesquisado.

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 13 – Opinião dos meios de divulgação científica da IES pelos professores pesquisadores.

Participante	Unidade de registro
L01	<p>"eu acho que com as questões das limitações de recursos orçamentários e com a disponibilidade se tem hoje de uma internet ou de uma veiculação digital, tem sido satisfatório a divulgação; o que eu penso que poderia ser melhorada justamente dar oportunidade não ser centralizada apenas na UFMA São Luís; Porque Isso é uma realidade então Aqueles boletins que eu mencionei que existiam antes poucos saíam dos pesquisadores de Imperatriz saía saía mas não Com a frequência que era divulgado de São Luís; Então eu penso que tem sido feito um bom trabalho dentro de suas limitações, né?; E também como já falei anteriormente mas eu penso também que deve ser investido e divulgar mais"</p>
L02	<p>"mas eu eu na verdade, eu nem sei te dizer quais são as minhas ideias, eu acredito que são as revistas científicas com a universidade produz, né, a editora que publica livros.</p> <p>e enfim serviço de comunicação não ser avaliar. A nível de periódicos ao IES hoje tem uma série de bons periódicos. Eu te confesso que também eu não tenho muita intimidade para falar de como produz, etc, eu sei que me parece que existe uma facilidade desse que tem um investimento financeiro</p>
L03	<p>"eu acho que a gente precisa teria que ter uma forma de mostrar isso aqui para sociedade. E aí divulgar uma imprensa sabe? Porque às vezes acho que é uma imprensa sabe que a gente tem serviços que podem ser prestados"</p>
L04	<p>"pois é, eu acho que é essa coisa se a gente tivesse um site que divulgasse de que é feito assim, não como uma notícia, nossos projetos sabe? Eu acho que essa é uma proposta do nosso grupo de extensão. de criar uma página, mas eu acho que eu não precisava ser só uma extensão do curso que estou vinculada, eu acho que se a própria IES criasse, né? Olha tudo isso é o que a gente faz para nossa sociedade, né? "Mas você não sabe criar o site divulgar esse site sabe levar para imprensa construir a importância da Imprensa mostrar. Olha a gente faz muita coisa espalham aqui tem 20 projetos que vocês podem fazer falta uma pauta por dia"</p>
L05	eu acho que é precário de infraestruturas assim, né? para fazer isso.
L06	Aqui no Campus de Imperatriz, eu não conheço esse trabalho mais de forma mais profunda.
L07	Não sei responder, porque eu não vi esses meios

L08	eu acho meio difuso ainda. Eu acho que poderia haver mais conversa para comunicação no sentido da gente tentar afinar uma linguagem
L09	em termos de pesquisa mesmo mostrar o que a universidade está pesquisando tudo mais eu acho que isso a gente precisa melhorar
L10	o entrevistado sugere que as pesquisas sejam mais divulgadas.
L11	Eu acho que é pouco divulgado.
L12	eu não conheço esses meios de divulgação, entendeu? não vejo muito esforço da instituição em relação a trazer isso até os pesquisadores, entendeu? Eu vejo uma distância muito grande em relação aos pesquisadores. Eu acho eu acho eles interessantes, porque são efetivos eles estão nas redes sociais tentam se adequar linguagem dos jovens, né, linguagem mais mais prática mais contemporânea. Mas eu sinto ainda que falta uma relação mais estreita com o campo dá sociedade como imprensa, a imprensa local, só assim um exemplo quando a gente vai para o sul e sudeste sempre que vai se analisar uma situação, mas falar sobre um problema se chama um professor daquela área para dar uma entrevista para dar uma opinião sobre aquilo e isso ainda não vejo aqui, né? É como se os pesquisadores já que ainda não fossem referências para analisar situações que acontecem, né?
L13	eu acho que precisa melhorar divulgar mais a pesquisa no site da instituição (...) acho que que teria que haver mais pautas de divulgação Científica eh, pastas mesmo de pesquisas que a pessoa pode ver que tem aplicabilidade, que vai ter um impacto na vida dela.
L14	eu sinceramente eu desconheço. eu desconheço os meios de divulgação da instituição
L15	eu acho que a universidade até tenta assim, mas eu acho que falta um fluxo mais.Eh, acho que existem os meios eu acho que existem os caminhos, mas eu acho que a gente também peca e não divulgarem, entendeu? Nós pesquisadores individuais mesmo, sabe.
L16	Eu acho que a universidade está preocupada em mostrar os resultados das pesquisas, que são muitos. Mas, acho que não dar conta de mostrar tudo que é feito. Porque acho que é muita coisa feita...A Instituição tem essa preocupação, mas acho que tem muita coisa ser feita.
L17	

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 14 - Sugestões de melhoria para o processo de divulgação científica desta IES

Participante	Unidade de registro
L01	“eu acredito que já indo ao encontro que eu falo anteriormente se apropriando mais daquele que é feito e fora da capital, né? Então eu acho importante que a divulgação seja feita amplamente não só para dizer aqueles que tem financiamento. A gente precisa ter essa disseminação melhor em outros locais que não seja restrita a capital”
L02	“Eu acho que uma dessas poderiam existir com mais frequência, por exemplo é a relação da universidade com outras instituições que existem na cidade, para promover um diálogo ao mesmo tempo ter essa oportunidade de divulgação. Pois é, eu acho que é essa coisa se a gente tivesse um site que divulgasse de que é feito assim, não como uma notícia, nossos projetos sabe? Eu acho que essa é uma proposta do nosso grupo de extensão. de criar uma página, mas eu acho que eu não precisava ser só uma extensão do curso que estou vinculada, eu acho que se a própria IES criasse, né?
L03	talvez pensar num veículo que seja de massa.
L04	Eu acho que a rádio nesse sentido, é um bom instrumento, podcast, sabe? Acho que pensar, que publico eu quero alcançar e a a partir disso escolher os veículos, né? E ter esse movimento interno de saber, conhecer os professores, o que pesquisam. E depois o movimento externo que pudesse construir isso com os veículos.

L05	eu acho que eu tinha que fazer um canal dentro da comunicação e treinar os professores pesquisadores para que eu terminei minha pesquisa eu cadastrar-se nesse sistema. Qual é a minha pesquisa e um resumo dela pudesse anexar foto como você fizesse um release sabe e cada professor que finalizasse a sua mandasse esse conteúdo para Assessoria aí Assessoria teria acesso a tudo que é feito e poderia se organizar para produzir.
L06	tem um grande problema primeiro de financiamento, falta incentivo para pesquisar talvez levantar depois e colocar isso pessoalmente em forma de mural, em forma talvez nas redes sociais, dados específicos da região que quê que foi desenvolvido (...)
L07	qual o impacto da vida para a comunidade, o que que isso tem de resultado para a Para o mundo acadêmico, principalmente para alunos eu falo muito isso com os alunos eu falo. Olha é vocês são os futuros políticos.
L08	Diálogo com aqui com o os cursos. Então eu acho que tem duas questões aí uma divulgação existem como eu falei trabalhasse as novas linguagens, né? É possível. Acho que divulgar ciência com podcast espertos, né com o mínimo documentários criativos. Que seja disseminados para essa garotada de ensino médio de comunidade Quilombo, né? Eh como ele deve ter bom processo a isso.
L09	fomentar reportagem, jornalismo científico. criar um espaço específico de de divulgação da das pesquisas da Universidade. A extensão é mais importante ainda porque a extensão ela vai praticar uma ação direta na comunidade, então a comunidade vai saber que a situação vai ser feita, né?
L10	Ver todos os professores que tem ali as pesquisas que eles pudessem é passar vamos dizer assim falar sobre essa pesquisa. Não podia emprestava nem ser por meio de entrevista, mas às vezes por escrito, né (...) fosse divulgado de repente na nas redes da instituição. Porque isso vai ajudando as pessoas a verem e até encontrar afinidades que poderia estar entrando em contato e aumentando as parcerias
L11	Teria que ser feito um trabalho primeiro a página da Universidade Federal, teria que melhorar. Tem uma parte ligada assim a pesquisa, né? não tem uma Harmonia, né? ... tem uma notícia aqui outra aqui são notícias de remoção,
L12	Acho que tinha que ser um setor da UFMA mais prático sabe, e também com pessoas tenham condições de eh fazer condições técnicas mesmo, de ter um um uma forma de de de divulgação mesmo junto aos professores, junta Comunidade da instituição, né? E depois de divulgação junto à sociedade. Para que a sociedade também sai do que a UFMA está produzindo.
L13	Olha a melhora ela ela pode começar lá da base, né? Que é a formação então a gente formar também dando uma ênfase para comunicação científica para as populações em gerais (...) Então vai para formação, mas também passa pela gestão, né da gestão ter a consciência do papel da Universidade na sociedade e que esse papel ele tem que passar pela comunicação. comunicar o que que a universidade faz. comunicar o porquê da Universidade Tá naquela região e o que que essa Universidade pode transformar ou pretende transformar nessa região.
L14	Tem que ter uma diretoria só de divulgação Científica (...) um grupo só para fazer isso para consultar os professores de cada grupo de Pesquisas, pesquisadores. (...) tá fazendo para poder fazer essa circulação fazer uma programação para divulgar isso aí nas redes nas redes sociais e na no site.
L15	Olha eu penso assim que. Deveria se ter maior forma. Eh ter mais meios de comunicação voltado a divulgação da pesquisa principalmente na área da saúde. entendeu poucos meses de divulgação na área da saúde. a gente acaba procurando meios fora da instituição para poder estar divulgando essas pesquisas.
L16	Olha eu acho que uma articulação mais próxima com os gestores das unidades sabe eh. Pensar num talvez até sei lá. Alguns workshops Alguns algumas iniciativas assim para mostrar a importância da divulgação Científica para os professores uma forma de tentar inserir isso como uma parte da atividade cotidiana que a gente tem de fazer essa divulgação lembrar periodicamente os canais e como fazer de repente tentar uma articulação mais próxima com os veículos de comunicação, né da cidades que que a Instituição tem Campus? Eh, eu acho a iniciativa achei iniciativa do banco de fontes muito interessante assim eu acho que é uma maneira de aproximar e de mostrar né que a gente tem pessoas qualificadas para falar de n assuntos que os veículos podem

eh recorrer e podem inclusive pensar em fazer entrevistas, né? Entrevista em estúdio entrevistas por si, né? Um bate-papo uma mesa redonda. Então acho que são caminhos que eu vejo que poderiam ser interessantes. Sabe?

L17

“eu acho que a gente poderia pensar num ambiente interno para gente informar as produções, que tá se fazendo de produção que tá se publicando, por curso. E aí ter um centralizador que falaria, uma pessoa para consolidar essas informações para subir não só de uma área”

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

ANEXO C - RELATÓRIO DE ENTREVISTAS (GRUPO II)

Grupo II - Representantes da Comunicação Institucional

Quadro 1 - Função do setor representado pelos entrevistados.

Participante	Unidade de comando
C01	“responsabilidade de cuidar da identidade institucional (...) construir uma relação profissional com os veículos de comunicação (...) interação direta com a comunidade por meio das redes sociais (...) construir uma memória institucional”
C02	“ampliar a visibilidade da universidade, destacando para a sociedade tudo aquilo que é produzido. Tanto no âmbito do ensino, da pesquisa, da extensão da gestão”.
C03	“Dar apoio para o campo científico para comunidade de forma geral”
C04	“Ele tem a sensibilidade de compreender que as pesquisas as investigações, as produções acadêmicas daqui, elas têm relevância social e pública, quer dizer, é fundamental que as pessoas conheçam (...) ela é pensada por um público que não é o público só universitário”
C05	“dar um espaço pra divulgação Científica (...) dar um espaço para práticas (...) todas as ações relacionadas à educação a inclusão...” muito alinhado ao PDI.”
C06	“é a porta de transferência do conhecimento criado dentro da universidade para a sociedade”.

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 2 - Conceito de divulgação científica dos entrevistados.

Participante	Unidade de Comando
C01	“divulgação científica na minha concepção é você construir, elaborar um material jornalístico que possa dar conta com uma certa profundidade de determinadas aspectos da ciência que é feito na universidade e depois você puder disponibilizar isso nos canais competentes”.
C02	“a divulgação Científica que ela perpassa justamente essa perspectiva de você adaptar os discursos, né? As descobertas, os avanços, aquilo que é feito do ponto de vista da produção científica dentro de uma instituição como a universidade e fazer com que as pessoas conheçam, saibam sobre isso é numa linguagem que seja compreensível”
C03	“a divulgação científica é uma divulgação eh, que tenha um um caráter com o Real com o verdadeiro, com o que de fato está acontecendo e não em cima de teses mirabolantes factícosas (...) então é tentar ser o máximo possível coerente com o acontecimento com os fatos com o objeto que está sendo trabalhado.”

C04	<p>“dar visibilidade às produções de cunho acadêmico relevantes da sociedade, explicar a sua relevância ao público, que a comunicação ela não é somente registrar. Mas (...) traduzir também, ela tem que ter esse elemento da da compreensão, né de trazer ao público a a informação de maneira que ele compreenda. Nós enquanto comunicadores, enquanto jornalistas temos esse papel de tradutor, né da linguagem técnica da linguagem especializada para uma linguagem mais Ampla. É fundamental que isso seja feito eh, não é simplesmente pegar o artigo com títulos subtítulos, justificativas, metodologias que são muitas vezes uma linguagem muito específica (...)é necessário essa tradução, essa comparação, e a gente tem diversas diversas técnicas jornalísticas que ajudam.</p>
C05	<p>“a divulgação científica ela possibilita que a gente possa ter acesso a informações, né e dados e que a gente possa ter um entendimento de que toda essa estrutura, né que tá muito inserida dentro da Universidade, ela possa ser aplicada ao dia a dia. então divulgação Científica, eu acho que ela tem esse foco, né? Como é que eu vou trazer aquela pesquisa que é complexa, aquela pesquisa que tá dentro de uma bolha de um determinado programa de pós-graduação de um determinado programa de graduação e vou mostrar para a comunidade que aquela pesquisa é uma pesquisa que ela pode aplicar no dia a dia, que ela pode olhar no dia a dia”... “eu não posso fazer divulgação Científica, considerando uma audiência heterogênea, e nós não sermos generosa com essa audiência... seu não tiver uma linguagem objetiva, se não tiver uma linguagem coloquial essa audiência não vai entender, e a minha ideia é aproximar o que tá dentro da Universidade com a comunidade, então por isso que a divulgação Científica um termos assim pensando, jornalisticamente ela é importante”.</p>
C06	<p>“é produzir um conhecimento que vai ser utilizado (...) então é necessário que haja uma consciência, de que primeiro nós temos que fazer, eh desenvolver (...) para se criar um conhecimento, mas que esse conhecimento seja de uso... é como fazer um medicamento ninguém vai fazer um medicamento para publicar um trabalho.</p>

Quadro 3 - Meios disponibilizados pela IES para a divulgação das pesquisas.

Participante	Unidade de Comando
C01	<p>“a gente tem os meios externos, por exemplo, quando, quando tem uma matéria interessante a gente pega essa matéria publica no Portal da instituição e também envia como release para os o os veículos que temos no nosso cadastro (...). Fazemos o mailing list e mandamos... hoje, a gente tem um mailing list, talvez de cento e poucos, cento e poucos sites blogs no Maranhão no Brasil”. “nós temos também hoje as nossas redes sociais muitas das nossas matérias vão para as redes sociais, né?”</p>
C02	<p>“dos nossos canais hoje, por exemplo, não temos jornais impressos da Universidade, nós não temos uma revista impressa que poderia ser um canal interessante para divulgação Científica com matérias de ciência, a gente não tem isso, hoje na instituição falando sobre a nossa realidade de Imperatriz, mas nós temos um site que é funcional que é responsivo, nós temos as nossas redes sociais e entendo que futuramente no nosso canal no YouTube que a gente tá engatinhando com ele e também a nossa página no Spotify que serão também espaços adequados para fazer esse processo de divulgação científica.</p>
C03	<p>“Rádio ciência, rádio opinião e o Jornal Rádio Universidade”</p>

C04	<p>“então assim o principal realmente é o rádio ciência que é um programa que é voltado especificamente para divulgação de produções científicas. E aí assim ele é diário, duas vezes por dia, na verdade é um programa de 5 a 10 minutos (...) Aí nós podemos destacar aqui também eh o programa de divulgação dos assuntos da instituição de maneira geral que é o acontece também é diário e o programa de divulgação dos eventos da fundação Sôsândrade que se chama qualificar que é quinzenal (...) o jornal Rádio Universidade é um veículo jornalístico, né Que assim, apresenta notícias e tudo e dentro sempre tem alguma informação de cunho científico, principalmente nas entrevistas no no quadro rádio opinião. Que é um quadro dentro do jornal em que professores pró-reitores são entrevistados e geralmente aborda um assunto de interesse da Universidade. Posso destacar também aqui o orgânica. O orgânica é um programa semanal aos domingos cujo a temática é sustentabilidade e meio ambiente então boa parte das pesquisas das construções eh voltadas a esses temas, tem visibilidade no programa orgânica. outro programa que eh também é semanal as quartas-feiras e que acaba abrigando também pesquisas e produções é o agenda positiva. é um programa de terceiro setor, é de cidadania, direito do consumidor ele também sempre tem gente da área do direito, eh da área da indústria que de alguma forma reverbera Produções acadêmicas científicas nessas áreas. Aí do ponto de vista cultural, tem o santo de casa que é um programa Bem tradicional da rádio, então o santo de casa ele ele da visibilidade as pesquisas científicas a partir do momento em que essas pesquisas sejam de cunho Cultural de importância pra cultura maranhense brasileira. (...) Tem o diálogos, que é um programa de entrevistas que entrevista professores, especialistas. Tem o programa da UNITI que é o programa da Universidade integrada da terceira idade, Ele se chama Vida Ativa e sempre tem uma entrevista com algum professor ou um professor da Uniti que trabalha com o público da melhor idade. Então assim potencialmente a programação como um todo ela pode dar visibilidade para a divulgação científica”</p>
C05	<p>“o dia em com a ciência, ele é produzido semanalmente e vai ao ar quinzenalmente. a gente tem acesso aos projetos de pesquisa que está sendo (...) e a gente transforma aquela pesquisa complexa, né? de uma forma mais é interessante, numa linguagem mais acessível. E tem o TV Ciência. Além disso, tem um trabalho de comunicação institucional porque a gente entra em contato com outras emissoras e as TVS se interessam então acaba que isso né? Vai ampliando para outras esferas (...) Então acaba que essa divulgação ela vai saindo os muros, né ali da Universidade que é a nossa grande estratégia, né? Esses dois são os dois direcionados a divulgação Científica, né? E aí a gente tem o universo ciência e a gente coloca na nossa grade de programação. O universo ciência é o que é um digamos assim um programa do Nordeste de divulgação Científica. Então nesse programa você vai ter pesquisas de outras universidades, né, para Além dessa instituição, ele é Regional, e a gente também dá espaço para eles”</p>
C06	<p>“de dentro para fora nós temos nós temos os livros. Aí depois nós temos as revistas nós temos as revistas dentro da Universidade”</p>

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 4 – Meios institucionais que estão disponíveis para o campus de Imperatriz-MA

Participante	Unidade de Comando
--------------	--------------------

C01	<p>“todas elas (...) a gente tem eh, semanalmente matérias de todos os campus da da instituição do interior. Temos matérias de Imperatriz temos matéria de Chapadinha de Grajaú de balsa de Pinheiro de Bacabal de Codó de São Bernardo, né? (...) no nosso portal, muita coisa é divulgada, né tanto da capital quanto do interior. Além disso muitos dos Campos também tem as suas páginas nas quais eles publicam coisas específicas que acabam não saindo no nosso portal ou então eles republicam nas suas páginas aquelas notícias que saem no nosso portal”</p>
C02	<p>“então assim eu diria que hoje nós temos poucos espaços para fazer divulgação Científica, mas desses poucos espaços eu afirmo com muita tranquilidade que o nosso principal canal para produzir esse tipo de conhecimento seria o nosso site. Porque é um espaço que a gente tem mais mobilidade, né? Tem um gerenciamento maior então eu consigo organizar o conteúdo da forma que eu acho mais interessante (...) nós estamos tentando experimentando eh formas de fazer isso também acontecer nas redes sociais, mas os tecidos um grande desafio porque imagina só você trabalhar numa equipe que são 10 pessoas, mas só existe um profissional que é o coordenador os demais são todos os estudantes majoritariamente, né? (...) a diretoria de comunicação hoje uma plataforma onde você pode encaminhar sugestões de cobertura de evento, lançamento de livros, de projetos de pesquisa e tudo mais. Só que essa esse essa plataforma ela direciona o conteúdo que vai ser produzido para o site. diretamente para TV e para rádio nós não temos assim uma linha direta nesse processo, até porque é mais difícil. Então imagina só, a TV tá lá em São Luís produzir conteúdo sobre Imperatriz (...) tem que vir uma equipe de comunicação de São Luís, que produz conteúdo e leva para lá, né? E aí é veiculado, mas com uma produção local nossa, não. Imperatriz, nós vamos ter um programa que é do curso de jornalismo que é o programa OXENTE que ele é produzido aqui e é veiculado semanalmente na Rádio Universidade de São Luís, mas é um programa de diversidade, né? uma revista cultural que trata de vários temas mas que não é um programa institucional. Por exemplo, né? Não tem uma perspectiva, um caráter institucional. É do curso de jornalismo.</p>
C03	<p>“nós temos um programa produzido em Imperatriz que é Oxente, né?”</p>
C05	<p>“Para lá, então, a gente teria que ter o pessoal de Imperatriz fazendo para mandar para a gente e o pessoal de Imperatriz ainda encontra muitas dificuldades, nós já tentamos essa comunicação com eles já solicitamos imagens, já solicitamos materiais assim mas a gente ainda não conseguiu chegar a uma estratégia que fosse adequada, né? E que fosse assertiva e eficiente né? Então a gente ainda não tem, a gente não consegue fazer isso com Imperatriz não”</p>
C06	<p>“Não tem nenhuma dificuldade para atender o campus, a pessoa entra com processo para publicação e segue o fluxo”</p>

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 5 - Sugestões de pauta dos docentes e demandas dos entrevistados.

Participante	Unidade de Comando
C01	<p>“A maior demanda recebemos hoje é de evento, para divulgar o evento.”</p>
C02	<p>“majoritariamente o que a gente recebe dos professores é a solicitação para divulgar evento. Quase sempre, assim poucas vezes eh: Ah, eu tô fazendo uma pesquisa e eu queria muito divulgar minha pesquisa, é muito difícil.”</p>
C03	<p>“a maior demanda Nossa Sem dúvida nenhuma é área cultural, né? E os eventos. Nem sempre é é da área cultural, mas aí entre os eventos científicos inseminados do congresso e são bastante eh solicitado e requisitados”</p>
C04	<p>“eventos”</p>

C05	"geralmente. (...) sobre a divulgação de evento"
C06	Não foi feita essa pergunta para o entrevistado porque não cabia

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 6 – Principais desafios e/ou oportunidades

Participante	Unidade Comando
C01	"o principal desafio é ter uma equipe que possa fazer essa divulgação científica de maneira mais consistente (...) porque para fazer isso eu tenho que ter pessoal treinado. eu tenho que ter equipe especializada para fazer isso e eu tenho que ter uma coisa que não não me é permitido veja (...) Eu tenho 15 pessoas na diretoria comigo. Essas 14 pessoas elas cuidam da rede social, do cerimonial da produção de uma logomarca, da produção de um vídeo, da alimentação do portal. Dessas pessoas eu só tenho duas jornalistas que cuidam do portal os outros não trabalham como jornalistas. Eles trabalham com outras funções cinegrafista diagramador, é editor de texto, relações públicas, redator, é revisor"
C02	"um grande desafio é a falta de equipe. Você ter 10,9 pessoas trabalhando com uma equipe sendo que dessas nove, oito são estudantes é muito desafiador. Porque o estudante quando ele está num espaço como esse, ele não pode ser cobrado como profissional, a participação dele é um espaço de aprendizagem, então a forma como eu cobro ele, a forma como eu demando trabalho dele, é diferente, se eu tivesse demando de um profissional que é contratado que tá ali fazendo parte da equipe, né?"
C03	"Eu acho que o principal desafio é a gente se estruturar técnica e financeiramente. E ter a condição de contratar mais pessoal para poder atender demandas futuras porque a demanda ela existe a necessidade quer dizer a necessidade existe, mas a gente fica muito reprimida diante das dificuldades"
C04	"O grande Desafio ele é de ordem estrutural mesmo de maneira geral".
C05	"o nosso desafio maior é manter essa sustentabilidade"
C06	"são os recursos financeiros (...) financeiro para que a gente possa fazer mais"

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 13 - Sugestões de melhoria para o processo de divulgação científica desta IES

Participante	Unidade de Comando
C01	"talvez fosse interessante no futuro próximo se fazer é uma revista científica (...). Uma revista que você não tem o artigo, mas você tem uma matéria sobre o artigo (...). E também acho que já pensando na nova linguagem, talvez a gente já coubesse um espaço para uma divulgação por meio de Podcast de de eh, de eh, informação científica mesmo divulgação de pesquisa divulgação de pesquisador divulgação de descoberta científicas"
C02	"a minha principal sugestão seria que de fato a universidade institucionalizasse um setor dentro da diretora de comunicação que cuidasse de conteúdo de divulgação Científica, mas não cuidasse simplesmente de conteúdo, mas que cuidasse desse conteúdo a partir de uma perspectiva igualitária dos cursos".
C03	é preciso ter essas condições técnicas pessoais e financeiras.

- C04** “além das questões estruturais e financeiras que sendo naturalmente sobrepostas vão naturalmente gerar produtos e divulgação ainda maior para ciência para outras áreas também, eu insisto nessa questão da tecnologia. Quer dizer eh, a gente tem muitas possibilidades de ampliar canais de divulgação Científica, por exemplo, podcasts, programas canais de vídeo específicos, web rádios, a gente podia ter duas ou três web rádios (...) com programação específica. uma web rádio só de Cultura maranhense, uma web rádio só de ciência, mas também passa pela mesma questão, a gente não tem pessoal suficiente para dar conta disso”.
- C05** procurar estratégias de mudar o nosso comportamento para chegar até aos veículos que vai chegar na população.
- C06** “poderia criar uma secretaria só para isso, para poder administrar isso tá? tem pessoas na universidade que tem trabalho para serem publicados e que não sabe para onde ir, entendeu? Então talvez uma pasta de uma secretaria só de divulgação, entendeu? Para orientar, para facilitar as pessoas como elas podem publicar seus trabalhos.

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

ANEXO D - RELATÓRIO DE ENTREVISTAS (GRUPO III)

Grupo III - Representantes da Extensão

Quadro 1 - Função do setor representado pelos entrevistados.

Participante	Unidade de comando
E01	(...) ela é o setor que operacionaliza a institucionalização de ação de extensão da Universidade o gerenciamento dessas ações de extensão... eh ela que eh atende eh na ponta né a comunidade acadêmica... É a divisão de extensão que está encarregada com elaboração dos editais da da Diretoria de extensão, né? ... é a divisão de extensão que também trabalha no nos eventos quando a diretoria de extensão promove algum evento algum seminário algum fórum.Né? É a divisão de extensão que vai que vai gerenciar né a ajudar na organização a divisão de extensão (...) Quando tem algum processo novo da extensão, por exemplo a curricularização da extensão, né? E aí a divisão de extensão que é executa né? Que é operacionaliza através da geração de resolução, entendeu? Para poder operacionalizar esse processo e também na na divisão de extensão é que a gente trata ali do dia a dia da extensão mesmo na na pró-reitoria é o setor que mexe com os processos que passam pelo setor.

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 2 - Conceito de divulgação científica dos entrevistados.

Participante	Unidade de comando
E01	(...) eu acredito que seja justamente divulgar as pesquisas que estão sendo desenvolvidas dentro da Universidade

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 3 – Como a extensão dialoga com a sociedade.

Participante	Unidade de comando
E01	(...) a divisão de extensão ela dialoga por meio dos projetos institucionais que nós temos. então esses projetos já é uma forma dialogar, que são levados serviços à sociedade, né? E também a esse diálogo com os projetos da universidade em si, né? Que são que passam pela divisão de extensão e esses projetos chegam lá na ponta, eles vão numa comunidade distante não só no entorno da instituição, mas em outras cidades também nós temos também é cursos projetos, curso em EAD né? Então esse diálogo acredito que ele funciona muito nesse sentido levando serviços prestando serviço para a sociedade.

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 4 – Papel da extensão no desenvolvimento regional.

Participante	Unidade de comando
--------------	--------------------

E01	<p>“a extensão ela ela tem um papel muito importante porque ela é justamente uma das diretrizes da extensão Universitária é impacto na transformação social e impacto na formação do Estudante (...) Então assim aquele projeto que é levado lá lá para a sociedade Ele tem que ter algum Impacto. Tem que levar alguma coisa, ele não pode só chegar lá sair e ficar do jeito que era antes, entendeu? Então assim falando um pouco da das diretrizes, nós temos aqui tem que ter né segundo a política nacional de atenção Universitária o impacto na transformação social, tem que ter uma índice acessibilidade entre ensino e pesquisa e extensão tem que ter uma interação dialógica também tem que ter uma interdisciplinaridade, interprofissionalidade naquelas ações de extensão, entendeu? Então assim eu vejo como um papel muito importante na transformação social esses projetos de extensão.”</p>
------------	---

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

Quadro 05 - Sugestões de melhoria para o processo de democratização e a difusão do conhecimento acadêmico com a sociedade.

Participante	Unidade de comando
E01	<p>Para melhorar nós teremos que ter mais servidores, né o seu primeiro ponto mas o material humano e teremos que ter mais recurso para pró-reitoria, né? (...) porque dessa forma a gente conseguiria fazer mais visitas aos projetos sensíveis (...) a gente conseguiria levar mais divulgar mais a extensão porque tem que ter essa divulgação eh, eu acho que só a gente assim tendo essas duas coisas matéria humana recurso pelo menos para fazer essas visitas. Eh, eu falo não só em São Luís, mas em todos os outras cidades do Estado que não tenham também o campo da UFMA, né? Eu acho que já seria uma grande força, porque essa experiência que a gente fez da corretorização foi muito boa porque mostrou isso nada como aquele diálogo. e também ter mais um aparato tecnológico, né da da própria. Universidade porque aí fazendo isso a gente teria poder lançar, por exemplo uma plataforma para ter um diálogo em tempo real com a comunidade externa, entendeu?</p>

Fonte: Organização de dados da autora a partir das falas dos entrevistados.

ANEXO E - OBJETIVOS, METAS E RESULTADOS - PDI 2017-2021

Eixo - Comunicação Institucional

Objetivos	Metas	Indicador	Situação
	Elaboração de guias e manuais	Documentos elaborados	Não alcançado
	Elaboração da Política de Comunicação	Ação realizada	Alcançado
Ampliar a visibilidade da UFMA junto aos públicos interno e externo	Ampliação do uso de canais de comunicação e aumento da participação	Quantidade de usuários e engajamento nas redes sociais	Alcançado
	Realização de 300 conteúdos radiofônicos, a partir de 2017.	Conteúdos radiofônicos realizados	Alcançado
Qualificar o corpo técnico do Núcleo	Realização de treinamentos e oficinas, participação em eventos	Participações e eventos realizados	Não alcançado
	Realização de parcerias	Parcerias formalizadas	Alcançado
Produzir material voltado para o universo acadêmico	Publicação de edições da Revista Portal da Ciência e distribuição de 5.000 jornais por edição	Publicação da Revista e distribuição do Jornal	Não alcançado
Aumentar a divulgação pela da Rádio-web e pela TV	Aumento de 40% dos conteúdos, em relação ao ano anterior, anualmente	Conteúdos produzidos.	Alcançado
	Aumento de 80% dos conteúdos produzidos pelo Núcleo, e aumento para dez rádios	Ações divulgadas.	Alcançado
Construir banco de imagens para pesquisa	Disponibilização de um banco de imagens.	Banco de imagens disponibilizado	Alcançado

Fonte: UFMA, p. 205, 2022.

ANEXO F - OBJETIVOS, METAS E RESULTADOS - PDI 2017-2021

Eixo Extensão e Cultura

Objetivos	Metas	Indicador	Situação
Ampliar a comunicação da Universidade com a sociedade	Realização de 200 reuniões semestrais com organizações governamentais e não governamentais; Desenvolvimento de 300 ações de Extensão, Cultura e Empreendedorismo com a sociedade civil.	Quantidade de ações	Parcialmente alcançado
Adequar a estrutura administrativa da PROEXCE aos objetivos estratégicos da UFMA e a missão da extensão universitária	Lançamento de editais de interesse público, totalizando 30 editais.	Quantidade de ações	Não alcançado
Desenvolver projetos de extensão na área da cultura, promovendo as diversas linguagens artísticas, no âmbito da UFMA e junto à comunidade externa	Adequação da estrutura administrativa	Equipamento adquiridos	Não alcançado
Ampliar as Ações de Extensão Universitária no âmbito da UFMA	Realizações de Projetos e Eventos Culturais, como Guarnicê de Cine Vídeo, Festival Maranhense de Coros e Festival de Poesias	Eventos realizados	Parcialmente alcançado
Institucionalizar as Ações de Extensão Universitária não regularizada	Aumento de 20% das Ações de Extensão universitária, no período de 2017 a 2021	Ações de extensão realizadas	Alcançado
	Aumento, em 20%, das bolsas de extensão	Bolsa implantada.	Não alcançado
	Aumento, em 20%, do número de ações de Extensão nos diversos câmpus da UFMA	Ações de extensão de institucionalizadas.	Alcançado

Fonte: UFMA, p. 202, 2022.

ANEXO H - OBJETIVOS METAS E AÇÕES – PDI 2022-26

Eixo: Comunicação Institucional

Objetivos	Metas	Indicador	Ações Institucionais
Aumentar a grade de programação local com a produção de novos programas e Inter programas	Número de programas e Inter programas veiculados	5 programas e 5 Inter programas	Planejamento de produção a longo prazo com base na infraestrutura de equipamentos e pessoal
Ampliar a quantidade de operadoras de TV que transmitem o canal da TV UFMA	Número de contratos realizados com as operadoras TV	Realizar um contrato com uma operadora de TV para transmissão do canal da TV UFMA por ano.	Propor parcerias entre as principais operadoras de TV atuantes no Estado do Maranhão
Transmitir a programação da SESC-TV, que servirá de emissora cabeça-de-rede para TV UFMA	Não se aplica (podemos ter apenas uma única emissora cabeça-de-rede)	Transmitir a programação do SESC-TV até o final do ano de 2021	Dar prosseguimento aos trâmites contratuais
Ampliar a captação de recursos através de projetos	Número de projetos aprovados	Aprovação de 2 projetos que viabilizem a captação de recursos para fornecimento de mão de obra e equipamentos Dobrar a quantidade de equipamentos, adquirir nova aparelhagem de áudio; produzir 2 cenários, adquirir 2 cortinas acústicas para os estúdios e realizar a contratação de empresa prestadora de serviço de manutenção de equipamentos de TV	Aumentar a comunicação com instituições de fomento e propor a criação de projetos a serem desenvolvidos na TV UFMA e Rádio Universidade
Atualizar o parque tecnológico da TV	Número de aquisições de equipamentos, softwares e mobiliário e contratação de serviço de manutenção		Realizar levantamento de necessidades; Auxiliar na elaboração do processo e licitação e contratação das empresas
Ampliar o envolvimento da comunidade acadêmica (alunos e professores) na produção de programas e Inter programas para nossa grade de programação	Número de programas e Inter programas inseridos na grade de programação	2 programas e Inter programas inseridos	Ampliar a comunicação com a comunidade acadêmica e oferecer os meios necessários para inserção dos programas e Inter programas na grade de programação da TV UFMA

<p>Aumentar a visibilidade das informações sobre a universidade em seus canais oficiais de comunicação</p>	<p>Número de curtidas nas redes sociais e número de visualizações de matérias</p>	<p>Aumento de 25% no engajamento</p>	<p>Planejamento e Produção de material interativo, com possibilidade de participação do público da universidade</p>
<p>Ampliar engajamento nas redes sociais e a interatividade com os telespectadores</p>	<p>Número de telespectadores e acessos nas redes sociais da emissora</p>	<p>50% da comunidade acadêmica (professores, alunos e funcionários) acessando o canal e as redes sociais da emissora</p>	<p>Criação da WEB TV UFMA; Criação do site da TV UFMA; Elaborar meio de aferição de audiência; Aumentar a divulgação dentro da instituição, nas redes sociais e campanhas de marketing</p>
<p>Promover aquisição de material, de forma independente ou compartilhada, de equipamentos de audiovisual, produção visual, jornalismo, cerimonial e protocolo inclusive de consumo</p>	<p>Material disponível nos setores</p>	<p>Adquirir equipamentos e materiais de consumo a fim de materializar o tema e o objetivo estratégicos da comunicação</p>	<p>Levantamento de necessidades de acordo com as demandas das unidades, considerando a modernização necessária para a execução dos serviços</p>

Fonte: UFMA, p. 168-170, 2022.

ANEXO I - OBJETIVOS, METAS E AÇÕES – PDI 2022-26

Eixo: Extensão e Cultura

Objetivos	Metas	Indicador	Ações Institucionais
Possibilitar a inserção dos discentes na realidade promovendo desenvolvimento de ações que contribuam com a formação acadêmica de qualidade ética e social	Número de discentes envolvidos em ações de extensão	Atingir 100% dos discentes de graduação envolvidos em ações de extensão, a partir da curricularização da extensão	Institucionalizar ações de extensão, aumentar a oferta de bolsas para discentes de graduação
Aumentar o número de bolsas de extensão para discentes	Número de Bolsa de extensão	300 bolsas	Lançamento de Editais não só para projetos, mas também para todas as modalidades de ações de extensão
Ampliar a participação da comunidade interna e externa nas ações de memória institucional	Número de participantes da comunidade acadêmica (discentes, docentes, técnicos) nas ações desenvolvidas Número de participantes da comunidade externa nas ações desenvolvidas	Aumentar o número de participantes das comunidades interna e externa em 30%.	Identificar quais as ações de interesse da comunidade interna e externa
Ampliar relação e estabelecer parcerias com diferentes instituições público-privadas e demais setores da universidade	Quantidade de projetos realizados em parceria com outras instituições. Quantidade de projetos realizados em parceria com setores da universidade. Número de alunos participantes	Aumentar o número de ações/projetos em parceria com outras instituições e demais setores da universidade/ano.	Integrar as ações de memória institucional às atividades de ensino, pesquisa e extensão da universidade; Realizar levantamento e promover o diálogo com instituições público-privadas sobre possíveis parcerias
Implementar ações artísticas e culturais para potencializar talentos e habilidades e a consequente difusão dos movimentos literários e linguagens artísticas	Número de grupos participantes Número de grupos participantes por procedência	Aumento em 15% de promoção de ações artísticas culturais.	Divulgar editais e chamadas públicas para participação nas ações propostas
Oportunizar ao público acesso aos documentos e registros audiovisuais das	Número anual de solicitação de informação e consulta		Estabelecimento de normas de acesso e consulta.

ações culturais, literárias e artísticas	Demonstrativo da diversidade de público Citações dos arquivos em publicações	Aumentar o número de consultas e referências em publicações.
Contribuir na formulação e implementação das Políticas Públicas locais e regionais; Intensificar e divulgar o processo de curricularização junto aos Centros Acadêmicos"	Mecanismos de articulação com Instituições governamentais e da Sociedade Civil	Implementar mecanismos de articulação com Instituições governamentais e da Sociedade Civil
Buscar mais aproximação com as Instituições de fomento e com os setores de gestão de recursos financeiros, materiais e de infraestrutura/logísticos da UFMA	Número de Reuniões por ano	24 Reuniões anuais
Oferecer estrutura adequada às ações de memória institucional.	Quantidade de espaços adequados utilizados	50% de espaços adequados
Incentivar a capacitação e cooperação técnico-científica com outras instituições e demais setores da universidade.	Quantidade de ações de capacitação ou cooperação realizadas	Realizar, no mínimo, 02 ações formativas por ano
Sistematizar a digitalização do arquivo documental e audiovisual para a formação de um banco de dados.	Numero de documentos e audiovisual digitalizado Catálogo dos documentos digitalizados	Consolidar um repositório do arquivo digitalizado
Estimular e apoiar o desenvolvimento de ações de extensão que possibilitem a inserção do discente nessa realidade e contribuir com a implantação da curricularização da extensão na UFMA	Aumento de ações de extensão institucionalizadas	Implantar a curricularização da extensão
		Realizar reuniões periódicas com Instituições de fomento, os setores competentes pela gestão de recursos financeiros da UFMA e a PROEC
		Realizar levantamento sobre espaços disponíveis; Adequar espaços para realização das ações
		Realizar levantamento das necessidades de capacitação da equipe
		Adequação do espaço físico e digital
		Trabalho de conscientização da PROEC juto a Comunidade Acadêmica e Instituições da Sociedade Civil;
		Reuniões periódicas com os Núcleos Docentes Estruturantes e colegiados dos cursos de graduação; Elaboração do Manual de operacionalização da Curricularização;

<p>Buscar parcerias junto às Instituições de fomento e viabilizar com os setores competentes da UFMA o aumento de recursos financeiros para a PROEC</p>	<p>Número de Instituições parceiras 3 Instituições</p>	<p>Reuniões com o STI para o desenvolvimento do módulo de extensão adequando a curricularização</p> <p>Visitação às Instituições de fomento para formalização das parcerias, articulação constante com a UFMA para disponibilidade orçamentária para a PROEC</p>
<p>Melhorar qualitativamente e quantitativamente o nível das ações de memória oferecidas</p>	<p>Número de ações desenvolvidas por ano</p> <p>Aumentar o número de ações/ano.</p>	<p>Oferecer atividades diversas e de interesse da comunidade interna e externa, ampliando as ações desenvolvidas e a satisfação do público</p>
<p>Implementar mecanismos de gestão que viabilizem a formalização de convênios intra e interinstitucionais.</p> <p>Promover ações e grupos artísticos e culturais.</p> <p>Inventariar e catalogar o arquivo documental e audiovisual das ações artísticas e culturais.</p>	<p>Quantidade de convênios formalizados</p> <p>Aumentar o número de parcerias formalizadas/ano.</p> <p>Número de ações artísticas e culturais realizadas.</p> <p>80% de aceitação e continuidade das ações propostas artísticos e literários</p> <p>Aferição por categoria documental / registro audiovisual</p> <p>Viabilizar a digitalização documental e registro atualizado das ações</p>	<p>Desenvolver ações estratégicas de comunicação intra e interinstitucionais com foco no estabelecimento de parcerias</p> <p>Elaboração de editais, chamadas públicas e produção das ações;</p> <p>Recebimento de Inscrição e acompanhamento</p> <p>Organização do arquivo físico e digital para atendimento ao público</p>

Fonte: UFMA, p. 152-155, 2022.

ANEXO J - PROGRAMAÇÃO RÁDIO UNIVERSIDADE

Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
2:00 Madrugada 106	2:00 Madrugada 106	2:00 Madrugada 106	2:00 Madrugada 106	2:00 Madrugada 106	2:00 Madrugada 106	2:00 Madrugada 106
6:00 Destaque 106	6:00 FMPB	6:00 Som Massa				
8:00 Sessão das 8	7:00 Acontece na UFMA / Você Saudável	7:50 Vida Ativa				
9:00 Chorinhos e Chorões	7:20 Jornal Universidade	8:00 Sessão das 8				
10:00 Orgânica	7:45 Rádio Opinião	7:45 Rádio Opinião	7:45 Rádio Opinião	7:45 Roteiro Cultural	7:45 Roteiro Cultural	9:00 Estação Cinema
10:30 Domingo 106	8:00 Rádio Ciência	9:10 Top 106				
14:00 Super Tarde 106	8:10 Sessão das Oito	12:00 O Samba Pedre Passagem				
18:00 Em Dois Tempos	9:00 Manhã 106	9:00 Manhã 106	9:00 Manhã 106	9:00 Manhã 106	9:00 Estação Cinema	14:00 Super Tarde 106
20:00 Noite 106 / Acústico Casa / Janela Cultural	11:00 Santo de Casa	11:00 Santo de Casa	10:45 Diálogos	11:00 Santo de Casa	9:10 Manhã 106	18:00 Estação Cinema
21:00 Programação do Ouvinte	12:00 Empresa em Ação	12:00 Empresa em Ação	11:00 Santo de Casa	12:00 Empresa em Ação	11:00 Santo de Casa	18:10 Noite 106
22:00 106, Noite	12:10 Cidade UFMA	12:10 Cidade UFMA	12:00 Empresa em Ação	12:10 Cidade UFMA	12:00 Empresa em Ação	20:45 Radioletra
	12:15 Você Pediu UFMA	12:15 Você Pediu UFMA	12:10 Cidade UFMA	12:15 Você Pediu UFMA	12:10 Cidade UFMA	21:00 Programação do Ouvinte

13:00 Você Saudável	13:05 Balada 106	12:15 Você Pediu	13:00 Fito Saúde	12:15 Você Pediu	22:00 106, Noite
13:05 Balada 106	14:00 Super Tarde 106	13:05 Balada 106	13:05 Balada 106	13:05 Balada 106	
14:00 Rádio Ciência	17:00 Rádio Cidadã	14:00 Super Tarde 106	14:00 Super Tarde 106	14:00 Super Tarde 106	
14:05 Super Tarde 106	18:00 Sintonia Fina	16:00 Universidade do Reggae	17:00 Rádio Cidadã	17:00 Rádio Cidadã	
17:30 Rádio Cidadã	19:00 A Voz do Brasil	17:00 Rádio Cidadã	17:50 Estação Cinema	17:50 Roteiro Cultural	
17:50 Qualificar (Quinzenal)	20:00 Música Nova	17:50 Agenda Positiva	18:00 Sintonia Fina	18:00 Sintonia Fina	
18:00 Sintonia Fina	21:00 Você Pediu	18:00 Sintonia Fina	19:00 A Voz do Brasil	18:30 Momento Literário	
19:00 A Voz do Brasil	23:00 106, Noite	19:00 A Voz do Brasil	20:00 Companhia da Música	19:00 A Voz do Brasil	
20:00 Ópus Universidade		20:00 Vertentes	21:00 Você Pediu	20:00 Sexta Jazz	
21:00 Você Pediu		21:00 Você Pediu	23:00 106, Noite	21:00 Você Pediu	
23:00 106, Noite		22:00 Janela Cultural / Acústico Santo de Casa/ Então Foi Assim		22:00 Frequência G	
		23:00 106, Noite		23:00 106, Noite	

Fonte: UFMA, 2023

ANEXO K- MEIOS UTILIZADOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA GRUPO II

Meio	Frequência
Site	8
Rádio	4
TV	3
Instagram	1
Sigaa	1

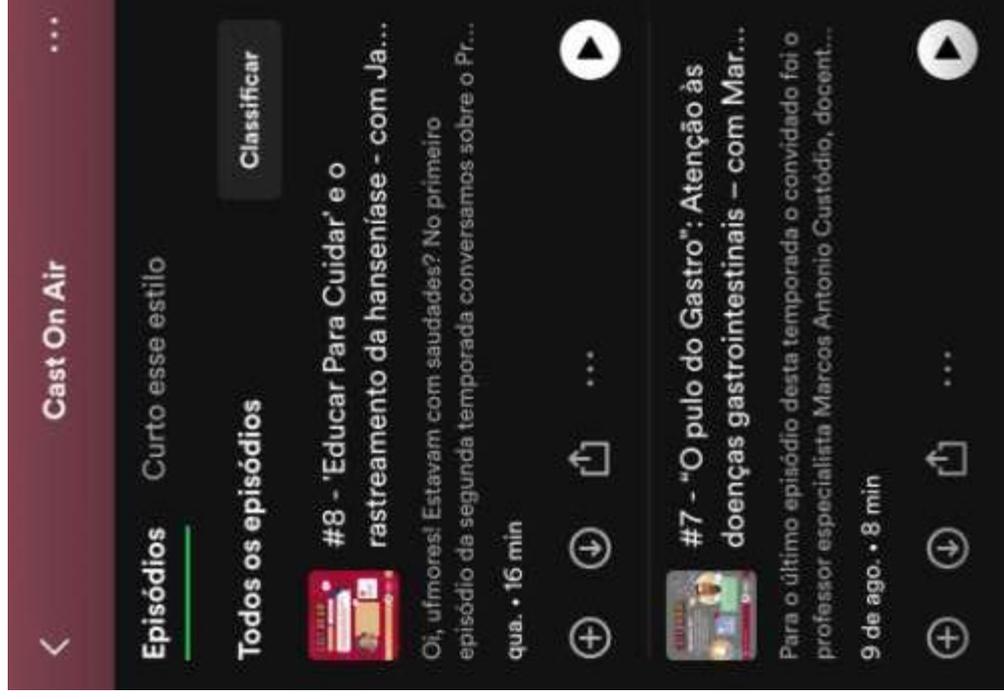
Fonte: Elaborada pelo autor com base nas falas dos entrevistados do Grupo II.

ANEXO L - MEIOS INSTITUCIONAIS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Meios institucionais de divulgação científica	Características	Divulgação Científica	Alcance campus de Imperatriz
<p>Portal da instituição, redes sociais (Instagram, YouTube, Twitter), Spotify (em implantação - na data da entrevista)</p>	<p>A IES possui um portal oficial e o campus de Imperatriz uma página no domínio da instituição. Assim como as redes sociais, existe o perfil oficial e o perfil do campus de Imperatriz, exceto twitter que o campus sede possui.</p>	<p>Em sua maioria de caráter factual, com exceção do podcast que é de iniciativa somente do campus de Imperatriz e que tem a proposta, segundo o entrevistado, de ser de divulgação da ciência.</p>	<p>Sim</p>
<p>TV da Universidade, Rádio Universidade</p>	<p>Esses meios possuem programação voltada para divulgação da ciência e cultura.</p>	<p>Em sua maioria com divulgação da ciência e cultura e com programas exclusivos de divulgação da ciência e cultura.</p>	<p>Somente por acesso por meio da internet. Ainda assim, pouca divulgação de pesquisas de Imperatriz.</p>

Fonte: Elaborada pelo autor com base nas falas dos entrevistados do Grupo II e da observação não-participante.

ANEXO M - PÁGINA PODCAST - CAMPUS IMPERATRIZ



The screenshot displays a podcast player interface for 'Cast On Air'. At the top, there is a navigation bar with a back arrow, the title 'Cast On Air', and a menu icon. Below this, the 'Episódios' section is highlighted with a green underline, and the text 'Curto esse estilo' is visible. A 'Classificar' button is located to the right. The main content area shows two episode cards. The first card, titled '#8 - 'Educar Para Cuidar' e o rastreamento da hanseníase - com Ja...', includes a thumbnail image, a description starting with 'Oi, ufmores! Estavam com saudades? No primeiro episódio da segunda temporada conversamos sobre o Pr...', and a duration of '16 min'. The second card, titled '#7 - "O pulo do Gastro": Atenção às doenças gastrointestinais – com Mar...', includes a thumbnail image, a description starting with 'Para o último episódio desta temporada o convidado foi o professor especialista Marcos Antonio Custódio, docent...', and a duration of '8 min'. Each episode card has a set of interaction icons: a plus sign, a download arrow, a share icon, and a play button.